



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Centro de Ciências da Educação

CURSO DE GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECOMIA



José Paulo Speck Pereira

OS BENEFÍCIOS ADVINDOS DA PARTICIPAÇÃO EM
PROGRAMAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA NOS CURSOS DE GRADUAÇÃO:
revelações da literatura *versus* percepção dos alunos.

Florianópolis, 2010.

José Paulo Speck Pereira

OS BENEFÍCIOS ADVINDOS DA PARTICIPAÇÃO EM
PROGRAMAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA NOS CURSOS DE GRADUAÇÃO:
revelações da literatura *versus* percepção dos alunos.

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Biblioteconomia, do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia. Orientação de: Profa Edna Lúcia da Silva..

Florianópolis, 2010.

P436b

Pereira, José Paulo Speck, 1985-

Os benefícios advindos da participação em programas de iniciação científica nos cursos de graduação: revelações da literatura versus percepção dos alunos / José Paulo Speck Pereira. -- Florianópolis, 2010. 147 f. ; il.

Orientadora: Edna Lúcia da Silva.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Biblioteconomia, Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

1.Pesquisa. 2. Iniciação científica. 3. Comunicação científica. I. Título.

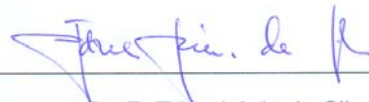
CDU 001

José Paulo Speck Pereira

OS BENEFÍCIOS ADVINDOS DA PARTICIPAÇÃO EM PROGRAMAS DE
INICIAÇÃO CIENTÍFICA NOS CURSOS DE GRADUAÇÃO:
revelações da literatura *versus* percepção dos alunos.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Graduação em Biblioteconomia,
do Centro de Ciências da Educação da
Universidade Federal de Santa Catarina, como
requisito parcial à obtenção do título de
Bacharel em Biblioteconomia, aprovado com
nota 10.

Florianópolis, 5 de agosto de 2010.



Prof^a. Edna Lúcia da Silva, Doutora
Universidade Federal de Santa Catarina
Professora Orientadora



Prof^a Magda Teixeira Chagas, Doutora
Universidade Federal de Santa Catarina
Membro da Banca Examinadora



Prof^a Miriam Figueiredo Vieira da Cunha, Doutora
Universidade Federal de Santa Catarina
Membro da Banca Examinadora

AGRADECIMENTOS

- à professora Edna Lúcia da Silva, pelas orientações durante a iniciação científica e nesta monografia. E também pelo grande exemplo de pesquisadora que é para mim.

- às professoras Magda Teixeira Chagas e Miriam Figueiredo Vieira da Cunha, por tudo que oportunizaram a mim durante a graduação e por terem aceitado participar da banca para defesa desta monografia. Agradeço também à professora Lígia Maria Arruda Café por ter aceitado generosamente o convite para participar da banca na condição de suplente.

- a todos os professores que tive durante do curso de Biblioteconomia.

- à turma de 2006 1: Cláudia, Paula, Fabi Fuhr, Mario, William, Renilda, Leila, Alice, Débora, Eliane, Carol, Adriana (as duas), Michele, Aime, Raquel, Rosiane, Rafael, Fernanda, Margarete, Katiusa, Murilo, Sayona, Joatan, Dani...

- à Marchelly, Aureliana, Deyse, Camila, Claudiane, Kellyn, Daniel e Thais, Ana Cláudia, Cleoci, Scheila...

- ao Gabriel, Richard, Ruben, Luís e Allan.

- a todos que trabalham na Biblioteca Universitária e no Departamento de Desenvolvimento e Administração de Pessoal da UFSC.

- a todos que trabalham no Laboratório de Novas Tecnologias, do Centro de Ciências da Educação (e da Informação!) da UFSC.

Em especial, agradeço muito a minha família, que me deu um passado do qual me orgulho, deu-me o sustento e as condições para eu me compreender como alguém que pode ser capaz de progredir sempre.

Agradeço igualmente aos amigos de Laguna e também àqueles conquistados na UFSC.

Por último, agradeço a todos que envidam esforços para melhorar a qualidade da educação ofertada pela UFSC, bem como para mantê-la como instituição pública e gratuita.

RESUMO

PEREIRA, José Paulo Speck. **Os benefícios advindos da participação em programas de iniciação científica nos cursos de graduação**: revelações da literatura *versus* percepção dos alunos. 2010. 147 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia)-Curso de Graduação em Biblioteconomia, Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

Pesquisa que analisa os benefícios advindos da participação em programas de iniciação científica (IC) em cursos de graduação, considerando duas vertentes: o que é dito na literatura sobre esse processo e o que é percebido pelos alunos egressos desses programas que cursaram ou estão cursando pós-graduação. Constitui como corpus de análise 30 trabalhos de cunho acadêmico publicados sobre a temática IC na graduação. Utiliza a análise de conteúdo como técnica de tratamento dessas informações, agrupando-as em cinco categorias/variáveis de análise: a) competências adquiridas na IC; b) influência da IC na atuação profissional; c) a relação IC e pós-graduação; d) vantagens competitivas; e) a influência da IC para o aluno adquirir uma visão crítica. Realiza nove entrevistas com ex-bolsistas de IC graduados em Biblioteconomia, mestres ou mestrandos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Sistematiza tais depoimentos utilizando a técnica do Discurso do Sujeito Coletivo. Caracteriza os sujeitos da pesquisa como seis do sexo feminino e três do sexo masculino; faixa etária entre 24 e 34 anos; seis formados em Biblioteconomia na UFSC; oito tiveram bolsa de IC por mais de um ano; todos estão atualmente empregados e três deles são professores universitários. Constata por meio das idéias centrais mais presentes em seus discursos que as principais contribuições da IC para sua vida acadêmica foram: a) a valorização do trabalho colaborativo, em especial com os professores, professores-orientadores e colegas; b) a vontade de ingressar na pós-graduação e seguir na carreira docente; c) o aprendizado sobre a elaboração de uma pesquisa científica; d) o desenvolvimento da capacidade de interpretação, leitura e redação; e) desenvolvimento da capacidade de crítica, de tomada de decisão e de raciocínio. Conclui que todos os benefícios da IC encontrados na literatura foram mencionados pelos entrevistados, alguns de forma explícita, outros mais sutilmente e que a experiência da IC é uma oportunidade para o aluno adquirir competências e vivenciar situações de aproximação com o exercício da pesquisa científica.

PALAVRAS-CHAVE: Pesquisa. Iniciação científica. Comunicação científica.

ABSTRACT

PEREIRA, José Paulo Speck. **Benefits from participating in undergraduate scientific initiation programmes:** literature disclosures *versus* alumni perception. 2010. 147 f. BSC Thesis (Graduation in Library Science)-Library Science Undergraduate Course, Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

A Research regarding the benefits from participating in scientific initiation programmes (SI) in undergraduate courses, considering two single strands: the literature take on this process and what is perceived by students who took part in such programmes, being engaged or having prior experience in graduation programmes. Analysis corpus is comprised by 30 academic papers regarding the SI experience theme during undergraduate courses. This research utilizes content analysis as the prime information processing technique, grouping it under five main analysis categories/variables: a) skills acquired during SI period; b) SI influence on professional performance; c) SI–graduate relation; d) competitive advantages; e) how SI steers *alumni* to acquire a critical view. Nine interviews with ex–SI trainees, undergraduates in Library Science, Masters or graduates from Universidade Federal de Santa Catarina’s MLIS graduate program, were conducted. These interviews were then processed through the “Collective Subject Speech” technique. This research groups and describes the subjects as follows: six females and six males; age group between 24 and 34 years old; six of them graduated in UFSC’s Library Science course; eight took part in an SI programme for at least one year; all of these students are currently employed, and three of them are college teachers. This research also finds, through the central ideas embedded in its inception, that the SI’s main contributions to their academic life were: a) valuing collaborative labor, notably with professors, teacher-advisers and colleagues; b) the will to engage in post-graduate programmes and pursue a teaching career; c) the learning involved in the development of a scientific research; d) development of interpretation, composing and reading skills; e) development of critical decision making and reasoning skills. Lastly, all benefits from SI interaction found on literature were mentioned by the survey respondents – some more subtly, some explicitly – therefore concluding that SI experience is an opportunity for the students to gather skills and experience revealing situations through Scientific Initiation and research.

KEYWORDS: Research. Scientific Initiation. Scientific Communication.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Alunos ingressantes no PPGCIN UFSC	24
Tabela 2: Quantidade de alunos ingressantes no PGCIN UFSC que foram bolsistas de IC na época da graduação em Biblioteconomia.....	25

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Literatura especializada sobre IC: dados do <i>corpus</i>	32
Quadro 2: Informações sobre a vida acadêmica dos participantes da pesquisa	60
Quadro 3: Perfil dos participantes da pesquisa: sexo, idade e profissão atual	61

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	15
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	20
3.1	PRIMEIRA ETAPA: A ANÁLISE DO CONTEÚDO DAS PUBLICAÇÕES.	20
3.2	SEGUNDA ETAPA: O DISCURSO COLETIVO DOS EX-BOLSISTAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA.	23
3.3	TERCEIRA ETAPA: AS REVELAÇÕES DA LITERATURA <i>VERSUS</i> AS PERCEPÇÕES DOS ALUNOS.	29
4	RESULTADOS	30
4.1	PUBLICAÇÕES SOBRE INICIAÇÃO CIENTÍFICA NA LITERATURA ESPECIALIZADA.	30
4.1.1	Os conteúdos das publicações, agrupadas por categorias ...	34
4.1.1.1	Competências adquiridas na iniciação científica.....	34
4.1.1.2	Influência da iniciação científica na atuação profissional.....	37
4.1.1.3	A relação iniciação científica e pós-graduação.....	41
4.1.1.4	Vantagens competitivas	42
4.1.1.5	A influência da iniciação científica para o aluno adquirir uma visão crítica	46
4.1.2	Análise do conteúdo das publicações	48
4.2	AS REPRESENTAÇÕES DOS EX-BOLSISTAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA GRADUADOS EM BIBLIOTECONOMIA.	58
4.2.1	Os ex-bolsistas de iniciação científica: apresentação e análise das questões objetivas	59
4.2.2	O discurso coletivo dos ex-bolsistas de iniciação científica: sistematização das questões abertas.	62
4.2.2.1	A interpretação dos DSC	69
4.3	AS REVELAÇÕES DA LITERATURA <i>VERSUS</i> AS PERCEPÇÕES DOS ALUNOS	77
5	CONCLUSÃO	83
	REFERÊNCIAS	86
	APÊNDICES	91
	APÊNDICE A – <i>Corpus</i> da pesquisa: literatura sobre iniciação científica na graduação.	92
	APÊNDICE B – Modelo do termo de consentimento livre e esclarecido e do questionário utilizados na pesquisa.	106
	APÊNDICE C – Instrumento de Análise do Discurso (IAD 1).	108
	APÊNDICE D – Instrumento de Análise do Discurso 2 (IAD 2).....	120
	ANEXOS	130
	ANEXO A – Respostas dos participantes às perguntas da entrevista.	131

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa é um ofício aprendido após longos anos de dedicação e estudo. Está associada às ações de descobrir e aprofundar as informações referentes aos fenômenos da natureza e da sociedade, bem como reformular ou mesmo refutar as explicações desses fenômenos. Barros e Lehfeld (1986, p. 87) definem a pesquisa como um “ato dinâmico de questionamento, indagação e aprofundamento consciente na tentativa de desvelamento de determinados objetos. É a busca de uma resposta significativa a uma dúvida ou problema”. As autoras ainda acrescentam que uma pesquisa só recebe a qualificação de pesquisa científica se no seu desenvolvimento for utilizada uma metodologia científica, algo essencial na obtenção de dados confiáveis.

O foco desta pesquisa volta-se para a formação de pesquisadores nas universidades brasileiras, tendo como cenário a educação para a pesquisa nos cursos de graduação. O seu desenvolvimento ampara-se em dois pressupostos básicos: 1) o ensino na universidade deve formar estudantes críticos que saibam pensar, refletir, detectar problemas e propor soluções; 2) “a construção do conhecimento é o diferencial maior dos países em termos de oportunidade de desenvolvimento” (DEMO, 1996, p.9).

Especialmente, em países em desenvolvimento como o Brasil, o incentivo à prática de pesquisa nos jovens torna-se crucial para desenvolvimento da ciência e da tecnologia no país. Em tese, tais jovens pesquisadores estariam mais aptos a ingressarem na pós-graduação após a participação em atividades de pesquisa nos cursos de graduação das universidades. A pós-graduação consolida a formação dos futuros cientistas e, em especial, a obtenção do grau de doutorado é a certificação formal para um indivíduo afirmar-se como cientista e ser reconhecido com tal. Meadows (1999) esclarece que foi no estado alemão do século XIX que tal certificação foi obtida, bem como a importância e a relevância da pesquisa na vida acadêmica do docente passou a ocupar espaço tanto quanto as atividades de ensino. O alto padrão de qualidade alcançado pela ciência produzida na Alemanha serviu como exemplo e esse modelo foi reproduzido por muitos países.

Entretanto, cabe explicar que a ciência vem sendo construída desde há muito tempo, muito antes do século XIX. Na verdade, há séculos o ser humano investiga os fenômenos da natureza e procura de alguma forma dar-lhes uma explicação. Ronan (1987) esclarece que em épocas passadas, a ciência e a magia eram entendidas como a mesma coisa, mas desde o início existia certo entendimento de que o homem poderia controlar as forças da natureza, desde que executasse o procedimento correto.

Durante milhares de anos, as duas formas de abordagem coexistiam lado e lado num estado de relativa trégua, e, à medida que as técnicas de controle da natureza do homem se tornaram mais eficientes, o mundo dos espíritos foi forçado a redimir seu papel (RONAN, 1987, p. 13).

Ronan (1987, p. 70) lembra que, com o decorrer do tempo, a magia começou e ser usada para fins levianos e de dominação, o que levou os filósofos da antiga Grécia a repudiarem esta prática. A partir desse fato, uma outra abordagem passou a predominar que foi a de “fornecer explicações naturais, não sobrenaturais, sobre o mundo, e tentar deduzir as teorias subjacentes dos fatos da observação e da experiência”. Escolas como a Academia, iniciada por Platão, e o Liceu, por Aristóteles, ambas fundadas no decorrer do século IV a.C. em Atenas, e o Museu e a Biblioteca de Alexandria, no Egito, do mesmo período, formaram centenas de pensadores e contribuíram, a seu modo, para a propagação e aprimoramento da ciência de seu tempo. A postura adotada pelos pensadores gregos influenciou enormemente a cultura científica ocidental.

Mais adiante, na Europa do final do século XVIII, o sistema de ensino superior passou por profundas transformações. Schwartzman (1979) explica que até essa época a educação superior era centrada no estudo do latim, do grego, da lógica e da filosofia, consideradas as bases para as carreiras de medicina, direito e teologia. A criação de associações científicas na França e Inglaterra, a partir da segunda metade do século XVII, bem como as contribuições ao desenvolvimento da ciência empírica de pesquisadores como Galileu e Isaac Newton e pouco mais tarde o Movimento Iluminista de Diderot e outros, evidenciaram a insuficiência da formação clássica, mencionada anteriormente. Dentro desse contexto havia também uma nova camada social que ascendia econômica, cultural e politicamente, questionando as práticas do antigo regime. As tensões dessa conjuntura culminaram na revolução

industrial inglesa e na revolução francesa. Na França, logo após a revolução, o sistema de ensino foi totalmente remodelado e as escolas passaram a ser profissionais. Porém, com Napoleão a instrução do tipo clássico foi reincorporada na educação secundária, mas a educação superior permaneceu como especializada (BEN-DAVID, 1977 apud SCHWARTZMAN, 1979). A França e a Inglaterra, ao lado do estado alemão, em especial a Prússia, eram os grandes centros de ensino superior no mundo ocidental da época.

Schwartzman (1979, p. 37-38) enfatiza a importância do sistema educacional alemão para o processo de pesquisa apresentando a seguinte explicação:

É esse sistema educacional integrado, dirigido e orientado por professores e intelectuais que consegue pela primeira vez realizar uma união efetiva entre ensino e pesquisa. Esta união se dá, inicialmente, no ensino de química, farmácia e fisiologia – que possuíam, já neste século [XIX], suficiente sistematização para permitir um ensino coerente e integrado – e também em humanidades. Além desse fator, parece ter sido fundamental, no caso alemão, a existência de um amplo sistema educacional em formação, que competia por talentos, os quais eram aferidos pela produção da pesquisa científica que fossem capazes de realizar. Assim, as universidades buscavam pesquisadores, e estes demandavam laboratórios e condições para pesquisa. Os alunos que desejassem ser professores deveriam, necessariamente, aprender a pesquisar para se colocar melhor no mercado profissional; médicos, químicos e farmacêuticos tinham agora condições de aprender a pesquisa científica durante seus anos de formação, junto com futuros mestres.

Para o sistema de ensino europeu, no entanto, o doutoramento era uma forma de “credenciar” um especialista. Schwartzman (2001) destaca que a união entre pesquisa e ensino que ocorreu pouco depois nos Estados Unidos, com a criação de escolas de pós-graduação, colocou e em destaque as atividades de pesquisa dentro da universidade, não sendo mais tratadas como um método de ensino ou atividade auxiliar.

Verhine (2008) explica que as *universidades de pesquisa* surgiram nos Estados Unidos em meados do século XIX, patrocinadas por líderes ricos e homens de negócios poderosos, tendo por base a experiência alemã. No entanto, o modelo europeu é centralizado na figura do *professor catedrático*, enquanto no modelo americano prevalece o sistema organizacional com base em *departamentos*.

A proliferação de pós-graduados nos Estados Unidos aconteceu a partir dos anos 1920, conforme explica Verhine (2008, p. 167-168):

Dois fatores foram cruciais na proliferação, registrada mais tarde, da escolaridade pós-graduada nos EUA. Um foi a criação, nos anos 20, de um programa nacional de bolsas para estudantes da pós-graduação financiado pela Fundação Rockefeller. Outro, foi uma lei, aprovada em meados dos anos 40, que autorizava os veteranos da II Guerra Mundial a estudar em cursos de pós-graduação à custa do governo federal.

Já no Brasil, segundo Schwartzman (1979), as pesquisas realizadas no período colonial eram principalmente de natureza descritiva, feitas por estrangeiros e jesuítas que observavam aspectos da natureza. A chegada da família real impulsionou atividades mais sistemáticas de pesquisa, bem como a criação de escolas e outras instituições. Ainda sim, eram precárias as condições para a prática da atividade científica, que até o início da República oscilavam “entre a instabilidade das iniciativas realizadas pelo favor imperial e as limitações das escolas profissionais, burocratizadas, sem autonomia e totalmente utilitaristas em seus objetivos.” (SCHWARTZMAN, 1979, p. 80).

Apesar de alguns avanços, Schwartzman (1979) esclarece que ainda na década de 1930, utilizando como exemplo a Universidade do Rio de Janeiro, as aulas tinham caráter expositivo e não havia espaço para a prática da pesquisa ou experimentação. Para muitos, a iniciação científica se deu fora da universidade, em instituições do governo ou ainda em laboratórios particulares. Alguns jovens de grande potencial eram mandados para universidades estrangeiras para aprender com grandes cientistas. Entrar nesses círculos não era fácil, sendo que os jovens pesquisadores eram escolhidos pelos cientistas – muitos desses vindos do estrangeiro - e trabalhavam sob sua orientação por longo período. Não eram incomuns linhagens familiares de cientistas.

Verhine (2008) esclarece que a reforma educacional de 1968 alterou a estrutura do sistema universitário brasileiro. Até essa data havia forte influência do sistema francês de ensino, com ênfase no professor catedrático. Após a reforma, a pós-graduação adquiriu um formato parecido com o modelo americano, por departamentos, entre outras mudanças. Mas, apesar dessa *influência*, Verhine (2008) explica que o modelo brasileiro de pós-graduação é híbrido e procurou adaptar aspectos positivos dos sistemas francês e americano.

Mas um passo importante para o fortalecimento das atividades científicas no Brasil ocorreu alguns anos antes da reforma educacional: a criação do Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq), em 1951. O Conselho foi o primeiro órgão brasileiro

dedicado exclusivamente ao financiamento e estímulo dessas atividades. Outras agências e fundos dedicados ao desenvolvimento da ciência e tecnologia brasileiras sugeriram a partir de então (SCHWARTZMAN, 1979). O CNPq tem por finalidade “promover e fomentar o desenvolvimento científico e tecnológico do país e contribuir na formulação das políticas nacionais de ciência e tecnologia” (CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO, 2002, p.1). Em 1974, o nome desse órgão foi alterado para Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, mas a sigla foi mantida. Em 1985, o CNPq foi vinculado ao Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT), sendo que antes estava subordinado à Presidência da República. Como resultado, muitas de suas funções passaram a ser desempenhadas pelo MCT, o que concentrou suas ações nas atividades de fomento à ciência e tecnologia (CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO, 2009).

Realizar investimentos em estudos de mestrado, doutorado e pós-doutorado de cidadãos brasileiros, bem como ajudar na organização e custeio de programas de pós-graduação no país e de iniciação científica (IC) para estudantes de graduação em instituições que realizam pesquisa estão entre as principais atividades de fomento do CNPq.

A IC na graduação é o foco de interesse desta pesquisa. O CNPq classifica as bolsas de IC que oferece aos alunos de graduação como “bolsas por quota”. As “bolsas individuais” que o CNPq oferta para pesquisador visitante, doutorado e pós-doutorado, por exemplo, devem ser solicitadas diretamente a este órgão. Já as “bolsas por cota” são repassadas às instituições, cursos de pós-graduação ou aos pesquisadores. Neste caso, os interessados pelas bolsas devem se dirigir a estes e não ao CNPq (CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO, 2006a). Em relação às instituições, como é o caso da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), o CNPq desenvolveu o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC). Este programa tem como objetivos gerais:

Contribuir para a formação de recursos humanos para a pesquisa; [...] para a formação científica de recursos humanos que se dedicarão a qualquer atividade profissional; e [...] para reduzir o tempo médio de permanência dos alunos na pós-graduação (CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO, 2006b, p.1).

Especificamente, o PIBIC procura desenvolver na instituição uma política de iniciação científica, aumentar a interação entre graduação e pós-graduação e qualificar os graduandos para os programas de pós-graduação. Selecionado e orientado por um pesquisador produtivo e de reconhecido mérito o aluno de graduação receberá o treinamento necessário para ser um futuro pesquisador. O PIBIC objetiva desenvolver nesses estudantes “a aprendizagem de técnicas e métodos de pesquisa, bem como estimular o desenvolvimento do pensar cientificamente e da criatividade, decorrentes das condições criadas pelo confronto direto com os problemas de pesquisa” (CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO, 2006b, p.1).

As instituições contempladas com o PIBIC comprometem-se a realizar uma reunião anual – a UFSC realiza o Seminário de Iniciação Científica, que em 2009 teve a sua 19ª edição – para que os bolsistas apresentem seus trabalhos. A pesquisa realizada pelo graduando deverá ser apresentada no formato de pôster, resumo ou oralmente. O desempenho do aluno é acompanhado e avaliado durante todo o processo e esse recebe uma bolsa mensal. No ano de 2010 seu valor era de R\$ 340,00. A duração da bolsa PIBIC é de 12 meses e poderá ser renovada a critério do orientador.

Observa-se que o PIBIC privilegia a competência do pesquisador e do graduando e não a instituição. São os pesquisadores – doutores, em geral no cargo de professores em universidades – que formulam os projetos de pesquisa e indicam os graduandos para as bolsas PIBIC. O número de pesquisadores também influi no volume de bolsas que a instituição receberá, assim como a quantidade, nível e dimensão dos programas de pós-graduação, no caso de universidades divididas em unidades (CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO, 2006b).

O PIBIC faz parte dos esforços despendidos pelo governo brasileiro para que as novas gerações tenham interesse pelas atividades científicas, ingressem na pós-graduação e desenvolvam a ciência brasileira. A vocação de *cientista* é incentivada e os diferentes setores da sociedade serão beneficiados com a formação desses profissionais que terão aptidão para o desenvolvimento de pesquisas básicas e aplicadas e, conseqüentemente, poderão prestar uma contribuição efetiva ao desenvolvimento científico e tecnológico do país.

Considerando a importância de se compreender o processo de formação para a pesquisa dos estudantes de graduação, foram definidos para o desenvolvimento desta pesquisa alguns objetivos. Como objetivo geral, analisar os benefícios da participação em programas de iniciação científica em cursos de graduação, considerando a vertente do que é dito na literatura sobre esse processo e a vertente do que é percebido pelos alunos egressos desses programas que cursaram ou estão cursando pós-graduação. Como objetivos específicos: - Identificar os artigos que tratam desta questão na literatura nacional; - analisar os artigos que tratam desta questão na literatura nacional; - identificar alunos que estejam cursando ou cursaram pós-graduação que tenham participado de programas de iniciação científica na graduação; - levantar a percepção destes alunos quanto aos benefícios deste processo para a sua vida acadêmica e profissional; - comparar os benefícios levantados na literatura com os benefícios percebidos pelos alunos.

O trabalho, a partir da *Introdução*, está estruturado da seguinte forma: *Fundamentação teórica*, em que será debatido o conceito e os estudos sobre ciência, além da teoria das representações sociais; *Procedimentos metodológicos*, seção que descreve as ações empreendidas para recolher os dados, sistematizá-los e interpretá-los; *Resultados*, seção que detalha os materiais coletados e as análises realizadas; *Conclusão*, seção que apresenta uma síntese das atividades realizadas e dos resultados, trazendo também algumas considerações finais. Há também apêndices - que mostram os dados sistematizados - e anexo – constituído das entrevistas realizadas.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Os indivíduos que aspiram seguir a carreira de cientista percorrem um longo percurso rumo a esse objetivo. Para Köche (1997, p. 29) o que leva o homem em direção à ciência é a “necessidade de compreender a cadeia de relações que se esconde por trás das aparências sensíveis dos objetos, fatos ou fenômenos.”

A construção do conhecimento, segundo Demo (1996, p.9), é o “diferencial maior dos países em termos de oportunidade de desenvolvimento.” Tal construção, para esse autor, deve ser abarcada, definida e promovida pelo sistema educacional, “especialmente pelas universidades, para que o desenvolvimento seja humano e sustentado.”

Portocarrero (1998, p. 20) esclarece que há diferentes concepções para a ciência, que “vão desde sua compreensão como um sistema de conhecimento puramente teórico e neutro até a idéia de ciência como prática política”. O valor da ciência, segundo essa autora, muitas vezes é atribuído como uma “verdade objetiva, isenta de subjetividade e de interesses políticos – [...] situada ao lado do bem, das técnicas e dos remédios, continuamente salvadora – conforme ocorre tradicionalmente.”

As tendências mais recentes, alerta Portocarrero (1998, p. 20) “desenvolvem a noção de ciência contextual, contingencial, circunstancial, resultante da combinação de fatores sociais e econômicos”.

Schwartzman (1979, p. 2), atrela a ciência às atividades da comunidade científica ao afirmar que:

Ciência é, acima de tudo, uma comunidade de pessoas bem-informadas, trabalhando com entusiasmo no ápice de suas inteligências e criatividade. O resultado desse trabalho – artigos, informações, aplicações tecnológicas, dados – não passa da ponta de um *iceberg* de valor precário, temporário, e que não tem como se sustentar sem a base que lhe dá existência, que são os homens que o produziram.

É bem verdade que conceituar “ciência” não é tarefa simples, do mesmo modo que não é simples identificar nitidamente as barreiras que a separam de outras formas de conhecimento, como a Filosofia, o Direito e a Religião, conforme esclarece Ziman (1979). Para Meadows (1999), a ciência não é a única forma de explorar o mundo, mas o faz de maneira ímpar. Ziman (1979) considera a ciência

como conhecimento público e seu diferencial é que suas teorias e fatos são avaliados e criticados por indivíduos com competência e desinteresse, que através de consenso definem as informações convincentes o suficiente para serem universalmente aceitas.

Há diferentes abordagens e numerosos autores que se dedicam ao estudo da ciência. Segundo Meadows (1999), o mais influente deles foi Robert Merton, que propôs a existência de quatro normas básicas para a comunidade científica: universalismo (o uso de critérios preestabelecidos e impessoais), sentido de comunidade (o conhecimento científico deve ser de propriedade de todos), desprendimento (preocupação com o progresso do saber e não envolvimento emocional) e ceticismo organizado (análise crítica a procura de erros). A ciência desenvolvida sobre enfoque Mertoniano era institucionalizada, demarcada e privilegiava o uso de técnicas quantitativas.

Thomas Kuhn, um dos representantes da abordagem epistemológica da ciência (CHAMON, 2007), afirma que a pesquisa possui épocas de ciência normal, nas quais imperam paradigmas, e épocas de revoluções, quando os paradigmas antigos são quebrados pelo acúmulo de dificuldades que ocasionam, dando lugar a outros. É um modelo de análise das grandes transformações da ciência, que “vê as informações científicas acumulando-se apenas de forma limitada, com as convicções e conseqüente uso da informação sendo transformados a cada mudança de paradigma”. (MEADOWS, 1999, p. 54).

Chamon (2007) também categoriza como abordagem epistemológica as contribuições de Popper, embora com concepção diferente se comparadas com as de Kuhn. Francilen (2004, p. 31) explica que Popper construiu a ideia de falseabilidade sob o pressuposto de que “toda proposição, para ser científica, deve ser falseável”. Para esse autor, as verdades científicas são conjecturas que se manterão como válidas enquanto não forem refutadas por novas experiências, logo não se pode chegar à verdade por meio de pesquisas científicas, teorias e outros enunciados científicos.

Na abordagem sociológica da ciência, levam-se em consideração os aspectos relativos ao *fazer ciência*: “a epistemologia da ciência estuda a ciência feita (as ligações internas da lógica das idéias); a sociologia da ciência estuda a ciência que se faz, isto é, a prática da ciência.” (CHAMON, 2007, p. 39).

Como os conhecimentos científicos são considerados como relativos ao contexto no qual foram obtidos, o sucesso de uma teoria não pode ser atribuído a uma validade ou veracidade intrínseca. Na realidade, uma teoria não é bem sucedida porque ela é verdadeira, mas ela é verdadeira porque foi bem sucedida. A sociologia da ciência, então, se propõe a explicar a aceitação de uma teoria pela comunidade científica a partir de fatores, sociais ou outros, independentes da validade das teorias, pois essa é apenas uma constatação *a posteriori*. Daí o interesse dos sociólogos pelas controvérsias científicas, pois elas permitem estudar, dentro do próprio debate, os fatores que decidiram em favor de uma teoria ou outra (CHAMON, 2007, p. 40).

Ao longo do século XX, a Sociologia da Ciência passou por algumas fases. Silva (1998) explica que ela vem sendo influenciada desde 1930 pelas ideias de Robert Merton, mencionadas anteriormente, sendo que até 1970 este era um campo de estudo ortodoxo, que enfatizava as normas de comportamento, sistemas, bem como privilegiava o uso de técnicas quantitativas.

A partir de 1970, conforme Silva (1998, p. 11), surge o que se passou a denominar Nova Sociologia da Ciência que foi “caracterizada e revitalizada pela diversidade e pelo conflito e não está sujeita a um paradigma unificado.” Hoje denominada de Estudos sociais da ciência, engloba o Programa Forte, os Estudos de laboratórios e a Cientometria.

A ciência atual, na concepção de Santos (1993), considerada pós-moderna, está amparada no paradigma emergente por meio de um conjunto de teses que pressupõem: todo conhecimento científico-natural é científico-social; todo conhecimento é local e total; todo conhecimento é autoconhecimento; todo conhecimento visa constituir-se em senso comum.

Nessa perspectiva, uma série de possibilidades metodológicas passou a ser aceita e uma série de técnicas de pesquisa foi admitida no fazer científico, especialmente nas áreas das Ciências Humanas e Sociais.

Abordagens com viés sociológico são exemplos dessas novas vertentes de estudos da Ciência. As representações sociais, nessa linha, são estudos baseados na Psicologia Social, e conforme Almeida (2005b, p. 67) devem:

ser compreendidas como estruturas de conhecimento aplicadas no cotidiano dos sujeitos, tendo em vista contribuir para a construção da realidade social, envolvendo, sobretudo, afirmações, noções, concepções, suposições e idéias presentes nos discursos, individual e coletivo.

A teoria das representações sociais foi proposta por Serge Moscovici na década de 1960, tendo como objeto de estudo as representações sociais que as

pessoas criam para compreender a realidade a sua volta, visando “encontrar uma síntese explicativa para o fenômeno socioindividual”, como explica Almeida (2005b, p. 64).

Alexandre (2004, p. 135) explica que, por meio dessas representações, “busca-se decifrar os processos através dos quais o pensamento, um elemento primordial da cognição, torna-se consensual entre integrantes de um grupo ou comunidade”. Também afirma que:

Deve-se ter o cuidado de investigar as origens e a quantidade de informações veiculadas num grupo ou comunidade, sobre um dado objeto social, bem como o conjunto de idéias dominantes, utilizado pelos integrantes, para se referir ao objeto. (ALEXANDRE, 2004, p. 135).

Almeida (2005a) explica também, a partir dos trabalhos de Moscovici, que a ideia de representações sociais tem base na sociologia e na figura de Durkheim, sendo que este empregava o termo “representações coletivas”. Moscovici, no entanto, empregou o termo “representações sociais”, que considerou mais representativo para abordar as dinâmicas da sociedade atual. Sua abordagem também diminuiu o determinismo do coletivo, muito presente no pensamento durkheimiano.

Chamon (2007), por exemplo, utiliza a abordagem das representações sociais em estudo no qual entrevista doutorandos das ciências exatas sobre aspectos do desenvolvimento de suas pesquisas. A autora entende que a Psicologia Social pode contribuir para o estudo da ciência ao considerá-la uma atividade humana socialmente construída, estudando as representações daqueles que a praticam.

A partir do conceito de representação social pretende-se, nesta pesquisa, analisar a formação de pesquisadores nos cursos de graduação das universidades.

Meadows (1999) revela que a formação dos futuros pesquisadores tornou-se mais demorada, na medida em o conhecimento humano foi se tornando mais complexo.

Os cursos de graduação sofreram mudanças não apenas no que tange à gama de informações com que se tem de lidar, mas também no que se refere à maneira como as informações são estruturadas. Os conhecimentos, à medida que se expandiam, foram desenvolvendo uma estrutura teórica cada vez mais complexa. Em geral, é somente depois de uma longa exposição a conhecimentos especializados que os pesquisadores potenciais chegam a formar uma idéia sobre como dar início a um trabalho que seja novo. Para a execução efetiva de um projeto de pesquisa eles precisam de uma capacitação adicional, que vem se

tornando cada vez mais formalizada ao longo dos anos. Hoje em dia, exige-se geralmente que a pessoa que pretende ser pesquisador estude para obter um título de pós-graduação (normalmente um doutorado) sob a supervisão de um orientador, que se presume seja possuidor de experiência nos mistérios do processo de pesquisa (MEADOWS, 1999, p. 22).

Demo (1997) entende que a inserção da prática da pesquisa já na fase da graduação pode trazer resultados muito positivos para o desenvolvimento do estudante. O autor, que defende a educação pela pesquisa, ensina que “educação é sobretudo formar a autonomia crítica e criativa do sujeito histórico competente.” (DEMO, 1997, p. 16). O autor insiste na necessidade de haver entrelaçamento entre teoria e prática no processo de aprendizagem. Assim, o estudante deve ser motivado a questionar, tomar iniciativa, buscar dados e fontes e instigado ao desafio da elaboração própria. Salaria a importância de o estudante fazer interpretações, não apenas ler e compreender de maneira passiva, mas se posicionar como sujeito, incutir sua marca pessoal no processo transmissor.

A pesquisa, na universidade, faz parte da profissionalização também, não sendo, pois, apenas opção ou vocação, mas componente crucial do processo de formação e recuperação permanente da competência; é, por isso, a maneira decisiva de substituir treinamento por educação, ou seja, o mero fazer, pelo saber fazer e sempre refazer; tratando-se de formação da competência, o aspecto formativo deve predominar sobre o transmissivo (DEMO, 1997, p. 87).

O interesse deste estudo concentra-se nas representações sociais de ex-estudantes de graduação, ou, mais especificamente, no discurso coletivo dos ex-estudantes de Biblioteconomia que na graduação foram bolsistas PIBIC e após essa fase ingressaram na pós-graduação, visando aprofundar a reflexão sobre os benefícios advindos da participação em programas de iniciação científica.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Barros e Lehfeld (1986) indicam que o termo metodologia designa a área de estudo que descreve e analisa os métodos, que são os processos ordenados empregados ao longo de um caminho para se chegar a um fim. Ao longo deste caminho aplicam-se técnicas que instrumentalizam a orientação metodológica.

Para a consecução dos objetivos propostos foram selecionados e aplicados, em momentos distintos, técnicas de sistematização e análise dos dados distintas. Na primeira etapa, o *corpus* da pesquisa constituiu-se de publicações impressas e digitais que trataram da IC e/ou iniciação à pesquisa em cursos de graduação. Na segunda etapa, o material de análise foi composto pelas entrevistas dos ex-bolsistas de IC graduados em Biblioteconomia, mestres ou mestrandos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFSC (PGCIN UFSC). Finalmente, como terceiro momento, houve a comparação entre os resultados que as duas etapas iniciais apresentaram.

Os procedimentos metodológicos empregados serão detalhados nas próximas seções deste capítulo.

3.1 PRIMEIRA ETAPA: A ANÁLISE DO CONTEÚDO DAS PUBLICAÇÕES.

A primeira etapa da pesquisa teve características de pesquisa exploratória, descritiva, qualitativa e procedimento técnico de pesquisa documental. Segundo Gil (1991), a pesquisa exploratória tem por objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema de pesquisa com vistas a sua explicitação ou construção de hipóteses; a pesquisa descritiva objetiva descrever as características de um fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis; pesquisa qualitativa refere-se a interpretação de fenômenos e a atribuição de significados a esses fenômenos em detrimento de medições estatísticas (SILVA; MENEZES, 2005, p. 20); o procedimento técnico utilizado nesta etapa foi a pesquisa documental, pois foi

“elaborada a partir de materiais que não receberam tratamento analítico.” (GIL, 1991).

As categorizações acima fazem referência ao *corpus* da pesquisa nesta etapa e ao seu tratamento analítico, que foi constituído por materiais publicados (capítulos de livro e artigos de periódicos) que tinham como temática a IC e iniciação à pesquisa em cursos de graduação. Os dados levantados foram tratados com base na análise de conteúdo de Bardin (1979, p. 42), que é:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitem a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

A análise de conteúdo proposta se dividiu em três etapas:

1. A pré-análise: fase de organização, no plano da análise. Foram escolhidos os documentos que fizeram parte do *corpus* da pesquisa, bem como foram elaborados os objetivos e indicadores que fundamentaram a interpretação final. Tais procedimentos se concretizaram ao longo da leitura flutuante e do contato exaustivo com os documentos.
2. A exploração do material: fase de codificação, enumeração, entre outros procedimentos previamente definidos, do material que compôs o *corpus* da pesquisa.
3. Tratamento dos resultados obtidos e interpretação: fase de transformação dos dados brutos em informações significativas e válidas. A partir daí, interpretações e inferências foram realizadas, além da comparação dos resultados com os objetivos previstos, sendo que estes poderiam coincidir ou apresentar descobertas inesperadas.

Na prática, o trabalho iniciou com a reunião de publicações que abordavam a IC durante os cursos de graduação. Para que o *corpus* criasse o volume necessário para o desenvolvimento da pesquisa, a busca de materiais teve início nos arquivos virtuais dos periódicos brasileiros da área de Biblioteconomia e Ciência da Informação, no primeiro semestre de 2009. Para tal, foram utilizadas no processo

de busca e recuperação da informação, as palavras-chave: iniciação científica, capacitação científica, pesquisa discente, formação profissional, pesquisa. Apesar da quantidade de termos utilizados no processo de recuperação, somente três documentos pertinentes ao tema de pesquisa foram recuperados nos *sites* desses periódicos.

A partir daí, optou-se por reunir publicações de outros campos do saber, inicialmente pela necessidade de se trabalhar com um *corpus* mais robusto para fornecer subsídios mais consistentes para as análises. As buscas voltaram-se, então, para a Biblioteca Eletrônica SciELO (<http://www.scielo.org>) e para o catálogo do Sistema de Bibliotecas da UFSC, que é operado pelo sistema Pergamum (http://aspro02.npd.ufsc.br/pergamum/biblioteca/index.php?resolution2=1024_1). O cuidado com a fonte de busca foi necessário para que os documentos coletados fossem dignos da maior confiabilidade possível. Novamente, apesar da adoção desse novo processo a quantidade de materiais recuperados foi pequena. Por fim, optou-se pela realização de buscas no Google (www.google.com). Para assegurar maior confiabilidade aos materiais recuperados por meio dessa ferramenta de busca, levou-se em consideração apenas artigos publicados em periódicos científicos. No período abrangido entre o primeiro semestre de 2009 até fevereiro de 2010, as buscas na Internet foram realizadas, em dias e horários distintos.

Todos os documentos recuperados seriam lidos na íntegra, de modo que a possibilidade de ter acesso ao texto completo foi um fator também levado em consideração para se construir o *corpus*. Outro parâmetro adotado refere-se à utilização de documentos publicados no Brasil a partir do início da década de 1990, quando o PIBIC foi implantado pelo CNPq. Tais critérios foram necessários para que os conteúdos retirados da literatura não destoassem tanto da realidade dos entrevistados, alunos ou ex-alunos do PGCIN UFSC, que teve início em 2003.

O trabalho de seleção das publicações exigiu a leitura de dezenas de registros em catálogos, resumos, além de artigos completos. Os documentos, uma vez selecionados como integrantes do *corpus*, foram lidos inúmeras vezes. É a fase de *contato exaustivo* com os documentos: conhecer seus conteúdos em profundidade, entender as relações que os autores desenvolvem em suas obras e as semelhanças, ou diferenças, existentes entre as diferentes publicações. As primeiras

impressões, hipóteses e inferências (ainda que muito vagas) sobre os dados coletados também surgiram nesse período.

Após essa fase, iniciou-se o processo controlado de organização do *corpus*. Foram feitas as referências e resumos das publicações, tendo por base as normas NBR 6023 (elaboração de referências) e NBR 6028 (elaboração de resumos) da Associação Brasileira de Normas Técnicas. (O resultado pode ser conferido no Apêndice A). Novamente, a construção desses *produtos* foi um momento em que o autor deste trabalho teve grande contato com o conteúdo das publicações. Durante esse processo, começou-se a identificar e agrupar as publicações pelos temas que apresentavam em comum. Os objetivos maiores desta pesquisa também foram levados em consideração nesse momento.

As categorias em que foram enquadrados os materiais do *corpus* surgiram após a análise dos agrupamentos de publicações, tendo em mente os objetivos da pesquisa. Não foram encontradas taxonomias prontas na literatura sobre o tema IC, de modo que as categorias elaboradas são, em outras palavras, fórmulas sintéticas que representam esses agrupamentos. Nesse processo, levaram-se em consideração os conteúdos das seções de resultados, discussão e conclusão. Para os trabalhos que eram pequenas revisões de literatura ou debates sobre um tema, todas as seções foram igualmente consideradas.

3.2 SEGUNDA ETAPA: O DISCURSO COLETIVO DOS EX-BOLSISTAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

A segunda etapa teve características de pesquisa exploratória, descritiva e qualitativa. Constituiu-se na sistematização das respostas dos mestres ou mestrandos do PGCIN UFSC com referência às percepções dos mesmos quanto ao impacto, as marcas e aos resíduos que a experiência como bolsista de IC deixou na sua formação profissional.

A preocupação inicial foi delimitar a população que viria a participar do estudo. Esta etapa teve início com uma busca no *site* do PGCIN UFSC (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, 2010a). O objetivo foi obter a lista completa dos

estudantes que conseguiram ingressar no Programa, cuja primeira turma data de 2003.

Esse recorte foi feito tendo em vista que o mestrado, sendo uma etapa de formação à pesquisa científica, daria aos alunos parâmetros para comparar e responder com mais certeza quais benefícios a IC lhes trouxe.

Não houve preocupação em averiguar os desistentes do Programa ao longo do tempo, pois se considerou que o fato de que haviam sido aprovados na seleção os tornaram, pelo menos em tese, capacitados para prosseguir no mestrado e, assim, já se tornavam aptos a participar da presente pesquisa. Os ingressantes do Programa no ano de 2010 não entraram na lista. No total foram 88 estudantes que foram selecionados para ocupar uma vaga no Programa, conforme é possível observar na Tabela 1.

Tabela 1: Alunos ingressantes no PPGCIN UFSC.

Anos	Ingressantes	%
2003	10	11,36
2004	10	11,36
2005	15	17,04
2006	12	13,63
2007	14	15,9
2008	13	14,77
2009	14	15,9
Total	88	100

Fonte: Universidade Federal de Santa Catarina (2010a).

A fase seguinte consistiu em descobrir quais desses estudantes tiveram bolsa de IC na época da graduação em Biblioteconomia. Para tal, utilizou-se como instrumento de busca os currículos Lattes dos mesmos, disponíveis na Plataforma Lattes do CNPq (<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/busca.do?metodo=apresentar>). A instituição na qual a graduação foi realizada não foi levada em consideração na hora de elaborar critérios de exclusão. Se a proposta fosse selecionar unicamente mestres ou mestrandos que cursaram Biblioteconomia na Região Sul do Brasil, por exemplo, a população estudada ficaria reduzida. Na fase de análise da literatura sobre IC, os textos do *corpus* eram oriundos de diferentes regiões do País e seus conteúdos eram, em alguns casos, pesquisas sobre

instituições e indivíduos localizados em diferentes pontos do Brasil, o que certamente enriqueceu os dados desta pesquisa. Do mesmo modo, na etapa agora descrita, de análise dos discursos de ex-graduandos provenientes de diferentes escolas de Biblioteconomia brasileiras, considerou-se essa diversidade como positiva.

Na Tabela 2, é possível observar o tamanho da população pesquisada: 11 ex-alunos de Biblioteconomia ex-bolsistas de IC, que representam 12,5% de todos os alunos ingressantes no PGCIN.

Tabela 2: Quantidade de alunos ingressantes no PGCIN UFSC que foram bolsistas de IC na época da graduação em Biblioteconomia.

Anos.	Ingressantes no PGCIN UFSC.	%	Ingressantes com IC.	%
2003	10	11,36	3	27,2
2004	10	11,36	1	9,09
2005	15	17,04	1	9,09
2006	12	13,63	2	18,18
2007	14	15,9	2	18,18
2008	13	14,77	1	9,09
2009	14	15,9	1	9,09
Total	88	100	11	100

Fonte: Plataforma de currículos Lattes (2. sem. 2009).

Descobertos os sujeitos que atendiam aos requisitos desta pesquisa, elaborou-se um instrumento de coleta de dados – um roteiro de entrevista com perguntas objetivas e subjetivas.

O instrumento de coleta de dados foi pré-testado com o propósito de ser aperfeiçoado. Elaborou-se, primeiramente, um roteiro que foi aplicado e com base nas sugestões recebidas o roteiro foi modificado e aprimorado. Após essa etapa, o roteiro da entrevista foi encaminhado por *e-mail* aos 11 ex-bolsistas de IC, juntamente com um termo de consentimento livre e esclarecido. (Os modelos do roteiro de entrevista e do Termo constituem o Apêndice B). As entrevistas foram realizadas por *e-mail* porque grande parte dos entrevistados não se encontrava em Florianópolis à época da coleta de dados. Isso ocorreu entre os dias 15 de dezembro de 2009 e oito de janeiro de 2010. O recebimento das entrevistas

respondidas teve início em 16 de dezembro de 2009. Alguns participantes da pesquisa avisaram que entregariam as respostas em outro momento. Outros, no entanto, não demonstraram sinal de que haviam recebido a mensagem encaminhada nas datas indicadas acima. Para esses, uma nova mensagem foi encaminhada, juntamente com o roteiro e o termo de consentimento livre e esclarecido.

Em um curto espaço de tempo a maioria dos respondentes deu retorno. Em 16 de janeiro de 2010, dez entrevistas já haviam sido recebidas e somente em uma delas foi detectado que, na verdade, o entrevistado não tinha participado efetivamente de atividades oficiais de iniciação científica, embora tal informação constasse no seu Currículo Lattes. As respostas de nove questionários constituíram, então, a base utilizada para descobrir a percepção desses entrevistados a respeito dos efeitos que a experiência da IC teve em suas vidas acadêmicas como alunos da graduação em Biblioteconomia, mestrados ou mestres em Ciência da Informação pela UFSC, e na sua profissão.

O roteiro de entrevista enviado aos participantes possuía, conforme é possível observar no Apêndice B, questões fechadas (objetivas) e abertas (subjetivas). As primeiras visavam obter algumas características dos sujeitos participantes da pesquisa e pertinentes aos propósitos deste estudo (Idade; Sexo; Instituição em que cursou graduação em Biblioteconomia; Ano em que concluiu a graduação; Em quais anos participou de programas de iniciação científica; Participação em programas de iniciação científica: 1 ano, 2 anos, 3 anos, +4 anos; Ano de conclusão do mestrado; Exercício profissional atual).

As questões abertas do questionário visavam obter o discurso dos participantes em relação às percepções dos mesmos quanto ao impacto, as marcas e os resíduos que a experiência como bolsista de IC deixou na sua formação profissional. Para a sistematização das respostas foi utilizada a técnica do Discurso do Sujeito Coletivo, ou DSC.

O DSC é “uma forma de representar a opinião coletiva por meio de um discurso da realidade.” (LEFEVRE; LEFEVRE, 2005, p. 46). Ele constitui-se de uma “estratégia metodológica que, utilizando uma estratégia discursiva, visa tornar mais clara uma representação social, bem como, o conjunto de representações que

conforma um dado imaginário.” (LEFEVRE; LEFEVRE, 2003, p. 19 *apud* RASCHE, 2005, p. 112).

O DSC consiste, então, numa forma não-matemática nem metalingüística de representar (e de produzir), de modo rigoroso, o pensamento de uma coletividade, o que se faz mediante uma série de operações sobre os depoimentos, que culmina em discursos-síntese que reúnem respostas de diferentes indivíduos, com conteúdos discursivos de sentido semelhante. (LEFEVRE; LEFEVRE, 2005, p. 25).

Uma rápida olhada na Internet permite encontrar dezenas de publicações que utilizam o DSC como técnica de pesquisa em campos do conhecimento variados. Segundo Lefevre e Lefevre (2006), a técnica tem sido empregada em um grande número de pesquisas acadêmicas, com destaque para a área da Saúde. Como exemplos podem-se indicar teses defendidas tendo como tema a obesidade, fórum de Internet envolvendo violência urbana, e intervenção fonoaudiológica na surdez. No campo da Ciência da Informação, existem trabalhos que empregam esta técnica. Como exemplos podem-se indicar os trabalhos de Rasche (2005), Almeida (2005a) e Garcez (2009). No primeiro caso, o DSC foi empregado para conhecer as representações de ética e ética profissional nos discursos dos profissionais bibliotecários atuantes em bibliotecas públicas e a origem destas manifestações. Almeida (2005a) a empregou para conhecer as representações do campo da Ciência da Informação expressas por seus pesquisadores, no Brasil. Por fim, Garcez (2009) utilizou o DSC para conhecer a representação que o bibliotecário constrói acerca da atividade de pesquisa no contexto da escola de Educação Básica.

Talvez a característica que mais chame a atenção no DSC seja que as falas dos entrevistados são reunidas em um único discurso (ou vários discursos) e são redigidas na primeira pessoa do singular. Lefevre e Lefevre (2006, p. 519) explicam que o sujeito coletivo que o DSC pretende representar não cabe em um *nós* ou *eles* e argumentam que

a coletividade, falando na primeira pessoa do singular, não apenas ilustra o regime regular de funcionamento das representações sociais como também é um recurso para viabilizar as próprias representações sociais como fatos coletivos atinentes a coletividades qualitativas (de discursos) e quantitativas (de indivíduos). De fato, ninguém duvida que indivíduos compartilhem a(s) mesma(s) idéia(s), mas quando tais indivíduos opinam, individualmente, veiculam apenas uma parte do conteúdo da idéia compartilhada.

Um sujeito coletivo, no DSC, vem se constituindo numa tentativa de reconstituir um sujeito coletivo que, enquanto pessoa coletiva, esteja, ao mesmo tempo, falando como se fosse indivíduo, isto é, como um sujeito de discurso “natural”, mas veiculando uma representação com conteúdo ampliado.

Em outra publicação, Lefevre e Lefevre (2005, p. 51, grifo dos autores) também explicam os motivos do DSC ser redigido na primeira pessoa no singular:

Na proposta do DSC, o pensamento coletivo é, também, por certo, reconstruído, mas essa reconstituição busca a *iconicidade*, ou seja, que o produto da reconstrução possa *ficar parecido com o que é (seria) o pensamento de uma coletividade*, o que se faz preservando tanto a natureza discursiva do pensamento quanto a coletividade como sujeito desse pensamento/discurso.

O resultado final do DSC é alcançado a partir do emprego de alguns recursos metodológicos (ou operações/operadores): as expressões-chave (E-Ch), ideias centrais (ICs), ancoragens (ACs) e o próprio discurso do sujeito coletivo (DSC).

O primeiro deles, as E-Ch, são nada mais que recortes ou trechos das falas dos entrevistados que melhor descrevem seu conteúdo. As ICs, por sua vez, são descrições sucintas das falas dos entrevistados. Já as ACs são também descrições sucintas, ou *fórmulas genéricas*, como descrevem Lefevre e Lefevre (2005, p. 22), mas que representam as ideologias, crenças e valores presentes nas falas sob a forma de afirmações genéricas utilizadas pelo entrevistado para enquadrar situações particulares. “As ICs e as ACs, que são, na técnica do DSC, o equivalente das categorias, têm a função, paradigmática, de identificar, nomear e distinguir um posicionamento, ou opinião, de outro.” (LEFEVRE; LEFEVRE, 2005, p. 23). O último operador é o DSC (ou DSCs), formados pela reunião das E-Ch que possuem ICs ou ACs semelhantes.

Na presente pesquisa, as ACs não foram utilizadas. Sua identificação é complexa, exigindo maior capacidade de interpretação das falas dos entrevistados. O fato das respostas das entrevistas terem sido obtidas por *e-mail* – respostas escritas, o que exigiu dos respondentes um esforço de sistematização e síntese de suas idéias - impediu sobremaneira a identificação das *afirmações genéricas* necessárias à construção das ACs (LEFEVRE; LEFEVRE, 2005, p. 22).

As entrevistas de todos os participantes foram lidas e analisadas minuciosamente, inúmeras vezes.

De cada resposta retirou-se as respectivas E-Ch. E para que o seu processo de extração e posterior definição das ICs fossem realizados de maneira organizada e controlada, elaborou-se, para cada questão aberta, um Instrumento de Análise do

Discurso (IAD 1), que nada mais é do que uma tabela com três colunas, relacionando as ICs, E-Ch e o entrevistado de cujas respostas os operadores foram retirados. Os IAD 1 constituem o APÊNDICE C deste trabalho.

O APÊNDICE C exibe um panorama sistematizado de todas as E-Ch com as ICs correspondentes, o que possibilitou que fossem devidamente analisados. Cada ICs diferente recebeu uma *etiqueta* em forma de letra (A, B, C, D...), pela ordem em que apareciam. As ICs semelhantes receberam a mesma etiqueta, independente da questão.

Logo em seguida, houve o agrupamento das E-Ch que possuíam ICs com a mesma etiqueta. Esse agrupamento constitui o IAD 2 (ver APÊNDICE D deste trabalho).

Por último, foram construídos os DSC de cada ICs.

Essa etapa, assim como toda a construção dos IAD 1 e 2, foi realizada em computador *desktop* utilizando o editor de texto Word 2007, da empresa Microsoft. Muitas das funcionalidades que este *software* oferece foram utilizadas para a construção dos DSC, como por exemplo, marcar com determinadas cores as ICs e E-Ch semelhantes. Outra facilidade foi dividir uma página de texto em duas, o que possibilitou visualizar e trabalhar em duas partes diferentes do texto ao mesmo tempo.

3.3 TERCEIRA ETAPA: AS REVELAÇÕES DA LITERATURA *VERSUS* AS PERCEPÇÕES DOS ALUNOS.

A terceira a última etapa dos resultados da pesquisa, de cunho exploratório e qualitativo, constou da comparação entre os resultados encontrados na literatura com o DSC dos ex-bolsistas de IC mestres ou mestrandos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFSC.

4 RESULTADOS

A apresentação dos resultados desta pesquisa está dividida em três grandes partes: a primeira delas mostra a análise de conteúdo dos documentos que tratam da temática IC, constituintes do *corpus* da pesquisa. Na segunda, são sistematizadas as entrevistas realizadas com os mestres ou mestrandos do PGCIN UFSC, para formar o DSC com suas percepções quanto ao impacto, as marcas e os resíduos que a experiência como bolsista de iniciação científica deixou na sua formação profissional. Na terceira e última parte, é realizado o confronto entre o resultado da análise de conteúdo da literatura e o *discurso coletivo* construído com as percepções dos ex-bolsistas de IC.

4.1 PUBLICAÇÕES SOBRE INICIAÇÃO CIENTÍFICA NA LITERATURA ESPECIALIZADA.

Os resultados descritos a seguir foram obtidos pelo emprego dos procedimentos metodológicos descritos na seção 3.1 desta monografia.

O *corpus* constituiu-se de 30 documentos que abordaram a IC sob os mais diferentes enfoques. As abordagens desses documentos foram variadas e incluíram desde pesquisas de observação em laboratórios, pesquisas quantitativas, comparativas, bibliográficas e discussões sobre o tema IC.

Outro aspecto que chamou a atenção refere-se ao fato de que a IC, em algumas pesquisas (textos 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 18, 24, 26, 27), foi abordada como disciplina ou atividade incorporada na grade curricular; em outras (textos 1, 2, 3, 4, 6, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 27, 28, 29, 30), como programa de bolsa concedida por agências financiadoras ou por uma instituição de ensino.

Dentre os 30 documentos do *corpus*, 23 foram artigos publicados em periódicos científicos. Os sete restantes foram extraídos do livro *Iniciação científica: construindo o pensamento crítico*, que teve Julieta Calazans como organizadora (o endereço eletrônico para seu currículo Lattes é: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/>

visualizacv.jsp?id=K472787 7J6). Isto significa que cada um dos sete capítulos do livro foi considerado como trabalho individual, tendo em vista que cada um teve autoria e abordagem distintas.

A lista dos documentos que constituíram o *corpus* pode ser conferida no Apêndice A, que contém a referência e o resumo de cada documento, especialmente elaborados para integrarem a presente pesquisa.

Como resultado da estratégia de constituição do *corpus*, entre os documentos recuperados há trabalhos elaborados por pesquisadores de diferentes campos do conhecimento, como Medicina, Enfermagem, Nutrição, Educação, Engenharia, Biblioteconomia e Ciência da Informação. Até mesmo no único livro localizado, que tratou desse assunto, acima mencionado, observa-se que os autores não pertencem a mesma área do conhecimento, ainda que a maioria esteja vinculada ao campo da Educação e à Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), à época da publicação da obra. Nos artigos publicados em periódicos, a diversidade de áreas é ainda maior.

No Quadro 1, estão sintetizados os dados do *corpus* da pesquisa.

A posse desses documentos do *corpus* da pesquisa possibilitou que algumas comparações entre os mesmos fossem realizadas, com as seguintes intenções: primeiro, apropriar-se dos conteúdos dos documentos e, segundo, permitir ao leitor do presente trabalho uma visão panorâmica dos dados coletados.

A primeira dessas comparações refere-se à quantidade de autores por publicação. A autoria é um reflexo de uma série de fatores que influenciam determinadas áreas do conhecimento, tais como a organização social de determinado campo científico, os paradigmas adotados pelos seus pesquisadores, o financiamento das pesquisas e as limitações impostas pelos editores dos periódicos de cada área. Por exemplo, com referência a cooperação, Meadows (1999, p. 67) explica que há diferenças quando se analisa nos documentos o nível das atividades colaborativas nas ciências, ciências sociais e humanidades. Para esse autor, “qualquer que seja o mecanismo em jogo, a necessidade de cooperação e os meios para alcançá-la são em geral maiores nas ciências do que nas ciências sociais, e maiores nas ciências sociais do que nas humanidades.” (MEADOWS, 1999, p. 68).

Texto	Quant. de Autores	Autores masculinos	Autores femininos	Fonte	Data	Dados de publicação
1	4	0	4	Revista Latino Americana de Enfermagem	1996	v. 4, n. 2, jul.
2	2	2	0	Integração	2006	ano 12, n. 47, out./nov./dez.
3	1	0	1	Tempo Social	2003	abr. 2003
4	2	1	1	REFELD	2006	v. 1, n. 2, jun.
5	2	0	2	Informação & Informação	2002	v. 7, n. 1, jan./jun.
6	1	0	1	Livro Iniciação Científica	2002	2. ed.
7	10	8	2	Pulmão RJ	2009	v. 18, n. 1
8	8	3	5	Pulmão RJ	2005	v. 14, n. 2, abr./maio/jun.
9	13	7	6	Pulmão RJ	2007	v. 16, n. 2-4
10	4	4	0	Pulmão RJ	2004	v. 13, n. 1, jan./fev./mar.
11	11	6	5	Pulmão RJ	2006	v. 15, n. 4
12	7	3	4	Pulmão RJ	2004	v. 13, n. 3, jul./ago./set.
13	6	2	4	Pulmão RJ	2007	v. 16, n. 1
14	1	0	1	Livro Iniciação Científica	2002	2. ed.
15	5	0	5	Encontros Bibli	2009	v. 14, n. 27
16	2	2	0	São Paulo em Perspectiva	2000	v. 14, n. 1
17	2	0	2	Revista Brasileira de Enfermagem	2004	v. 57, n. 5, set./out.
18	1	0	1	TransInformação	2002	v. 14, n. 2, jul./dez.
19	1	0	1	Psicólogo <i>in</i> Formação	2001	ano 5, n. 5, jan./dez
20	3	1	2	Livro Iniciação Científica	2002	2. ed.
21	2	0	2	Livro Iniciação Científica	2002	2. ed.
22	2	1	1	Revista Latino Americana de Enfermagem	2001	v. 9, n. 4
23	2	0	2	Livro Iniciação Científica	2002	2. ed.
24	3	3	0	Revista Brasileira de Educação Médica	2008	v. 32, n. 3
25	2	0	2	Ciência & Educação	2004	v. 10, n. 1
26	2	1	1	TransInformação	2003	v. 15, n. 2, maio/ago.
27	4	0	4	TransInformação	2003	v. 15, n. 2, maio/ago.
28	1	0	1	Livro Iniciação Científica	2002	2. ed.
29	1	0	1	Cadernos de Educação	1998	v. 7, n. 10, jan./jun.
30	2	1	1	Livro Iniciação Científica	2002	2. ed.
Total	107	45	62	15 fontes de informação distintas		

Quadro 1: Literatura especializada sobre IC: dados do *corpus*.

Fonte: Pesquisa no catálogo do Sistema de Bibliotecas da UFSC, em periódicos brasileiros de Biblioteconomia e Ciência da Informação, e no motor de busca Google.

Embora informações desse tipo não devam ser tomadas como regra, ao se analisar o *corpus* da pesquisa percebeu-se maior número de colaboração estabelecida nos artigos provenientes da área de Ciências da Saúde (textos 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 16, 17, 22 e 24). Nas Ciências Sociais a colaboração foi menor (textos 3, 5, 15, 18, 26, 27). Por fim, nos trabalhos cujas áreas derivam das Humanidades o nível de colaboração também foi baixo (textos 6, 14, 19, 21, 23, 28 e 29), ainda que existam exceções (textos 20 e 30).

Outra característica observada foi o fato da *pesquisa na graduação*, ou IC, ser tema de pesquisa de alguns autores. Há seis trabalhos (textos 7, 8, 9, 10, 11 e 12) que apresentam pesquisas sobre diferentes aspectos da IC no currículo do curso de Medicina da Universidade Federal Fluminense, uma instituição carioca. Foram publicados entre 2004 e 2009. Um dos autores, Gilberto Perez Cardoso, é pesquisador titular dessa universidade e está presente na autoria das seis publicações (textos 7, 8, 9, 10, 11 e 12). No texto de Crasto, Neves, Pires, Nascimento, Vieira e Serafim (2007) também é abordada a IC na graduação em Medicina de uma universidade carioca, a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Todos os artigos mencionados foram publicados no periódico *Pulmão RJ*, mantido pela Sociedade de Pneumologia e Tisiologia do Rio de Janeiro. O texto de autoria de Oliveira, Alves e Luz (2008) do mesmo modo, tem a IC na graduação em Medicina como tema, mas seus autores levantaram dados de seis universidades em quatro estados brasileiros, e o periódico em que foi publicado é outro – Revista Brasileira de Educação Médica.

Em relação ao período de publicação das obras, os mais antigos são os textos 1 (publicado em 1996) e 29 (publicado em 1998). Todos os outros pertencem aos primeiros anos do século XXI. Como o acesso ao conteúdo integral foi um fator determinante na seleção dos documentos, acredita-se que as publicações mais recentes levaram vantagem, pois já *nasceram* em uma era digital, o que facilitou a adoção de políticas voltadas ao acesso livre ao conhecimento científico (KURAMOTO, 2006).

4.1.1 Os conteúdos das publicações, agrupadas por categorias

O propósito desta seção é apresentar as publicações sobre IC que constituíram o *corpus* desta pesquisa, reunindo-as por categorias que expressam a similaridade entre seus conteúdos.

As categorias são:

- a) competências adquiridas na IC;
- b) influência da IC na atuação profissional;
- c) a relação IC e pós-graduação;
- d) vantagens competitivas;
- e) a influência da IC para o aluno adquirir uma visão crítica.

As seções quaternárias apresentadas a seguir reúnem os documentos sob determinada categoria. Os aspectos apresentados de cada documento pontuam abordagens referentes à categoria em questão. Ressalta-se que elas não encerram o entendimento sobre o *corpus* analisado, devendo-se entendê-las como fórmulas que expressam uma similaridade existente entre os diferentes documentos. Por isso mesmo, algumas obras foram incluídas em mais de uma categoria.

4.1.1.1 Competências adquiridas na iniciação científica

A reunião dos conteúdos dos trabalhos ocorreu, aqui, pela menção às competências dos alunos obtidas com a experiência de IC. Dez trabalhos foram agrupados no total.

Texto 1: No artigo intitulado *Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica: experiência da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo*, as autoras Alencastre, Évora, Scochi e Santos (1996) apresentaram um breve histórico da trajetória do PIBIC na USP, em especial na Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto desta instituição, trazendo também manifestações positivas, negativas e sugestões de bolsistas e orientadores em relação aos

seminários de divulgação das pesquisas por eles desenvolvidas. Seminários estes organizados pela USP. Em relação às manifestações positivas da participação nos seminários, destacaram:

proporciona desenvolvimento do aluno como expositor de trabalho científico; oportunidade de aprendizagem, formação, crescimento profissional e desenvolvimento de pesquisa; incentiva o aluno a desenvolver trabalhos de pesquisa; incentiva e contribui para a produção de conhecimento. (ALENCASTRE; ÉVORA; SCOCHI; SANTOS, 1996, p. 232).

Texto 10: No artigo intitulado *Iniciação científica em medicina: uma questão de interesse para todas as especialidades*, os autores Cardoso, Silva Júnior, Martinho e Cyrillo (2004) realizaram uma pequena revisão teórica sobre a iniciação à pesquisa científica na graduação em Medicina, reunindo artigos nacionais e internacionais. Os autores citam o trabalho de Jacobs e Cross (1995, p. 9 apud CARDOSO; SILVA JÚNIOR; MARTINHO; CYRILLO, 2004, p. 9) sobre a IC na Faculdade de Medicina de Stanford, que indicam como atitudes adquiridas pelos alunos a partir da experiência de IC: "fazer perguntas, avaliar dados, usar novas técnicas, desenvolver metodologia, rever literatura criticamente, escrever manuscritos de artigos, incorporar atitudes para conduta de pesquisa responsável."

Texto 14: No capítulo de livro intitulado *A formação de novos pesquisadores: a investigação como uma construção coletiva a partir da relação teoria-prática*, a autora Damasceno (2002) analisou a prática de investigação realizada por um grupo da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, cuja equipe de pesquisadores era formada por professores e estudantes de graduação e pós-graduação. Em especial as atividades e o desenvolvimento dos estudantes com bolsa PIBIC/CNPq ao longo do processo foi objeto de reflexão. Destacou, entre outros aspectos, que a participação em atividades de pesquisa permitiu aos alunos "a compreensão da pesquisa como uma construção coletiva da equipe, onde se aprende a compartilhar e a ter compromisso com a realidade social." (DAMASCENO, 2002, p. 49).

Texto 16: O artigo de autoria de Fava-de-Moraes e Fava (2000), com o título de *A iniciação científica: muitas vantagens e poucos riscos*, tratou da importância do programa de IC para os alunos de nível superior e para o desenvolvimento e consolidação da ciência em um país, de modo geral. Os autores mencionaram algumas vantagens e desvantagens (ou imprecisões) da IC. Afirmam que uma vantagem alcançada pelos estudantes quando vivenciam a IC é a perda do medo ao que é novo e o desenvolvimento de capacidades nas expressões oral e escrita e nas habilidades manuais. Outra vantagem é a de o estudante conseguir entender precocemente de ciência atualizada, pelo convívio com pesquisadores mais experientes.

Texto 18: O artigo de autoria de Kobashi (2002) intitulado *Notas sobre o papel da pesquisa em cursos de graduação em Ciência da Informação* discutiu a atividade de pesquisa nos cursos de graduação em Ciência da Informação, atividade esta fundamental para entender e atuar na sociedade contemporânea. A autora afirmou que as atividades de investigação devem ajudar o estudante a

compreender melhor determinado aspecto da realidade. Também afirmou que não se deve esperar que as pesquisas dos discentes apresentem novas descobertas. Afirmou que “a pesquisa capacita o aluno a coletar informações, a organizá-las de modo coerente e a apresentá-las de modo confiável e convincente.” (KOBASHI, 2002, p. 156). Uma vez assimiladas, a autora crê que essas competências tornarão o aluno apto a trabalhar com autonomia, no futuro.

Texto 19: No artigo intitulado *Iniciação à pesquisa científica*, a autora Leme (2001) analisou a importância da iniciação científica na formação do psicólogo, tendo como parâmetro relatos de experiência de alunos e professores do Instituto de Psicologia da USP e critérios de agências financiadoras (FAPESP e CNPq). Mencionou o relato de um ex-bolsista de IC, que afirmou que aprendeu a fazer pesquisa, independente do tema e com rigor científico, porém dentro dos temas da Psicologia. A autora mencionou este exemplo para ilustrar a nova relação que se estabelece com o conhecimento, que se torna mais flexível e abstrata para o aluno.

Texto 20: No capítulo de livro intitulado *Ação pedagógica na iniciação científica*, os autores Maccariello, Novicki e Castro (2002) analisaram a ação pedagógica da IC na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), focando o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC). Entre outros aspectos, destacaram a fala de alunos bolsistas de IC que relataram seu aprimoramento na habilidade de escrita, indo de levantamentos bibliográficos mais simples a relatórios mais complexos, que relacionavam teoria e informações das mais variadas. Também foi mencionado o desenvolvimento da capacidade de argumentação.

Texto 21: No capítulo de livro intitulado *A iniciação científica na graduação em Nutrição: possibilidades e contribuições para a formação profissional*, os autores Maldonado e Paiva (2002) analisaram a formação científica do nutricionista, discutindo aspectos da iniciação científica nos curso de graduação em Nutrição, como base para estimular a produção de um conhecimento próprio e dominado pelo grupo para alcançar uma prática profissional com maior competência científica e legitimidade social no campo da nutrição humana. Menciona, entre outros aspectos, que a grande contribuição da IC para o aluno está no

desenvolvimento da capacidade de argumentação, de abstração, de criação de problemas, o raciocínio crítico, ou seja, o desenvolvimento do *habitus* científico, confirmando nossa hipótese de que a iniciação científica, bem como outras atividades de pesquisa paralelas ao ensino, criam no aluno e futuro profissional uma postura crítica perante o conhecimento transmitido na universidade e, posteriormente, perante a prática profissional, colaborando para torná-lo sujeito de seu aprendizado e de sua prática profissional. (MALDONADO; PAIVA, 2002, p. 159-160).

Texto 25: No artigo intitulado *Do fazer ao compreender ciências: reflexões sobre o aprendizado de alunos de iniciação científica em Química*, as autoras Queiroz e Almeida (2004) analisaram o *fazer ciência* de duas alunas de Química, bolsistas de IC, relacionando a prática à capacidade de

compreender a ciência. Constataram que as alunas aprenderam muito sobre o *fazer ciência*, em especial sobre o entendimento e o uso da linguagem científica.

Texto 29: No artigo intitulado *Iniciação científica e formação de jovens pesquisadores*, Werle (1998) descreveu e analisou o processo de formação de auxiliares de pesquisa, defendendo esta como uma atividade formativa, assim como o ensino em sala de aula. Para tal, citou dois projetos que envolveram estudantes nessa atividade, arrolando algumas das tarefas que faziam e as habilidades que conquistavam à medida do tempo. Em relação ao primeiro projeto, afirmou que as atividades desenvolvidas pelos alunos exigiam dele capacidade interpretativa, pois eles trabalhavam com a coleta de informações em documentos muito antigos. No segundo projeto, os auxiliares realizavam a transcrição da gravação de reuniões de conselhos escolares e a análise das atas dessas reuniões. A autora afirmou que foi exigida dos auxiliares a capacidade de ler com atenção, comparar, estabelecer relações entre os argumentos, ter presentes os objetivos da pesquisa e o conjunto das reuniões analisadas (WERLE, p. 170-172). A autora parafraseou a fala de uma acadêmica ao afirmar que "a participação na condição de auxiliar de pesquisa é uma chance para o aluno tornar-se mais responsável pelo seu aprendizado e pela sua formação." (WERLE, p. 173).

4.1.1.2 Influência da iniciação científica na atuação profissional

A relação entre a IC e o futuro profissional do aluno, ou a maneira como a experiência da IC afetou o desempenho profissional, foi tema abordado em 12 trabalhos.

Texto 3: No artigo intitulado *Currículo, iniciação científica e evasão de estudantes de ciências sociais*, a autora Bôas (2003) descreveu as mudanças ocorridas no currículo do curso de Ciências Sociais da UFRJ desde sua criação, em 1939 e as relaciona à taxa de evasão dos alunos. Atestou que as mudanças curriculares que ocorreram ao longo do tempo não alteraram a alta taxa de evasão, em torno de 50%. Porém, durante o período em que existiu o Programa de Iniciação Científica (1988-1997) do Laboratório de Pesquisa Social, a evasão dos alunos vinculados a esse programa ficou em 2%. Um ano após a formatura, mais de 50% dos ex-participantes do programa ingressaram em programas de pós-graduação e 45% entrou no mercado de trabalho, dos quais 22% em atividades de magistério secundário, ou seja, grande parte passou a atuar profissionalmente no campo das Ciências Sociais.

Texto 5: No artigo intitulado *O desafio de modelar a formação profissional: o futuro no presente*, as autoras Breglia e Rodrigues (2002) abordaram o modelo de formação de bibliotecários no Brasil.

Iniciaram com uma breve análise do modelo de universidade atual (o artigo é de 2002), que não está preparado para enfrentar os desafios impostos pela sociedade, entre outros motivos pela herança de uma sociedade colonial que tardiamente colocou a pesquisa na universidade. As autoras relatam sucintamente suas metodologias em sala de aula, que trabalham com os alunos a leitura/análise de textos e o que as autoras chamam de *atitude investigativa*. Afirmaram que não é intenção formar pesquisadores, "mas criar nos alunos uma predisposição ao gosto pela pesquisa." Tal prática contribui para *deslocar o futuro para o presente*, contrabalanceando o ensino de Biblioteconomia atual, que tem levado à formação de trabalhadores de nível mais técnico do que científico. Este ensino preparará os "alunos a vivenciarem as mudanças estruturais em curso na universidade brasileira." (BREGLIA; RODRIGUES, 2002, p. 64-65).

Texto 8: No artigo intitulado *Dez anos de iniciação científica: o que aprendemos? Experiência da disciplina de Iniciação Científica do Curso de Medicina da UFF*, os autores Cardoso, Silva Júnior, Carvalho Netto, Touça, Mattos, Pacheco, Brígido e Nacif (2005), constataram o aumento da participação dos professores e alunos no programa de IC do curso de Medicina da Universidade Federal Fluminense ao longo dos anos 1996-2004, período de análise. Afirmaram que:

Esses dados nos fazem perceber que há interesse dos estudantes de Medicina por pesquisa científica e que **provavelmente** já detectaram a importância desta em sua atividade profissional no futuro. Entre o primeiro semestre de 2002 e o segundo de 2004 cresceu bastante a procura pelo Programa, talvez pela maior divulgação entre os próprios alunos. [...] Concluindo, podemos afirmar que a implantação do programa de Iniciação Científica do Curso de Medicina da Universidade Federal Fluminense (UFF) contou com boa adesão de alunos e professores, vem possibilitando o engajamento de alunos e docentes em pesquisa científica e é **provável** que contribua para uma melhor formação médica. (CARDOSO; SILVA JÚNIOR; CARVALHO NETTO; TOUÇA; MATTOS; PACHECO; BRÍGIDO; NACIF, 2005, p. 134-136, grifo nosso).

Texto 9: No artigo intitulado *Influência de uma disciplina de Iniciação Científica na graduação sobre o perfil profissional de médicos*, os autores Cardoso, Cyrillo, Silva Junior, Velarde, Mattos, Touça, Carvalho Netto, Brígido, Caparelli, Nacif, Fernandes, Cardoso, Bittencourt (2007) analisaram o impacto das disciplinas de IC sobre a situação profissional dos médicos formados pela Universidade Federal Fluminense (que cursaram pelo menos duas disciplinas de IC). Compararam este grupo com outro, formado por ex-alunos que não cursaram essas disciplinas. Grande parte das características levantadas, inclusive o número de publicações acadêmicas, não possuía diferenças significativas. Mas os alunos que **não** cursaram as disciplinas de IC passaram em mais concursos públicos, além de possuírem os maiores salários. Os autores supuseram que o motivo seja o interesse dos alunos que cursaram IC pela formação médica prolongada (pós-graduação *stricto sensu*).

Texto 10: No artigo intitulado *Iniciação científica em medicina: uma questão de interesse para todas as especialidades*, os autores Cardoso, Silva Junior, Martinho e Cyrillo (2004) discutiram a importância da implantação da IC na graduação em Medicina, com embasamento na percepção de

diferentes autores sobre o assunto. Os autores observaram que existe uma percepção de que o médico que anteriormente se dedicou a pesquisa científica **teria** melhor capacidade de juízo crítico, o que **auxiliaria** na realização do diagnóstico e na tomada de decisões no campo profissional. Indicaram o trabalho de Leighton, Orrego e Vargas (1981) sobre a IC na graduação em Medicina da Universidade Católica do Chile, na qual é oferecida como disciplina optativa, e existe no programa curricular desde 1950: a maioria dos estudantes que cursaram a disciplina tornaram-se professores. Citam, também, o trabalho de Jacobs e Cross (1995) sobre a IC na Faculdade de Medicina de Stanford, cujos autores chegaram a conclusão que os "alunos que se envolveram em pesquisa tenderam a escolher a carreira acadêmica numa proporção três vezes maior do que aqueles que não o fizeram." (CARDOSO; SILVA JUNIOR; MARTINHO; CYRILLO, 2004, p. 10).

Texto 12: No artigo intitulado *Visão geral de um Programa de Iniciação Científica em medicina: experiência do Curso de Medicina da Universidade Federal Fluminense*, os autores Cardoso, Silva Junior, Carvalho Netto, Touça, Brígido, Mattos e Pacheco (2004) constataram que, à medida que o internato dos alunos (graduandos em Medicina) se aproxima, a adesão às disciplinas optativas de IC diminui. Isto poderia significar que: (a) os alunos criam outros interesses à medida que o curso avança, (b) os alunos preferem se dedicar a estudos práticos visando o concurso de Residência Médica, ou (c) pode não ser uma prioridade iniciar outra pesquisa logo após o término de uma.

Texto 19: No artigo intitulado *Iniciação à pesquisa científica*, a autora Leme (2001) analisou a importância da iniciação científica na formação do psicólogo, tendo como parâmetro relatos de experiência de alunos e professores do Instituto de Psicologia da USP e critérios de agências financiadoras (FAPESP e CNPq). Entre os aspectos positivos que relacionou, consta a categoria *relação com a profissão*, em que a autora afirma que outras possibilidades de atuação profissional passam a ser vislumbradas pelos alunos que cursaram IC, como, por exemplo, a carreira acadêmica.

Texto 21: No capítulo de livro intitulado *A iniciação científica na graduação em Nutrição: possibilidades e contribuições para a formação profissional*, os autores Maldonado e Paiva (2002) analisaram a formação científica do nutricionista, discutindo aspectos na iniciação científica nos cursos de graduação em Nutrição, como base para estimular a produção de um conhecimento próprio e dominado pelo grupo para alcançar uma prática profissional com maior competência científica e legitimidade social no campo da nutrição humana.

Texto 23: No capítulo de livro intitulado *Iniciação científica: vocação de genialidades ou prática cultural?*, as autoras Neves e Leite (2002) discutiram a questão da prática de formação do cientista, em especial os programas de iniciação científica. Afirmaram que o contato com a teoria não basta para formar um pesquisador; ele só aprenderá essa "profissão no ambiente em que a ciência é produzida." (NEVES; LEITE, 2002, p. 176). As autoras também apontaram que o termo "iniciação científica" expressa o caráter cultural da ciência, em que "novos membros tenham de ser introduzidos

nas práticas quotidianas específicas de determinada comunidade, para mais tarde serem tomados como seus membros.” (NEVES; LEITE, 2002, p. 177).

Texto 26: No artigo intitulado *A dimensão pedagógica da pesquisa nos cursos de Biblioteconomia do Mercosul: reflexões sobre uma trajetória de harmonização curricular*, os autores Rodrigues e Guimarães (2003) apresentaram as discussões realizadas nos encontros de Biblioteconomia do Mercosul, em especial nos Encontros de Dirigentes de Cursos Universitários de Biblioteconomia do Mercosul sobre a pesquisa na graduação. Rodrigues e Guimarães (2003, p.160), afirmaram que educar pela pesquisa também significa *deslocar o futuro para o presente*, ou seja, uma maneira de modificar os conteúdos curriculares de Biblioteconomia e Ciência da Informação, ainda voltados para uma racionalidade instrumental, funcional, imediata e adaptativa. Educar para a pesquisa pode transformar as novas gerações em "sujeitos da própria história, capazes de enfrentar com independência e cidadania os desafios que se avizinham em um mundo tecnológico e globalizado, principalmente, no contexto econômico-político-social dos países que integram o Mercosul." (RODRIGUES; GUIMARÃES, 2003, p.160).

Texto 28: No capítulo de livro intitulado *Iniciação científica na formação do professor: trilhas em construção*, a autora Villardi (2002) analisou a influência de grupos de pesquisa na formação dos professores, em especial da área de Letras e Pedagogia. Discutiu sobre a importância de habilidades de leitura, necessárias à capacidade de relacionar significados, tendo ligação com uma nova forma de ensino. Discutiu também que, para a formação integral do professor, há necessidade de a pesquisa fazer parte de seu processo de aprendizagem. Cita como exemplo a entrada de graduandos de Letras e Pedagogia e um grupo de pesquisa, a partir do Programa de Iniciação à Docência e do PIBIC. A autora afirmou que a inserção de alunos de graduação em grupos mais estruturados de pesquisa ligados a programas de pós-graduação que trabalham o ensino, a pesquisa e a extensão de modo indissociável é importante para a formação de professores da escola básica com espírito investigativo.

Texto 30: No capítulo de livro intitulado *Bases de pesquisa: a experiência da UFRN no fomento institucional da pesquisa*, os autores Yamamoto e Fernandes Júnior (2002) descreveram a implantação do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), que se deu a partir de 1992 na Universidade do Rio Grande do Norte, e a influência desse programa no aumento de produção científica dos professores. Afirmaram que a implantação do PIBIC na universidade estimulou a prática da pesquisa e aumentou a produção científica docente, motivando também os alunos bolsistas de IC a ingressar na pós-graduação para obter o título e retornarem a instituição. O PIBIC, dessa forma, atua indiretamente na qualificação do corpo docente.

4.1.1.3 A relação iniciação científica e pós-graduação.

Fazem parte desta categoria sete trabalhos que expuseram uma relação mais direta entre a experiência da IC na graduação e a entrada do ex-bolsista na pós-graduação. Ou o desejo expresso do aluno em cursar pós-graduação em virtude da experiência de IC.

Texto 1: No artigo intitulado *Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica: experiência da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo*, as autoras Alencastre, Évora, Scochi e Santos (1996) apresentaram um breve histórico da trajetória do PIBIC na USP. O enfoque é dado à Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da instituição, trazendo também manifestações positivas, negativas e sugestões de bolsistas e orientadores em relação aos seminários de divulgação das pesquisas por eles desenvolvidas. Seminários estes organizados pela USP. As autoras mencionaram que a Pró-Reitoria de Pesquisa da USP, por meio de levantamento, constatou que os alunos de pós-graduação que foram bolsistas PIBIC têm um tempo médio na pós-graduação mais reduzido.

Texto 2: No artigo intitulado *A iniciação científica e o Programa Espacial Brasileiro*, os autores Brecceneri e Kienbaum (2006) traçaram um panorama geral da execução do PIBIC/CNPq em 12 anos (1994-2005) de existência no Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) avaliando quantitativamente a contribuição mútua proporcionada pela participação da instituição no programa na formação de recursos humanos nas áreas da pesquisa espacial de seu interesse. Após a análise dos dados levantados, verificaram que mais de 10% de todos os ex-bolsistas PIBIC ingressaram na pós-graduação do Inpe e realizaram o mestrado no prazo de dois anos.

Texto 3: No artigo intitulado *Currículo, iniciação científica e evasão de estudantes de ciências sociais*, a autora Bôas (2003) descreveu as mudanças ocorridas no currículo do curso de Ciências Sociais da UFRJ desde sua criação, em 1939 e as relaciona à taxa de evasão dos alunos. Constatou que um ano depois da formatura "mais de 50% dos participantes do programa [de iniciação científica] do LPs [Laboratório de Pesquisa Social] ingressou em programas de pós-graduação." (BÔAS, 2003, p. 60).

Texto 14: No capítulo de livro intitulado *A formação de novos pesquisadores: a investigação como uma construção coletiva a partir da relação teoria-prática*, a autora Damasceno (2002) analisou a prática de investigação realizada por um grupo da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, cuja equipe de pesquisadores era formada por professores e estudantes de graduação e pós-graduação. Em especial as atividades e o desenvolvimento dos estudantes com bolsa PIBIC/CNPq ao longo do processo foi objeto de reflexão. Afirmou que, na primeira pesquisa que

descreve, dos sete bolsistas de IC, cinco entraram no mestrado em Educação, quatro já haviam concluído e um deles já estava no doutorado. Em relação à segunda pesquisa descrita, havia sete bolsistas também, sendo que três estavam no mestrado e todos os outros eram candidatos em potencial, considerando que esta pesquisa foi concluída mais recentemente (é importante lembrar que a obra foi publicada em 2002).

Texto 19: No artigo intitulado *Iniciação à pesquisa científica*, a autora Leme (2001) analisou a importância da IC na formação do psicólogo, tendo como parâmetro relatos de experiência de alunos e professores do Instituto de Psicologia da USP e critérios de agências financiadoras (FAPESP e CNPq). A autora afirmou que a experiência com a IC "agilizou o processo de formação de pós-graduandos", na medida em que essa experiência foi aproveitada no projeto. Acrescentou:

Este aspecto é muito positivo considerando que os prazos para a realização de mestrado e doutorado vêm diminuindo nos últimos anos, com o objetivo de agilizar o atendimento a uma demanda crescente por formação neste segmento. (LEME, 2001, p. 33).

Texto 20: No capítulo de livro intitulado *Ação pedagógica na iniciação científica*, os autores Maccariello, Novicki, Castro (2002) analisaram a ação pedagógica da IC na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), focando o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC). Destacaram, entre outros aspectos, que a experiência com a IC possibilitou aos alunos vislumbrar outros horizontes, como ingressar em programas de pós-graduação.

Texto 21: No capítulo de livro intitulado *A iniciação científica na graduação em Nutrição: possibilidades e contribuições para a formação profissional*, os autores Maldonado e Paiva (2002) analisaram a formação científica do nutricionista, discutindo aspectos da IC nos curso de graduação em Nutrição, como base para estimular a produção de um conhecimento próprio e dominado pelo grupo para alcançar uma prática profissional com maior competência científica e legitimidade social no campo da nutrição humana. Mencionaram que umas das vantagens da IC é a abreviação do tempo de término da graduação e a entrada na pós-graduação.

4.1.1.4 Vantagens competitivas

Fazem parte desta categoria as pesquisas cujos autores compararam os conhecimentos de alunos que cursaram IC com alunos que não cursaram, ou pesquisas que relataram as vantagens da IC para os alunos, mas não as especificaram tão bem a ponto de ser enquadradas em outras categorias, e ainda

pesquisas que relatam alguns problemas pelos quais o bolsista pode passar durante a IC. Foram 12 trabalhos no total.

Texto 4: No artigo *Iniciação científica e formação de professores na Universidade do Estado do Rio de Janeiro: a produção na área da Educação Física*, os autores Botelho e Oliveira (2006) analisaram as tendências de pesquisa dos discentes do IEFD/UERJ relativas a 14 Semanas de Iniciação Científica da UERJ (SEMICs) (1992-2005) e teve como objetivos específicos: (a) relacionar o período de iniciação científica à questão da formação de professores de Educação Física e (b) identificar os enfoques e as ênfases da pesquisa discente. Dos trabalhos apresentados, 53,84% evoluíram para memórias de licenciatura (um trabalho de final de curso), o que indica que a participação em iniciação científica contribuiu para a elaboração deste trabalho de final de curso.

Texto 7: No artigo intitulado *Características pessoais de alunos de um curso de graduação em Medicina participantes e não participantes de um programa de Iniciação Científica*, os autores Cardoso, Cyrillo, Silva Júnior, Setúbal, Velarde, Bittencourt, Gonçalves, Guimarães, Cardoso e Fernandes (2009) compararam e estudaram o perfil social de alunos que cursaram e não cursaram a disciplina de IC do curso de medicina da Universidade Federal Fluminense. Os autores constataram que, entre os alunos que não cursaram a disciplina de IC, há maior pragmatismo, preferência por morar sozinho e a tomar decisões individualmente. Já os alunos que cursaram IC tendem a tomar decisões mesclando razão e emoção e são menos individualistas que o outro grupo.

Texto 11: No artigo intitulado *Participar de pesquisas com alunos de iniciação científica na graduação interfere na produção científica do docente?*, os autores Cardoso, Silva Junior, Cyrillo, Velarde, Mattos, Touça, Carvalho Netto, Brígido, Cardoso, Capareli e Nacif (2006) compararam a produção científica de docentes mestres e doutores que participaram do Programa de Iniciação Científica (PIC) com a produção de docentes que não participaram, durante determinado período – no grupo que participou do PIC, avaliaram a produção de dois anos antes e dois anos dessa participação. Nos dois grupos houve aumento de produção científica. O grupo que orientava alunos de IC já possuíam maior produção antes de iniciar a orientação e continuaram com uma média superior após o início da orientação. Provavelmente devido ao fato de que os docentes que orientavam alunos de IC já serem pessoas interessadas em pesquisa antes mesmo de iniciarem a atividade de orientação.

Texto 13: No artigo intitulado *O ensino de iniciação científica no curso de graduação em medicina*, os autores Crasto, Neves, Pires, Nascimento, Vieira e Serafim (2007) avaliaram a aquisição do conhecimento da metodologia científica [disciplina Iniciação Científica I (IC I)], entre os alunos do curso de Medicina da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, comparando o conhecimento de alunos do segundo e sétimo períodos (que cursaram a disciplina IC I, mas com diferentes metodologias), além dos que estão em internato (estes pertencem ao currículo antigo, que não possuía IC I como obrigatória mas fazem trabalho de conclusão de curso). Os autores afirmaram que o ensino da IC no início do curso proporciona “amadurecimento para melhor aproveitamento do

seu estudo durante o curso, utilizando a metodologia científica em todas as fases do aprendizado.” (CRASTO; NEVES; PIRES; NASCIMENTO; VIEIRA; SERAFIM, 2007, p. 15). Os alunos do segundo período do curso de Medicina da UNIRIO tiveram melhor desempenho em questões relativas à busca de informações na Internet em comparação com os outros dois grupos de alunos pertencentes ao estudo. Os autores acreditam que seja pelo fato destes alunos terem elaborado um protocolo de pesquisa e participado de seminários durante a disciplina de IC.

Texto 15: No artigo intitulado *Estratégias metodológicas adotadas nas pesquisas de iniciação científica premiadas na UFPB: em foco a série Iniciados*, as autoras Duarte, Ramalho, Autran, Paiva e Araújo (2009) identificaram as estratégias metodológicas das pesquisas realizadas por alunos do PIBIC e premiadas no âmbito do CCSA/UFPB, da área de Ciências Sociais Aplicadas. Descreveram os temas mais abordados, bem como as estratégias metodológicas mais utilizadas. Ressaltaram que as tendências metodológicas observadas indicam uma mudança de paradigma nos métodos de abordagens. A forma de apresentar as informações não ficou clara, sendo necessária maior organização das informações nos textos.

Texto 16: No artigo intitulado *A iniciação científica: muitas vantagens e poucos riscos*, os autores Fava-de-Moraes e Fava (2000) trataram da importância do programa de iniciação científica para os alunos de nível superior e para o desenvolvimento e consolidação da ciência em um país, de modo geral. Afirmaram, entre outros pontos, que uma conquista do estudante que faz IC é a fuga da rotina e da estrutura curricular, agregando-se a professores e disciplinas do seu interesse. Os autores descreveram também o que chamaram de *imprecisões* da IC, situações que devem ser evitadas. Uma delas é a decepção que o estudante pode enfrentar após a motivação inicial em trabalhar com ciência. O estudante pode não estar preparado para escolher um orientador, podendo fazê-lo utilizando critérios como simpatia. Outra situação é a do estudante ser convertido em mão-de-obra barata pelo orientador, utilizando-o para trabalhos burocráticos. Também afirmaram que o estudante precisa saber que o sistema acadêmico possui fraudes e pelo menos três delas devem ser evitadas, dentre outras que são mencionadas, pois são consideradas criminosas: "inventar, falsificar ou plagiar resultados." (FAVA-DE-MORAES; FAVA, 2000, p. 76). Outra prática que deve ser evitada é a formação de "clubes de citações".

Texto 17: No artigo intitulado *A pesquisa em enfermagem no congresso de iniciação científica de uma universidade de São Paulo*, as autoras Gomes e Sanna (2004) avaliaram a correção metodológica dos trabalhos apresentados, em 2002, no quinto Congresso de Iniciação Científica, pelos alunos e professores do Curso de Graduação em Enfermagem de uma universidade paulista. Avaliaram os resumos publicados nos anais e os pôsteres apresentados no evento, perfazendo um total de 42 trabalhos. Constataram que os objetivos foram adequadamente construídos em 45,2% e 31% os apresentaram pouco claros e não mensuráveis. Observou-se mais de uma inadequação metodológica para um mesmo trabalho, num total de 56 ocorrências. Quanto aos resultados, estavam adequados em 24 trabalhos, e as conclusões estavam adequadas em 33,3% dos trabalhos, mas

31,5% não respondiam aos objetivos do estudo. Questões éticas não foram mencionadas em 64,3% dos trabalhos. Concluíram ser necessário investir na capacitação dos orientadores, com enfoque na condução dos métodos de pesquisa e escolha de objetos de estudo. As autoras recomendaram a continuidade desses estudos, com vistas a identificar tendências, dificuldades e facilidades que permitam direcionar as ações corretivas e prospectivas da área de Enfermagem.

Texto 19: No artigo intitulado *Iniciação à pesquisa científica*, a autora Leme (2001) analisou a importância da IC na formação do psicólogo, tendo como parâmetro relatos de experiência de alunos e professores do Instituto de Psicologia da USP e critérios de agências financiadoras (FAPESP e CNPq). Relatou, entre outros aspectos, a relação mais próxima estabelecida entre aluno e professor, e a oportunidade para o aluno trabalhar com temas que não seriam vistos de outra forma que não fosse por essa experiência. Mas essa relação pode ter também aspectos negativos, especialmente quando o orientador não cumpre sua tarefa da maneira mais correta, fazendo de seu orientando um mero executor de tarefas, ou então quando a orientação é pouca, deixando o aluno perdido. Também menciona a especialização precoce: o aluno passa a saber *muito de muito pouco*, o que pode ser ruim para um graduando, em especial àqueles mais indecisos em relação ao que querem trabalhar e/ou estudar mais.

Texto 22: No artigo intitulado *Fecundando o processo da interdisciplinaridade na iniciação científica*, os autores Mazon e Trevizan (2001) relataram algumas experiências na iniciação científica sobre a ótica da interdisciplinaridade: um bolsista PIBIC do curso de Administração de Empresas da FEARP/USP em projeto de responsabilidade de uma docente do curso de Enfermagem da EERP/USP. Descreveram as atividades desenvolvidas em um hospital psiquiátrico, em um grupo de estudo sobre o terceiro setor, em eventos da área de Enfermagem e em pesquisas com alunos de pós-graduação dessa área. Os autores argumentaram que a interdisciplinaridade possibilita maior integração dos especialistas, além de oportunizar maior visibilidade da área de Enfermagem para outros profissionais.

Texto 24: No artigo intitulado *Iniciação científica na graduação: o que diz o estudante de Medicina?*, os autores Oliveira, Alves e Luz (2008) verificaram a existência (ou inexistência) e os motivos da participação (ou não participação) na iniciação científica junto a alunos do sexto ano de seis cursos de Medicina em quatro estados do Brasil. Os autores constataram que "três quartos dos estudantes manifestaram que a pesquisa científica é uma experiência institucional importante e quase todos concordaram com a possibilidade de ser obrigatória a atividade de iniciação científica na formação médica." (OLIVEIRA; ALVES; LUZ, 2008, p. 313). Mencionaram, também, relatos de alunos que afirmaram que *aprenderam mais fácil* e conheceram as *vantagens da investigação científica* quando participaram de projetos de pesquisa (OLIVEIRA; ALVES; LUZ, 2008, p. 313).

Texto 27: No artigo intitulado *As articulações da pesquisa com o ensino e a extensão nos cursos de Biblioteconomia e Ciência da Informação do Mercosul*, as autoras Valentim, Barbalho, Rosemberg e

Cunha (2003) descreveram a articulação da pesquisa científica no ensino de Biblioteconomia e Ciência da Informação no Brasil. Os dados que coletaram apontam que a maioria das escolas inclui o trabalho de conclusão de curso (TCC) como exigência para formação acadêmica. Há 38 grupos de pesquisa, com uma média de 4,3 professores e 3,6 alunos, que realizam sub-projetos vinculados aos projetos dos docentes. A maioria dos temas dos TCC estão vinculados aos grupos de pesquisa e as disciplinas ministradas nos cursos. Há muitos alunos de iniciação científica com bolsas financiadas por agências nacionais, estaduais (em menor número) e uma bolsa de agência internacional, pelas IES ou mesmo sem receber auxílio algum. A maioria das instituições possui políticas direcionadas à pesquisa, possuem disciplinas que articulam pesquisa e ensino, possuem laboratórios e os periódicos científicos que mantêm têm comissão editorial e editor responsável. Expuseram que há necessidade de maior apoio para que a pesquisa científica se desenvolva.

Texto 30: No capítulo de livro intitulado *Bases de pesquisa: a experiência da UFRN no fomento institucional da pesquisa*, os autores Yamamoto e Fernandes Júnior (2002) descreveram a implantação do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), que se deu a partir de 1992 na Universidade do Rio Grande do Norte, e a influência desse programa no aumento de produção científica dos professores. Afirmaram que a implantação do PIBIC na universidade estimulou a prática da pesquisa e aumentou a produção científica docente. Os alunos “passaram a encarar a pesquisa como parte de sua formação e a exigir do professor o seu desempenho como pesquisador.” (YAMAMOTO; FERNANDES JÚNIOR, 2002, p. 127).

4.1.1.5 A influência da iniciação científica para o aluno adquirir uma visão crítica

Fazem parte desta categoria trabalhos que expuseram a visão crítica sobre a universidade e a sociedade que os alunos adquiriram com a experiência da IC. Foram cinco trabalhos no total.

Texto 6: No capítulo de livro *Articulação teoria/prática: uma ação formadora*, a autora Calazans (2002) discutiu sobre a aprendizagem das exigências e limites no processo de produção científica, a função pedagógica na articulação teórico-prática na formação de pesquisadores e a interdisciplinaridade na produção de conhecimento. Destacou, entre outros aspectos, a fala de um bolsista de Aperfeiçoamento que participou no desenvolvimento de uma pesquisa, cuja equipe interdisciplinar o ajudou a derrubar preconceitos que tinha em relação a outras áreas. Na fala de outro aluno, a questão da multidisciplinaridade em um grupo de pesquisa foi importante para entender a realidade de forma menos fragmentada. Outro ponto de destaque foi a possibilidade de obter informações de outras áreas do conhecimento sobre um mesmo tema.

Texto 14: No capítulo de livro intitulado *A formação de novos pesquisadores: a investigação como uma construção coletiva a partir da relação teoria-prática*, a autora Damasceno (2002) abordou a prática de investigação realizada por um grupo da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, cuja equipe de pesquisadores era formada por professores e estudantes de graduação e pós-graduação. Em especial as atividades e o desenvolvimento dos estudantes com bolsa PIBIC/CNPq ao longo do processo foi objeto de reflexão. Expôs, entre outros aspectos, o desafio dos alunos ao relacionarem a teoria e a prática, e a visão mais crítica e questionadora sobre a sociedade que passaram a ter. Destacam-se aqui duas falas de participantes das pesquisas em relação ao aprendizado que construíram, dentre outras que constam registradas no capítulo do livro:

O aprofundamento teórico propiciado pela pesquisa e sua articulação com o empírico vem tornando possível diminuir a fragmentação de minha visão acerca da realidade concreta. Começo a perceber melhor as ligações das relações que se estabelecem no sistema capitalista e já busco organizar e sistematizar uma leitura mais crítica e aprofundada sobre os principais problemas teóricos e metodológicos suscitados pelos temas investigados. Enfim, a pesquisa me deu a oportunidade de abrir mais o leque dos questionamentos, das buscas, de não-conformismo com o aparente, de pelo menos tentar ir mais longe na procura do real. O caminho parece estar sinalizado, resta atrever-me a caminhar. (DAMASCENO, 2002, p. 50).

O segundo depoimento destacado:

O mais importante e que emergiu notadamente a cada volta do trabalho de campo foram os questionamentos em torno do que é mesmo a produção do saber, da ciência, qual a sua real dimensão política e científica. Preocupa-me o papel, a posição do pesquisador como criador do conhecimento, da ciência e sua relação com os outros criadores, no caso os trabalhadores. Qual a fronteira, o limite, entre a produção de uma pesquisa e a realidade vivida, sentida, sofrida pelo trabalhador. Como contribuir, ou seja, como 'devolver' aos trabalhadores esse saber de que foi sujeito em sua criação e atingir a dimensão real e política da produção do conhecimento, da ciência. Como enfrentar esse eterno desafio de relacionar organicamente teoria e prática? (DAMASCENO, 2002, p. 50).

Texto 19: No artigo intitulado *Iniciação à pesquisa científica*, a autora Leme (2001) analisou a importância da iniciação científica na formação do psicólogo, tendo como parâmetro relatos de experiência de alunos e professores do Instituto de Psicologia da USP e critérios de agências financiadoras (FAPESP e CNPq). Relatou, entre outros aspectos, a mudança de percepção que o aluno de IC tem sobre a universidade, deixando de ser um agente passivo, como é na situação de sala de aula, adquirindo uma postura mais ativa.

Texto 20: No capítulo de livro intitulado *Ação pedagógica da iniciação científica*, os autores Maccariello, Novicki e Castro (2002) o analisaram o PIBIC sob um enfoque pedagógico, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Apresentaram relatos que bolsistas e ex-bolsistas sobre o aumento da capacidade de crítica e o aprendizado que obtiveram por trabalharem em equipes multidisciplinares, entendendo que cada um tinha seu papel e contribuía com seu ponto de vista.

Texto 29: No artigo intitulado *Iniciação científica e formação de jovens pesquisadores*, a autora Werle (1998) descreveu e analisou o processo de formação de auxiliares de pesquisa, defendendo esta como uma atividade formativa, assim como o ensino em sala de aula. Para isso citou dois projetos que envolveram estudantes nessa atividade, arrolando algumas das tarefas que faziam e as habilidades que conquistavam à medida do tempo. Entre outros aspectos, afirmou que a participação de graduandos na IC pode "instalar uma outra forma de convivência na universidade, uma forma que é substancialmente diferente da que ocorre em sala de aula. Uma convivência de conhecimento mútuo, de reflexão, cooperação e socialização." (WERLE, 1998, p. 172). Expôs também que o aluno de IC passa ter uma outra visão da estrutura da universidade, como a percepção de que se pode produzir conhecimento.

4.1.2 Análise do conteúdo das publicações

As competências, atitudes, comportamentos que o graduando adquire no trabalho da pesquisa mostraram-se inúmeros, sendo que alguns são mais contundentes nos textos dos autores, enquanto outros aparecem mais sutilmente ao longo dos textos.

Sobre a categoria *Competências adquiridas na iniciação científica*, inicialmente analisaram-se os trabalhos que mencionaram o desenvolvimento da capacidade de comunicação oral. Alencastre, Évora, Scochi e Santos (1996), abordaram o PIBIC na Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da USP. Ressaltaram habilidades relacionadas à comunicação e ao estímulo em desenvolver trabalhos de pesquisa. Os alunos e professores que participaram do simpósio em que as pesquisas foram apresentadas responderam que o evento "proporciona desenvolvimento do aluno como expositor de trabalho científico" além de incentivar o aluno "a desenvolver trabalhos de pesquisa" e contribuir para a produção de conhecimento. (ALENCASTRE; ÉVORA; SCOCHI; SANTOS, 1996, p. 232). Já Kobashi (2002, p. 156, grifo nosso) expôs que o aluno aprende a "coletar informações, a organizá-las de modo coerente e a *apresentá-las* de modo confiável e convincente." Os autores Fava-de-Moraes e Fava (2000) afirmaram, como alguns dos benefícios da IC, que os estudantes perdem o medo ao que é novo e desenvolvem capacidades relacionadas à expressão oral, à escrita e às habilidades manuais. Maccariello,

Novicki e Castro (2002, p. 107) mencionaram em seu trabalho que a socialização do conhecimento produzido sobre o objetivo investigado, quando não é realizada, dificulta a formação de “especialistas com uma concepção da totalidade.”

Apresentar o resultado de suas pesquisas é requisito obrigatório aos estudantes com bolsa PIBIC/CNPq. Na UFSC, por exemplo, é organizado o Seminário de Iniciação Científica, no segundo semestre de cada ano. Em 2009, ocorreu a sua 19ª edição. Nessa ocasião, os estudantes farão um relato de seu trabalho a todos os participantes que solicitarem uma explicação, mas principalmente aos avaliadores escolhidos para ouvi-los, que mais tarde lhes darão uma nota final. Este é um momento em que os estudantes realizam um grande esforço de argumentação e defesa de todo o trabalho que empreenderam ao longo dos 12 meses de duração da bolsa. Alguns *modelos*, por assim dizer, de orientação a alunos de IC incluem etapas durante o processo que os auxiliam a desenvolver a capacidade de expor seus argumentos em público, como é o caso relatado na pesquisa de Queiroz e Almeida (2004). Essas autoras acompanharam o dia-a-dia de duas bolsistas PIBIC em um Laboratório de Espectrometria de Massas, e num desses momentos, as bolsistas tiveram que apresentar um seminário aos membros do grupo de pesquisa do qual participavam. Infere-se que ocasiões como essas contribuem para integrar a equipe de pesquisa, avaliar criticamente os trabalhos apresentados para que sejam aperfeiçoados, inculcar confiança aos bolsistas e lhes preparar para a defesa final da pesquisa que empreenderam, em eventos.

A *construção* de uma pesquisa de cunho científico passa pela formulação de uma questão de pesquisa e pelo estabelecimento de um método que, a grosso modo, será a estratégia utilizada para recolher, sistematizar e interpretar os dados coletados. Alguns trabalhos do *corpus* expuseram habilidades que os alunos adquirem relacionadas a este processo. Leme (2001) colocou um relato de um ex-bolsista, que afirma que aprendeu a fazer pesquisa, independente do tema e com rigor científico, porém dentro dos temas da Psicologia, área estudada pela autora. Kobashi (2002) relatou as capacidades de coletar e organizar informações, e Cardoso, Silva Júnior, Martinho e Cyrillo (2004), mencionaram, fazendo citação a outros autores, que os alunos de IC aprenderam a fazer perguntas, rever literatura criticamente, avaliar dados, usar novas técnicas, desenvolver metodologia e também aprenderam sobre a conduta de pesquisa responsável.

As posições acima destacadas deixam claro que a IC dá condições ao aluno para que ele compreenda as características de uma pesquisa científica, ou outro princípio de pesquisa com que sua área do saber trabalha. Estudos em Artes, Literatura ou Filosofia, por exemplo, talvez não sejam considerados *científicos*, todavia, são campos investigados em universidades e centros de pesquisa, com periódicos próprios para divulgação dos trabalhos. Mais tarde, na pós-graduação, acredita-se que o aluno terá mais condições de realizar suas próprias pesquisas. Assim, a IC cumpre sua função de *iniciar* o aluno nas atividades científicas.

Outra aptidão necessária tanto na graduação quanto na pós-graduação é saber escrever. Fava-de-Moraes e Fava (2000) expuseram que a IC favorece o desenvolvimento da capacidade de escrita. Cardoso, Silva Júnior, Martinho e Cyrillo (2004) foram mais específicos e afirmaram, pelas citações que utilizaram em seu artigo, que o aluno de IC aprende a ler literatura criticamente e a escrever artigos. Maccariello, Novicki e Castro (2002) transcreveram falas de bolsistas e ex-bolsistas de IC que relataram o aprimoramento na habilidade de escrita, indo desde levantamentos bibliográficos mais simples a relatórios mais complexos, que relacionavam teoria e informações das mais variadas. Queiroz e Almeida (2004) observaram em sua pesquisa com bolsistas de IC que o relatório final que estas produziram em nada lembrava os estágios iniciais de trabalho na bolsa. O relatório foi escrito, corrigido e passou pela revisão do orientador e de outros membros do grupo de pesquisa.

Os trabalhos que os alunos de IC desenvolvem materializam-se em um texto escrito, como é o caso do relatório de pesquisa e do artigo para publicação. Até mesmo um *banner* com informações sobre a pesquisa para ser apresentado em eventos irá requerer sistematização na apresentação do conteúdo da pesquisa desenvolvida e, muitas vezes, elaboração de texto explicativo.

Em relação à categoria *Influência da iniciação científica na atuação profissional*, chama a atenção que, pelos relatos de alguns artigos, a carreira de professor universitário passou a ser vislumbrada e mesmo cobiçada, sendo grandes as chances do ex-aluno de IC de ingressar na docência, mais tarde. É o que atestam Leme (2001); Cardoso, Silva Junior, Martinho e Cyrillo (2004); Yamamoto e Fernandes Júnior (2002).

Alguns autores não expuseram que a vontade dos alunos pela carreira universitária foi percebida nesse processo, mas abordaram a formação de professores e a IC na graduação. Bôas (2003) enquadra-se nesse caso. Em seu artigo relatou que, um ano depois da formatura do curso de Ciências Sociais da UFRJ, 22% dos profissionais que tiveram experiência com a IC ingressaram em atividades de magistério secundário, ou seja, atuavam na área. Já Villardi (2002) enfocou a área de Letras e Pedagogia, afirmando que a IC é importante para a formação de professores com espírito investigativo.

Neves e Leite (2002) discutiram em sua obra a formação do pesquisador, formação esta que precisa da prática, como uma atividade que só será aprendida no “ambiente em que a ciência é produzida.” (NEVES; LEITE, 2002, p. 176). Infere-se, então, que a IC cumpre o papel de introduzir o graduando no ambiente de pesquisa para ensinar-lhes algo que as disciplinas da grande curricular de uma graduação talvez não ofereçam. Ressalta-se que este estudo foi publicado no ano de 2002.

Dois artigos publicados em periódicos da área de Biblioteconomia e Ciência da Informação abordaram a formação de bibliotecários no Brasil. São os trabalhos de Breglia e Rodrigues (2002) e Rodrigues e Guimarães (2003). Nota-se que um dos autores é o mesmo nos dois artigos. Por isso infere-se que este seja o motivo de que, em ambos, a prática da pesquisa entre os alunos de graduação em Biblioteconomia é vista como uma forma de alterar o perfil do profissional formado e do próprio currículo do curso – ainda voltados para uma racionalidade instrumental, funcional, imediata e adaptativa (RODRIGUES; GUIMARÃES, 2003, p. 160). Nos dois artigos apareceu a frase: *deslocar o futuro para o presente*, no mesmo contexto, que é o de alterar o ensino de Biblioteconomia voltado a uma prática tecnicista.

Breglia e Rodrigues (2002) ressaltaram que a pesquisa na graduação também é uma forma de preparar o aluno para enfrentar as mudanças na universidade brasileira. E com um enfoque parecido, Maldonado e Paiva (2002) abordaram a pesquisa na formação científica do nutricionista como estratégia de fortalecer o conhecimento da área para alcançar uma prática profissional com maior competência científica e legitimidade social no campo da nutrição humana. Também afirmaram que, tendo em vista impasses como a proposta de extinção de alguns cursos de nível superior, as atividades de pesquisa na graduação são importantes para “garantir a produtividade e o bom desempenho nas avaliações governamentais

e, conseqüentemente, a legitimação como formação universitária.” (MALDONADO; PAIVA, 2002, p. 160).

Especialmente Maldonado e Paiva (2002), relacionam a formação científica do nutricionista à legitimação que esta profissão pode alcançar na sociedade: indivíduos bem preparados (pela formação científica) serão melhores profissionais e conquistarão mais espaço no mercado de trabalho. Cunha (2006, p. 143) aborda o significado do termo profissão e os estágios de profissionalização de um conjunto de fazeres, explicando que a formação “garante o monopólio do conhecimento, dá acesso à qualificação e ao reconhecimento profissional, conferindo aos profissionais o direito de prestar serviços à comunidade.” A preocupação de Maldonado e Paiva (2002), como se viu, é legítima porque a qualidade da educação na graduação é um fator que afeta o espaço e o exercício da profissão na sociedade.

Sobre o futuro profissional de ex-bolsistas de IC, Cardoso, Cyrillo, Silva Junior, Velarde, Mattos, Touça, Carvalho Netto, Brígido, Caparelli, Nacif, Fernandes, Cardoso, Bittencourt (2007) empreenderam uma pesquisa cujos resultados chamam a atenção. Constataram que, entre os ex-alunos de Medicina da UFF, os que **não** cursaram IC tinham melhores salários e passaram em mais concursos em relação aos que cursaram disciplinas de IC. Os próprios autores acreditam que isto se deu porque estes últimos têm em vista uma formação continuada (pós-graduação *stricto sensu*).

Como pontos que chamam atenção, algumas considerações podem ser feitas. Uma delas é a de que, se os ex-bolsistas tornaram-se professores universitários ou passaram a se dedicar apenas a pós-graduação, é bem possível que ganhem realmente menos dinheiro que os médicos atuantes, tendo em vista que a Medicina é conhecida como um campo profissional que proporciona estabilidade financeira. Seria arriscado, no entanto, entender que esta realidade está presente em todas as áreas do conhecimento, ou então entender que ganhar menos por se dedicar a formação continuada, visando talvez à carreira acadêmica, é algo necessariamente *ruim*. Meadows (1999) aponta que, em alguns campos do saber, a carreira docente é uma das mais cogitadas para quem realiza doutorado (o exemplo do autor refere-se a estudantes de pós-graduação em humanidades). Mas afirma também que outros interesses estão em jogo, indicando, como exemplo, uma pesquisa com estudantes

de química (COTGROVE; BOX, 1970 *apud* MEADOWS, 1999, p. 80) quanto à preferência em trabalhar na indústria ou em universidades:

Sua preferência como carreira dependia principalmente de três fatores, dois deles relativos à motivação: as condições de trabalho e a identidade científica. O primeiro é óbvio, o último nem tanto. Assinalamos a proposição segundo a qual os membros da comunidade científica tendem tacitamente a concordar com um conjunto de normas, que devem, em princípio, orientá-la sobre a forma como atua e se comunica. A aceitação dessa proposição é mais forte na comunidade científica acadêmica. Os cientistas que trabalham para outros tipos de empregadores têm muito menor probabilidade de atuar segundo as mesmas normas. Os estudantes de química refletem toda a gama de opiniões – desde a aceitação de todas as normas correntes até as dúvidas sobre todas elas. Dependendo do tipo de ‘identidade científica’ que os estudantes possuíam, eles tinham maior ou menor probabilidade de preferirem carreiras de pesquisa na academia ou na indústria. Em outras palavras, quem se identificou com as normas correntes tinha maior probabilidade de procurar carreiras no mundo acadêmico e vice-versa. O fator não-motivacional na escolha da carreira foi o nível do grau acadêmico que o estudante queria obter. A maioria dos que esperavam alcançar os graus máximos também almejava seguir uma carreira acadêmica.

A pós-graduação, como foi possível observar, é invariavelmente citada quando se estuda a IC na graduação. Mesmo que a formação científica seja transmitida nessa primeira etapa acadêmica, seja por meio de bolsas do tipo PIBIC, seja como disciplina constante na grade curricular de um curso, é com a titulação de doutor que um indivíduo será reconhecido como um pesquisador (MEADOWS, 1999).

Os documentos do *corpus* que expuseram mais nitidamente a relação IC e pós-graduação foram agrupados na categoria *A relação iniciação científica e pós-graduação*. Por meio de relatos de professores e/ou alunos, alguns autores relacionaram a IC e o tempo para ingressar e/ou terminar a pós-graduação. Leme (2001) mencionou que a experiência com a IC agiliza a formação dos pós-graduandos, na medida em que eles já têm uma experiência prévia com pesquisa, e considerando que o prazo de conclusão de mestrado e doutorado tem diminuído nos últimos anos, afirmou que a IC ganha mais relevância. Já para Maldonado e Paiva (2002), em trabalho sobre a formação científica do nutricionista, a IC tem como umas de suas vantagens a abreviação do término da graduação e a entrada na pós-graduação.

Há trabalhos que apresentaram evidências mais concretas sobre o aproveitamento da experiência da IC no período da pós-graduação. É o caso de

Alencastre, Évora, Scochi e Santos (1996), em artigo sobre a trajetória do PIBIC na Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da USP, que mencionaram um levantamento feito pela Pró-Reitoria de Pesquisa desta universidade que constatou que os pós-graduandos ex-bolsistas PIBIC realizaram seu curso num tempo médio mais reduzido. Brecceneri e Kienbaum (2006) também confirmaram que os ex-bolsistas PIBIC concluem seu mestrado em um prazo menor, em geral dois anos, ao analisarem o programa PIBIC do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais. Já o relato de Damasceno (2002) sobre o envolvimento de bolsistas PIBIC em dois projetos de pesquisa, apontou que no primeiro projeto cinco dos sete bolsistas ingressaram no mestrado e um já estava no doutorado; no segundo projeto, dos sete bolsistas, três estavam no mestrado e todos os outros eram candidatos em potencial. Por fim, Bôas (2003) afirmou que, um ano depois da formatura, mais de 50% dos alunos do curso de Ciências Sociais da UFRJ que participaram do programa de IC ingressaram em programas de pós-graduação.

A experiência com o *fazer pesquisa* dá ao estudante de graduação uma gama de oportunidades, como foi possível observar até o momento, que dificilmente seriam vislumbradas em outra circunstância. Algumas delas talvez sejam inacessíveis caso ele não esteja realizando IC, devido a todas as relações e momentos que uma formação científica enseja.

Sobre a categoria *Vantagens competitivas*, de início, há o trabalho em que os autores Oliveira, Alves e Luz (2008) trouxeram relatos de estudantes de Medicina de seis universidades brasileiras. Os estudantes consideraram que a pesquisa científica é uma experiência importante e que poderia ser obrigatória em sua formação. Mas os poucos relatos apresentados foram vagos, servindo mais para ilustrar determinados argumentos, sendo que a pesquisa reuniu mais dados de cunho quantitativo sobre o perfil dos estudantes e o interesse deles pela IC.

Características mais detalhadas sobre o perfil dos alunos de IC conseguiram Cardoso, Cyrillo, Silva Júnior, Setúbal, Velarde, Bittencourt, Gonçalves, Guimarães, Cardoso e Fernandes (2009) entre os estudantes de Medicina da UFF. Afirmaram que esses estudantes tendem a tomar decisões mesclando razão e emoção e são menos individualistas que o outro grupo de alunos estudados, mas que não cursou IC. Nestes, predomina maior pragmatismo, preferência por morar sozinho e a tomar decisões individualmente.

Crasto, Neves, Pires, Nascimento, Vieira e Serafim (2007) realizaram pesquisa apenas com os alunos que cursaram a disciplina de IC na graduação em Medicina e apresentaram dados relacionados ao aprendizado que aqueles obtiveram. Expuseram que o aprendizado sobre metodologia científica que o aluno adquire pode ser aplicado em todas as fases do curso. E na pesquisa que realizaram puderam observar que aqueles que cursaram a disciplina de IC (elaborando um protocolo de pesquisa e fazendo seminários) se saíram melhor em questões sobre busca de informação na Internet.

No *corpus* de análise foram incluídas, também, pesquisas que estudaram anais de eventos que registraram trabalhos de iniciação científica. Duarte, Ramalho, Autran, Paiva e Araújo (2009) avaliaram trabalhos de alunos da área de ciências sociais aplicadas da UFPB. Apresentaram sistematizações quanto aos temas e metodologias empregados. Os autores afirmaram que os trabalhos analisados não organizaram as informações de maneira clara. Já Gomes e Sanna (2004) avaliaram a metodologia de trabalhos apresentados em 2002 no quinto Congresso de Iniciação Científica de uma universidade paulista. Observaram problemas em várias seções dos trabalhos, como nos objetivos, na metodologia e na conclusão. Concluíram ser necessário investir na capacitação dos professores orientadores, principalmente em relação a métodos de pesquisa e objetivos de estudo. Por fim, Botelho e Oliveira (2006) estudaram as tendências das pesquisas publicadas em 14 Semanas de Iniciação Científica da UERJ, focando a produção de Educação Física, constatando que mais de metade dos trabalhos evoluíram para *memórias de licenciatura*, o que indica que a IC contribuiu para a elaboração deste trabalho de final de curso.

O trabalho de Botelho e Oliveira (2006) mostrou que a pesquisa desenvolvida na IC serviu de base para o trabalho de final de curso, o que os autores consideraram como positivo.

Considerando ainda a questão das publicações, os autores Cardoso, Silva Junior, Cyrillo, Velarde, Mattos, Touça, Carvalho Netto, Brígido, Cardoso, Capareli e Nacif (2006) estudaram o aumento da produção científica docente em termos de publicações na graduação em Medicina da UFF, antes e depois do ingresso no programa de IC. Os docentes que aderiram a este programa foram desde o início mais produtivos em relação aos que não aderiram. No entanto, observaram que a

produção aumentou após o ingresso na IC, contudo o crescimento da produção não se deveu necessariamente ao programa.

No curso de Medicina da UFF, de acordo com as publicações do *corpus*, a IC integra o currículo como uma série de disciplinas optativas que o aluno pode escolher cursar e desenvolver projetos. Não foi possível saber qual o nível de qualidade dessas pesquisas.

Mas um exemplo positivo da influência do PIBIC sobre o aumento da produção docente é dado por Yamamoto e Fernandes Júnior (2002). Afirmaram que a implantação do PIBIC na Universidade do Rio Grande do Norte estimulou o desenvolvimento de grupos de pesquisa e a produção de pesquisas propriamente, em toda a instituição. E até os alunos incorporaram o *fazer pesquisa*, obrigando os professores a um melhor desempenho.

Pode-se afirmar que muitos dos comportamentos que o graduando adquire (ou espera-se que adquira) no período da formação científica em disciplinas ou bolsas de IC advêm do contato mais próximo que se estabelece com o professor/orientador. Este foi um tema abordado em algumas publicações. Para Fava-de-Moraes e Fava (2000), umas das vantagens que a IC proporciona é a fuga da rotina e da estrutura escolar. Argumentaram que os alunos se aproximam de professores e disciplinas com quem têm maior afinidade, mas apontaram também que eles podem não estar suficientemente preparados para escolher um orientador, podendo utilizar critérios como o de simpatia. Além do mais, podem ser convertidos em mão-de-obra barata, utilizando-os para trabalhos burocráticos. Nessa mesma linha há o trabalho de Leme (2001), para quem o aluno de IC tem a oportunidade de lidar com temas que ele não entraria em contato se não fosse por esse caminho. A autora mencionou também a relação com o professor, que fica mais próxima, mas esclareceu que pode haver problemas quanto à variedade de estilos de orientação. Um deles é o do professor que não coloca o aluno como um parceiro, transformando-o num mero executor de tarefas, e neste caso o aluno sente-se menos autônomo. Ou ao contrário, quando a orientação é muito liberal, deixando o aluno perdido. A preocupação com o orientador que transforma o aluno em um *tarefeiro* é também mencionada na obra de Maldonado e Paiva (2002).

Outra questão apontada pelos autores diz respeito à especialização precoce dos alunos de IC. Fava-de-Moraes e Fava (2000, p. 75) vêem com positivo que eles

entendam muito cedo sobre ciência atualizada, integrando-se a um grupo competente. Leme (2001) argumenta que a *especialização precoce* pode ser pouco vantajosa para os alunos mais indecisos quanto ao que querem trabalhar e/ou estudar mais.

A experiência em projetos envolvendo participantes de diferentes áreas do conhecimento foi tema debatido em algumas obras. Mazon e Trevizan (2001) abordaram a IC sob a ótica da interdisciplinaridade: um graduando de Administração em projeto da área de Enfermagem. Os autores descrevem algumas das atividades que o bolsista realizou, como a participação na organização de congressos e em pesquisas com alunos de pós-graduação em Enfermagem. Os autores afirmaram que a prática contribui para a integração dos especialistas, além de dar mais visibilidade para a área.

Sobre a Biblioteconomia e Ciência da Informação em específico, Valentim, Barbalho, Rosemberg e Cunha (2003) realizaram levantamento em 18 escolas brasileiras que formam profissionais dessas áreas, para averiguar a articulação da pesquisa com o ensino. Constataram, entre outros aspectos, que na maioria das escolas o TCC constava na grade curricular; havia alunos realizando sub-projetos vinculados aos projetos dos professores e que muitos alunos possuíam bolsas de IC remunerada, mas o pagamento provinha de diferentes fontes (federais, estaduais, institucionais e mesmo internacionais). Fava-de-Moraes e Fava (2000, p. 76) também mencionam a questão do auxílio financeiro, afirmando que alguns estudantes utilizam esse recurso para auxiliar a família ou então para dispensar a *mesada doméstica*. A. iniciação científica, segundo esses autores, exercita também uma outra responsabilidade de natureza social perante uma realidade diferente daquela exclusivamente científica.” (FAVA-DE-MORAES; FAVA, 2000, p. 76).

O envolvimento de estudantes de Biblioteconomia em atividades de pesquisa é importante porque os estimula e os prepara para o ingresso na pós-graduação, e talvez, desperte também o interesse em ingressar na carreira acadêmica. Estes foram, afinal, alguns dos benefícios da IC relatados até agora.

Alguns documentos do *corpus* também foram agrupados sob a categoria *A influência da iniciação científica para o aluno adquirir uma visão crítica*. Basicamente, as obras apresentaram a consciência crítica que o aluno desenvolve durante o período de formação científica, além da outra visão que passam a ter da

universidade, analisando-a como produtora de conhecimento (WERLE, 1998) e se enxergando como um agente ativo no processo (LEME, 2001).

Damasceno (2002) trouxe depoimentos de alunos que desenvolveram um profundo censo crítico sobre a sociedade (questionando o sistema capitalista) e sobre a ciência (seu papel social). Todos em algum momento mencionando a dificuldade em se relacionar teoria e prática.

Calazans (2002), além de mencionar o aumento da capacidade crítica dos bolsistas de IC, ressalta também o aprendizado que obtiveram em equipes interdisciplinares, ajudando-os a derrubar preconceitos e a entender o quão enriquecedor pode ser o trabalho em grupo. Resultados parecidos foram relatados por Maccariello, Novicki e Castro (2002) que ressaltaram o aumento da capacidade de crítica e o proveito do trabalho em equipe cujos membros eram de diferentes áreas do conhecimento. Esses dois trabalhos ressaltaram que equipes multidisciplinares contribuem para que o aluno/bolsista de IC aprenda não apenas a trabalhar em conjunto com outras pessoas, mas também que valorize as contribuições de outras áreas do conhecimento. Em vez de disputa, há colaboração.

4.2 AS REPRESENTAÇÕES DOS EX-BOLSISTAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA GRADUADOS EM BIBLIOTECONOMIA.

A segunda etapa dos resultados desta pesquisa constituiu-se na sistematização e análise das respostas dos mestres ou mestrandos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFSC com referência às percepções dos mesmos quanto ao impacto, as marcas e os resíduos que a experiência como bolsista de IC deixou na sua formação profissional. Os resultados descritos a seguir foram obtidos pelo emprego dos procedimentos metodológicos descritos na seção 3.2 desta monografia.

4.2.1 Os ex-bolsistas de iniciação científica: apresentação e análise das questões objetivas

O propósito desta seção é apresentar a sistematização de dados que permitiram traçar o perfil dos participantes desta pesquisa. A identidade de cada um dos respondentes foi mantida em sigilo e a identificação dos mesmos foi realizada pelos códigos E1, E2, E3... Até E9.

A maioria dos ex-bolsistas de IC cursou sua graduação na UFSC. Dos nove respondentes, seis cursaram Biblioteconomia nessa instituição (Santa Catarina), além de dois na Universidade Estadual de Londrina (Paraná), e um na Universidade de São Carlos (São Paulo).

A primeira vista, pode-se afirmar que o período de permanência na IC foi longo entre os participantes. Durante a graduação, quatro deles tiveram bolsa de IC por dois anos, e também quatro tiveram bolsa de IC por três anos. Apenas um teve bolsa de IC por um ano. Essas informações constavam nas respostas ao instrumento de coleta de dados, mas cabe uma observação: na UFSC, por exemplo, o graduando obtém a bolsa PIBIC no meio do ano, e no ano seguinte o término da bolsa ocorre no mesmo período, totalizando 12 meses de vínculo. Se esta for a realidade de todos os participantes, então é possível alguns deles tenham interpretado sua experiência de 12 meses como dois anos de bolsa PIBIC.

O período de tempo entre o término da graduação e o término do mestrado é outro dado que merece atenção. O Quadro 2 apresenta esta relação com mais nitidez: o maior tempo transcorrido entre o final da graduação e o final da pós-graduação pertence a E2 (2005-1999 = 6 anos) e os menores tempos pertencem a E6 (2005-2003 = 2 anos) e E9 (2005-2003 = 2 anos). O entrevistado E4 não entrou na relação porque à época do recolhimento dos dados ele não havia terminado o mestrado. Isso indica que a formação continuada foi uma preocupação dos ex-bolsistas de IC, que ingressaram na pós-graduação não muito depois do término da graduação.

Não houve a preocupação, na elaboração do instrumento de coleta de dados, em pedir aos participantes que especificassem o mês de ingresso e de término do mestrado. No regimento do PGCIN UFSC está escrito que o período mínimo para

conclusão do mestrado é de um ano e o máximo é de dois anos. Mas, por solicitação do orientador, e aprovação em colegiado, é possível estender o prazo por mais seis meses. Os mestrandos precisam entregar a versão final de suas dissertações ao Coordenador do curso pelo menos 30 dias antes da defesa (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, 2010b). Ao considerar todos esses prazos, infere-se que a conclusão das dissertações se estendeu por um período superior ao de dois anos, podendo ir de algumas semanas a mais até seis meses. Como é objetivo do PIBIC capacitar seus bolsistas de IC para, no futuro, ingressar na pós-graduação e terminá-la em tempo hábil, seria importante averiguar o motivo do atraso pelos mestrandos em defender suas dissertações.

O Quadro 2, a seguir, sintetiza as informações apresentadas.

Participantes	Instituição de graduação	Participação em IC (anos)	Ano de término da graduação	Ano de ingresso no mestrado	Ano de término do mestrado	Diferença entre os termos de graduação e de mestrado, em anos
E1	UFSC - SC	2	2005	2007	2009	4
E2	UFSC - SC	3	1999	2003	2005	6
E3	UFSCar - SP	1	2006	2007	2009	3
E4	UFSC – SC	2	2008	2009	2010*	2
E5	UFSC - SC	2	2005	2006	2008	3
E6	UEL - PR	3	2003	2003	2005	2
E7	UFSC – SC	3	2004	2005	2007	3
E8	UFSC – SC	2	2007	2008	2010*	3
E9	UEL - PR	3	2003	2003	2005	2

Quadro 2: Informações sobre a vida acadêmica dos participantes da pesquisa.

Fonte: Entrevistas com os participantes da pesquisa e consulta ao *site* do PGCIN UFSC (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, 2010a).

* = Previsão de término do mestrado, pois ele ainda está em andamento.

A maioria dos ex-bolsistas de IC era do sexo feminino. Dos nove respondentes, seis eram mulheres e três eram homens. Tal fato não causa espanto, pois representa uma cena comum nos cursos de Biblioteconomia brasileiros, em que o corpo discente é em sua maioria do sexo feminino. O próprio profissional bibliotecário é, no imaginário popular, do sexo feminino. Walter e Baptista (2009) confirmam que o estereótipo reflete a realidade brasileira, pois, ao investigarem as representações profissionais de bibliotecários (trabalhando com uma amostra de 488

bibliotecários de diferentes regiões do País), constatam que a grande maioria desses profissionais é do sexo feminino. Entre os alunos de Biblioteconomia da UFSC a situação não é diferente. Como já mencionado, seis dos ex-bolsistas de IC foram alunos desta instituição.

O Quadro 3, a seguir, sintetiza algumas características dos participantes da pesquisa.

Participantes	Sexo	Idade	Profissão atual
E1	F	26	Contadora de histórias e bibliotecária autônoma.
E2	F	32	Professora universitária.
E3	F	34	Bibliotecária.
E4	M	30	Dedicação exclusiva ao mestrado.
E5	M	29	Doutoramento (Bolsa FAPESP).
E6	F	28	Professora assistente.
E7	F	28	Bibliotecária.
E8	F	24	Tutora de Educação a distância.
E9	M	29	Professor universitário.

Quadro 3: Perfil dos participantes da pesquisa: sexo, idade e profissão atual.

Fonte: Respostas dos participantes e pesquisa na base de currículos Lattes, durante o segundo semestre de 2009.

Pelas respostas obtidas foi possível constatar que a faixa etária dos ex-bolsistas estava entre 24 e 34 anos. Isso representa uma comunidade de pessoas que ingressaram jovens na Biblioteconomia e cuja entrada no Mestrado em Ciência da Informação da UFSC não se deu tanto tempo depois do término da graduação, como já foi mencionado. Este é um fato positivo, ainda que seja a representação de apenas 12,5% de todos os alunos ingressantes no PGCIN UFSC.

Outro dado relativo a essa pequena porcentagem de alunos refere-se às atividades profissionais que exercem. Com exceção do participante E4, que declarou dedicar-se exclusivamente ao mestrado, e do participante E5, que está fazendo doutorado, todos os outros estão realizando atividades que, supõe-se, sejam remuneradas. Mesmo o participante E5 informou estar recebendo bolsa FAPESP. Pelo menos nenhum assumiu estar *desempregado*. Também há três que são professores universitários e três que atuam como bibliotecários. Apenas um informou ser tutor em Educação a Distância, atividade também remunerada e relacionada à docência. Em suma, praticamente todos foram *absorvidos* pelo

mercado de trabalho, realizando atividades relacionadas à área de Biblioteconomia, seja na docência, seja como bibliotecários.

4.2.2 O discurso coletivo dos ex-bolsistas de iniciação científica: sistematização das questões abertas.

O propósito desta seção é apresentar a sistematização das respostas às questões abertas da entrevista realizada com os sujeitos participantes da pesquisa. Para a sistematização das respostas foi utilizada a técnica do DSC, cuja construção foi detalhada na seção 3.2 desta monografia.

No presente estudo, deve-se esclarecer não se criou um DSC único. Lefevre e Lefevre (2005) afirmam que um DSC é formado pela reunião das expressões-chave (E-Ch) que contêm idéias centrais (ICs) semelhantes ou complementares. Nos trabalhos de Rasche (2005) e Almeida (2005a), por exemplo, o DSC assumiu a forma de um texto único, Garcez (2009) apresentou nos resultados de sua pesquisa dois DSC, em virtude das idéias divergentes de alguns entrevistados. Todos os três trabalhos citados foram devidamente analisados, no entanto, optou-se por seguir o modelo apresentado por Araújo e Rocha (2009), que empregaram a técnica do DSC em pesquisa com equipes de Saúde do Programa Saúde da Família do município de Natal (RN). Estes autores construíram separadamente os DSC de cada ICs, tendo como base as categorias analisadas na pesquisa.

Na elaboração de cada DSC foram excluídas as E-Ch de sentido igual, mas, em alguns casos, elas foram fundidas para dar maior representatividade a todos os discursos. Agruparam-se as idéias semelhantes, e para isso inseriram-se palavras conectivas que possibilitassem um texto final com alguma coerência. Alguns entrevistados registraram situações mais específicas e estas foram incluídas no DSC porque foram consideradas representativas. Esses trechos iniciam com *No meu caso*, entre colchetes.

A seguir, o DSC dos ex-bolsistas de IC graduados em Biblioteconomia. Cada um inicia com a (i) ordem alfabética correspondente (Apêndices C e D), seguida (ii) da IC, do (iii) número de entrevistados que mencionou a E-Ch, e do (iv) número de

entrevistados por questão que mencionou a E-Ch. Ocorreu que alguns entrevistados registraram a mesma E-Ch em diferentes questões, daí o número de entrevistados (iii) ser diferente do número de ocorrências (iv). Assim, os discursos do sujeito coletivo foram construídos como segue:

A - O aprendizado sobre a elaboração de uma pesquisa científica. Sete entrevistados fizeram menção a essa IC, alguns deles repetindo-a em diferentes questões: questão 1 = 3 vezes; questão 2 = 3 vezes; **questão 5 = 5 vezes**.

A partir da Iniciação Científica, foi possível identificar e vivenciar todas as etapas de uma pesquisa. Ela possibilitou o contato inicial com métodos e dinâmicas de pesquisa. Possibilitou uma introdução ao exercício da pesquisa e da escrita. Deu-me aptidão para desenvolver uma pesquisa científica, elaborar um projeto de pesquisa. A experiência em projetos também possibilitou conhecer diferentes metodologias. Essa experiência me preparou com os conhecimentos sobre as etapas de desenvolvimento de uma pesquisa científica. Conferiu-me habilidades necessárias para elaborar o projeto de pesquisa para o ingresso no mestrado. [No meu caso] foi durante a iniciação científica que dimensionei a importância da fase de planejamento da pesquisa e da construção dos instrumentos de coleta de dados (como o questionário), fato que foi importante para aprimorar as habilidades de planejamento das ações, que inclui desde a construção de objetivos até a elaboração de cronogramas.

B - A valorização do trabalho colaborativo: contato com os professores e colegas. Oito entrevistados fizeram menção a essa IC, alguns deles repetindo-a em diferentes questões: **questão 1 = 6 vezes**; questão 2 = 4 vezes; questão 4 = 2 vezes; questão 5 = 2 vezes.

A iniciação científica possibilitou maior contato com os professores, debater temas com orientador e com os colegas. Passei a perceber que toda pesquisa se faz à base de trocas recíprocas – de material, de conhecimento, de colaboração com professores, pesquisadores e pesquisados. Nesse sentido, avalio que a Iniciação me ajudou a agir de forma mais colaborativa, a trabalhar em equipe. Os alunos que participavam de projetos apresentavam visivelmente maior predisposição a dialogar e a debater os assuntos propostos em sala de aula e a emitir opiniões correlacionando temas estudados pelo grupo de pesquisa. [No meu caso] conviver com colegas de outras áreas de conhecimento e, sobretudo, com professores experientes sem sombra de dúvidas aguçou minha visão crítica, minha capacidade de raciocínio e de tomada de decisão, na medida em que minha disciplina de estudo passou a ser minha carreira profissional, inserida completamente em meu cotidiano. O próprio empenho individual é consideravelmente abastecido por essa que considero minha segunda

graduação (os grupos de pesquisa). O contato direto com o pessoal docente e administrativo e a aproximação aos moldes acadêmicos, tanto burocráticos quanto teóricos, são sem dúvida alguma significativas vantagens competitivas perante os não contemplados por tal benefício. [No meu caso] em relação ao estímulo para realizar pós-graduação isso foi notável. Cito como fatos que levaram a isso, a convivência com os professores, o gosto pela pesquisa, conversas com o orientador, contato com colegas com as mesmas aspirações.

C - Entendimento sobre as dinâmicas da vida acadêmica e envolvimento com a universidade. Quatro entrevistados fizeram menção a essa IC, alguns deles repetindo-a em diferentes questões: questão 1 = uma vez; **questão 2 = 4 vezes**.

A iniciação científica me colocou em contato com algumas facetas da universidade e do contexto acadêmico, ampliando o meu leque de contatos e conhecimentos. Também estava mais integrado à graduação. [No meu caso] por se tratar de um curso noturno, onde os alunos raramente vivenciam o universo acadêmico por motivos normalmente de trabalhos externos à universidade, a primeira vantagem evidente é o contato integral com a universidade e tudo que a permeia. O uso da infraestrutura da universidade. [No meu caso] a iniciação científica propiciou maior vivência na universidade, especialmente no período diurno quando muitos eventos e atividades acontecem. Essa disponibilidade de tempo, já que me dedicava apenas ao curso e a pesquisa (a bolsa foi minha fonte de renda), foi um diferencial em relação aos colegas, já que muitos realizavam atividade profissional distinta do curso, ou então tinham atividades como estágios, sendo que se dirigiam para a universidade apenas no horário das aulas. Com isso pude participar de atividades no Centro Acadêmico, representar os estudantes do curso em colegiado do Curso.

D - A influência da IC no desenvolvimento da capacidade de interpretação, leitura e redação. Sete entrevistados fizeram menção a essa IC, alguns deles repetindo-a em diferentes questões: **questão 1 = 6 vezes**; questão 2 = uma vez; questão 3 = uma vez; questão 4 = 2 vezes.

Durante a iniciação científica aprendi a organizar as leituras e, conseqüentemente, passei a valorizar os fichamentos. O projeto de pesquisa elaborado na iniciação foi a base de outros que vieram posteriormente, e avalio que desenvolvi a capacidade de síntese e análise. Desenvolvi a redação, a habilidade para escrever trabalhos acadêmicos, capacidade de abstração e interpretação de textos acadêmicos. A necessidade de ler muitos textos para fundamentar o trabalho de pesquisa contribui para o desenvolvimento da competência do letramento no sentido de ler, interpretar e apresentar a própria compreensão. [No meu caso] acho que a iniciação científica exigiu uma

disciplina – de leitura, de estudo – que eu antes não possuía, sendo que esta (a disciplina) contribuiu (e contribui) até os dias hoje para a melhora no aprendizado. [No meu caso] minha prática profissional se deve exclusivamente à iniciação científica, porque a leitura direcionada, a síntese de idéias e a escrita são ferramentas indispensáveis de um professor universitário.

E - A influência da IC para desenvolver a comunicação oral pela participação em eventos. Cinco entrevistados fizeram menção a essa IC, alguns deles repetindo-a em diferentes questões: **questão 1 = 4 vezes**; questão 2 = duas vezes.

Desenvolvi a comunicação oral. Outra competência advém da participação em eventos com a apresentação de trabalhos de forma oral, o que contribui para o desenvolvimento de habilidades comunicativas.

F - A influência da IC no desenvolvimento da capacidade de crítica, de tomada de decisão e de raciocínio. Seis entrevistados fizeram menção a essa IC, alguns deles repetindo-a em diferentes questões: **questão 1 = 4 vezes**; questão 2 = 2 vezes; questão 3 = uma vez; **questão 4 = 4 vezes**.

A minha vivência como bolsista de iniciação científica contribuiu muito para aumentar a minha visão crítica e também a capacidade de raciocínio e tomada de decisão. Mais do que buscar respostas, a iniciação científica contribuiu para a formulação de perguntas e conseqüentemente novos problemas de pesquisa que fatalmente culminaram com a minha inserção no Mestrado. Acredito que este é um dos principais objetivos da iniciação científica, ou seja, permitir ao aluno ingressar no meio científico e acadêmico e a partir de questionamentos e novas descobertas, refletir sobre o que está sendo estudado e levantar novas possibilidades de estudos. [No meu caso, esta experiência me permitiu] pensar de forma sistemática. Eu percebia que adquiria uma facilidade na compreensão de idéias e capacidade de crítica. Acho que a inserção do aluno na pesquisa o força a tratar os diversos temas, mesmo que não sejam os de pesquisa, pelo critério científico. Creio que por ter sido bolsista de iniciação científica tenho que tomar decisões com mais segurança. Através da iniciação científica descobri novas possibilidades profissionais. Também me tornou um profissional mais preparado, que analisa, reflete, planeja e tem mais segurança na tomada de decisões. Em outras palavras, um profissional que pensa no que está fazendo e no porquê de fazer desta ou daquela maneira, não simplesmente faz. A iniciação científica desenvolveu em mim uma postura inquisitiva, questionadora diante dos fatos, o que é da natureza da pesquisa científica, levando portando a competência de pesquisador. Possibilitou-me entender a área como um campo científico e não como uma área meramente tecnicista e o diálogo com outras áreas correlatas. Com a atividade de pesquisa o aluno precisa analisar e

refletir sobre os dados que possui, também precisa ter raciocínio lógico e tomar decisões acerca dos caminhos que irá seguir dentro do seu plano de trabalho, afinal cada escolha pode implicar no sucesso ou fracasso da pesquisa. Eu acredito que a iniciação científica aumenta a visão crítica, a capacidade de raciocínio e a tomada de decisão na medida em que são muito necessárias ao trabalho do pesquisador.

G - O aprofundamento teórico que a IC oportuniza. Três entrevistados fizeram menção a essa IC: **questão 1 = 2 vezes**; questão 4 = uma vez.

Acredito que a iniciação científica ofereceu a mim condições de trabalhar com teorias de um modo mais natural. Creio que foi o programa que me possibilitou sair com mais facilidade dos casos práticos do cotidiano do ofício de bibliotecário para pensar de maneira mais ampla e teórica. [No meu caso] as competências que obtive me proporcionaram um olhar crítico sobre a literatura no campo da Ciência da Informação, especialmente na linha de pesquisa de Profissionais da Informação.

H - O aprendizado extra-classe que a IC oportuniza. Quatro entrevistados fizeram menção a essa IC, alguns deles repetindo-a em diferentes questões: **questão 1 = 2 vezes**; questão 2 = duas vezes; questão 4 = uma vez.

A iniciação científica proporcionou aprendizado extra-classe, pois conteúdos não cobertos por disciplinas da grade curricular puderam ser explorados em profundidade. [No meu caso proporcionou, também] cursar disciplinas optativas em outros cursos da UFSC.

I - A influência da IC para ingressar na pós-graduação e seguir na carreira docente. Oito entrevistados fizeram menção a essa IC, alguns deles repetindo-a em diferentes questões: questão 1 = uma vez; **questão 3 = 8 vezes**; questão 5 = 7 vezes.

Da iniciação científica para a pós-graduação foi um processo praticamente natural. Instigou-me a atuar na pesquisa científica. A iniciação científica me preparou e estimulou para realizar a pós-graduação. Os conhecimentos que adquiri enquanto aluno de iniciação científica foram fundamentais na minha decisão. Através deste conhecimento, percebi o quanto é importante pesquisar. Através da pesquisa é possível refletir sobre um determinado assunto e através da reflexão e das abordagens diversas sobre um problema de pesquisa é possível apontar possíveis soluções. Considero que a vivência na iniciação científica preparou-me adequadamente para a pós-graduação e me incentivou a docência. É, de fato, a única oportunidade que o aluno tem de perceber como é

o trabalho de um pesquisador e conhecer mais uma carreira profissional. Foi a partir da participação em iniciação científica que pude identificar qual seria meu perfil de atuação na área e optei por prosseguir em capacitação (Mestrado) para, posteriormente, ingressar na carreira docente. [No meu caso] graças à iniciação científica eu me interessei em cursar o mestrado e ainda planejo cursar o doutorado.

J - A contribuição da IC para identificar fontes de informação. Quatro entrevistados fizeram menção a essa IC, alguns deles repetindo-a em diferentes questões: questão 1 = uma vez; **questão 2 = 4 vezes**; questão 4 = uma vez; questão 5 = uma vez.

Com a iniciação científica nós acompanhávamos de maneira mais próxima as atualizações da área por diferentes canais formais e informais de informação. O trabalho de pesquisa despertou a independência/iniciativa na busca da informação, desenvolvendo a capacidade de analisá-las e selecioná-las, assimilando uma gama de informações além das repassadas em sala de aula. Neste sentido, eu acredito que tinha um grande diferencial, pois buscava mais informações e adquiria mais conhecimentos, eu estava mais informado e antenado com a área. Essa experiência me preparou com os conhecimentos sobre a identificação dos principais trabalhos científicos de uma área de estudos, com as fontes de informação adequadas, contribuindo para a busca e seleção de documentos relevantes.

L - A IC como reforço no currículo. Dois entrevistados fizeram menção a essa IC: **questão = 2: uma vez; questão 5 = uma vez.**

A iniciação científica proporcionou a publicação de trabalhos e de artigos em periódicos científicos. [No meu caso, contribuiu para o] ingresso no Mestrado, sem que houvesse cursado especialização lato Sensu, uma vez que as atividades e produções durante o período da iniciação científica fortaleceram meu currículo para o processo de seleção Stricto Sensu.

M - A influência da IC na elaboração de projetos. Dois entrevistados fizeram menção a essa IC, alguns deles repetindo-a em diferentes questões abertas: **questão 3 = duas vezes**; questão 5 = uma vez.

A iniciação científica me ajudou na elaboração de projetos [para ingressar no mestrado. No ambiente profissional] facilitou a elaboração de projetos e outros documentos pertinentes a gestão de bibliotecas.

N - A influência da IC na escolha do tema de pesquisa no mestrado. Quatro entrevistados fizeram menção a essa IC, alguns deles repetindo-a em diferentes questões abertas: questão 4 = uma vez; **questão 5 = 3 vezes**.

Durante o período de elaboração do projeto de pesquisa para o mestrado, ainda na qualidade de candidato, recorri ao material da iniciação científica para ter maior inspiração e orientação na formulação da proposta inicial de pesquisa. Avalio que a iniciação científica me preparou para a realização do mestrado [entre outros fatores] ajudando na escolha do tema da dissertação.

A questão de número seis era uma pergunta com foco diferenciado, indagava sobre o conceito de pesquisa, e por isso suas ICs não foram relacionadas às outras questões, mas apenas entre si. Por isso, os próximos DSC (O, P, e Q) são representações contidas apenas na questão 6.

O – A pesquisa é uma investigação que pede o uso de um método científico. Sete entrevistados fizeram menção a essa IC.

Em um sentido amplo, considero pesquisa a atividade de investigação sistemática sobre algo que se deseja conhecer ou aprofundar. Pesquisa é investigar algo. Esse algo pode ser um objeto de curiosidade, sem compromisso científico. Neste caso, implica em pesquisas similares a um mero estudo. Quando, porém se trata de uma investigação científica requer o uso de métodos sistemáticos para a produção de conhecimento. Pesquisar é recortar a realidade e analisar a mesma com um olhar minucioso de forma atenta e sistemática. Para obter um resultado satisfatório na pesquisa, são utilizados métodos e técnicas de acordo com o problema levantado. Entendo a pesquisa como o cerne da Ciência e como uma imersão direta a partir da exploração de determinado objeto de estudo, com base em pressupostos teóricos, métodos e procedimentos científicos. A pesquisa ao ser planejada precisa ter uma questão a ser respondida, objetivos claros e um método a ser seguido.

P – A pesquisa requer a participação no processo de comunicação científica. Cinco entrevistados fizeram menção a essa IC.

Entendo a pesquisa como o cerne da Ciência e como uma imersão direta a partir da exploração de determinado objeto de estudo, com base em pressupostos teóricos, métodos e procedimentos científicos para que seus resultados tenham validade perante a comunidade científica (pares). Em um sentido amplo, considero pesquisa a atividade de investigação sistemática sobre algo que se deseja conhecer ou aprofundar, com o intuito de posteriormente

compartilhar ou contribuir com o desenvolvimento de pesquisas afins. Os resultados da pesquisa devem ser publicados em algum canal formal de comunicação científica, como os periódicos científicos. [No meu caso] aceito como pesquisa a ação social que leva uma comunidade de pessoas a buscar conhecimento sobre um dado tema, problema ou objeto. Essa ação é guiada por códigos de conduta que asseguram a liberdade de pensamento, a criação, a crítica e a contestação de conhecimentos.

Q – Os programas de iniciação científica têm um papel na formação de futuros pesquisadores. Dois entrevistados fizeram menção a essa IC.

Os programas de iniciação científica, que preparam os alunos para a inserção na pós-graduação, têm um importante papel na formação de futuros pesquisadores, além de ser um diferencial na formação acadêmica. Além de envolver pessoas compromissadas, a pesquisa na atualidade conta com instituições que gerenciam pessoas e a dinâmica da ciência, por isso, não é livre de ideologias e objetivos organizacionais. O programa de iniciação científica é um exemplo do planejamento científico que rege a reprodução de recursos humanos para a pesquisa.

4.2.2.1 A interpretação dos DSC

As atividades como bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica foram de grande aprendizado para os graduados em Biblioteconomia participantes desta pesquisa. Os DSC apresentados evidenciaram que eles:

- a) *Aprenderam os passos de uma pesquisa realizada com rigor metodológico. Compreenderam o fazer pesquisa, ou, em outros termos, como uma pesquisa ganha o selo de científica. Evidenciaram uma preocupação com o planejamento de um trabalho e o emprego de uma metodologia científica no desenvolvimento de uma pesquisa:*

Foi durante a iniciação científica que dimensionei a importância da fase de planejamento da pesquisa e da construção dos instrumentos de coleta de dados (como o questionário), fato que foi importante para aprimorar as habilidades de planejamento das ações, que inclui desde a construção de objetivos até a elaboração de cronogramas. (Entrevistada 3).

É consensual pensar que um aluno de IC não terminará o período de introdução ao trabalho científico como um profundo conhecedor de diversas metodologias. Mas a leitura dos DSC deu a entender que eles aprenderam sobre planejamento de pesquisa e, pelo menos, sobre os procedimentos metodológicos que empregaram nos projetos trabalhados – considerando suas afirmações de que aprenderam sobre metodologia. Isso lhes deu subsídio para, minimamente, elaborar um pré-projeto que permitiu o ingresso no mestrado do PGCIN UFSC.

- b) *Desenvolveram a noção de que ciência se faz à base da colaboração entre os diferentes membros de uma comunidade – professores, professores-orientadores, colegas estudantes, os pares, o grupo de pesquisa ao qual estavam vinculados. Os funcionários da administração também surgiram, direta ou indiretamente, em suas falas. Mas há um destaque para o estreitamento na relação com os professores, especialmente com o professor-orientador:*

Em decorrência da participação no programa de pesquisa acredito que tinha como vantagens: mais **tempo disponível** para estudar e, portanto ler, refletir, debater temas com o orientador, colegas e demais professores; **maior proximidade com os professores** do curso. (Entrevistada 2, grifo da autora).

Além disso, passei a perceber que toda pesquisa se faz à base de trocas recíprocas – de material, de conhecimento, de colaboração com professores, pesquisadores e pesquisados. Nesse sentido, avalio que a Iniciação me ajudou a agir de forma mais colaborativa. (Entrevistada 3).

Entre as competências que desenvolvi posso destacar: [...] competências intelectuais: reconhecimento de problemas e proposição de soluções; aplicação de conhecimento na solução de problemas; transferência de conhecimento para orientador, colaboradores e pares; raciocínio lógico. (Entrevistada 7).

O Entrevistado 5 deu grande destaque em suas respostas ao núcleo de pesquisa (NUPILL, vinculado ao Centro de Comunicação e Expressão da UFSC) ao qual esteve vinculado. Paralelamente, relatou a convivência com professores experientes, o maior contato que teve com diferentes facetas da universidade e a vontade de ingressar na carreira docente. Se os outros entrevistados também participaram de um grupo de pesquisa, talvez a

experiência não tenha sido tão marcante. E por isso seria interessante averiguar como estão estruturados os núcleos de pesquisa chefiados pelos docentes em Ciência da Informação, quais atividades são desenvolvidas, a estrutura física que possuem, as rotinas de trabalho, os debates que fomentam entre seus integrantes. Enfim, verificar quais situações esses núcleos de pesquisa oportunizam ao bolsista de IC vivenciar.

c) *Usufruíram mais da infraestrutura da universidade.* Quatro entrevistados ressaltaram que aproveitaram mais das situações que a vida acadêmica oportuniza. Todos foram bacharéis formados pela UFSC, ou seja, cursavam Biblioteconomia no período noturno, quando alguns setores da instituição já estão fechados. A bolsa PIBIC, então, fez com que participassem de momentos que muitos de seus colegas de curso não vivenciaram: assistir palestras, presenciar atividades lúdicas e de recreação, entre outros exemplos que a vida acadêmica diurna oportuniza. Por último, merece destaque a fala da Entrevistada 2. Ela afirma que a bolsa PIBIC era sua fonte de renda. Também se envolveu com representação discente em centro acadêmico, participando do colegiado do curso. Provavelmente o tempo disponível não foi único motivo que a levou a se engajar nessas atividades, mas é bem provável que os alunos que aparecem na universidade apenas no horário das aulas não encontrem tanta motivação para participar de atividades como a de representação discente quanto os alunos envolvidos com pesquisa, por exemplo.

d) *Aguçaram a interpretação sobre aquilo que lêem, e aperfeiçoaram sua escrita e as técnicas de síntese.* Escrever com o mínimo de coesão e coerência é algo esperado de um aluno de graduação, e os depoimentos dos entrevistados dão a entender que a IC teve grande influência no desenvolvimento dessa habilidade. Alguns ressaltaram que aprenderam a escrever trabalhos acadêmicos:

[...] habilidade para escrever trabalhos acadêmicos, capacidade de abstração e interpretação de textos acadêmicos. (Entrevistada 8).

Entre as competências adquiridas posso citar a capacidade de leitura, síntese e escrita científica. (Entrevistado 9).

São relatos importantes porque pressupõem uma apropriação do vocabulário técnico da área e de algumas normas relacionadas à comunicação científica entre os pares.

- e) *Desenvolveram a comunicação oral.* Mas também significa que aprenderam a falar mais, a argumentar. Particularmente aos graduandos em Biblioteconomia, saber desenvolver um debate, saber falar é uma competência necessária. É comum, por exemplo, que haja apenas um bibliotecário trabalhando numa biblioteca, seja ela pública, seja ela escolar ou qualquer outra. Ora, ele terá que delegar funções; numa biblioteca pública, terá que dialogar com políticos e com toda a comunidade que atenderá. Presidirá reuniões. Os discursos, no entanto, não deixam claro se a apresentação em eventos da pesquisa que realizaram foi suficiente para desenvolver uma habilidade comunicativa, ou se este aprendizado se deu ao longo de todo o processo.
- f) *Ficaram mais críticos, desenvolveram o raciocínio e a tomada de decisão.* Na questão aberta de número quatro perguntou-se explicitamente sobre essas *habilidades*, por assim dizer. Não houve, praticamente, afirmativa contrária a de que há um aumento da capacidade de crítica, da segurança na tomada de decisão e do raciocínio lógico:

A pesquisa científica requer constante reflexão e crítica, bem como capacidade de raciocínio. Assim, a experiência da iniciação científica potencializou o desenvolvimento desses três itens, com destaque para a capacidade de concentração e de abstração. A tomada de decisão foi desenvolvida durante todo o processo científico, por exemplo, ao se optar por determinadas fontes de informação em detrimento de outras, por determinados autores e fontes de informação e até mesmo na escolha do tema da pesquisa. As principais decisões eram tomadas juntamente com o professor orientador, que era responsável pelo projeto de pesquisa. (Entrevistada 8).

De certo modo, em todo ambiente de trabalho é exigida a habilidade de tomar decisões corretas. A diferença é que a conduta científica obriga o sujeito a considerar mais variáveis e ser menos passional e prático. Creio que por ter sido bolsista de iniciação científica tenho que tomar decisões com mais segurança. Quanto a visão crítica e a capacidade de raciocínio foram, sem dúvida, ampliadas pela participação no programa. (Entrevistado 9).

Porém, certos trechos de algumas respostas à questão quatro se mostraram bem particulares e não foram incluídas nos DSC, mas serão expostos aqui:

O exercício da pesquisa nos faz ser mais reflexivos diante dos fatos. Disso não tenho dúvida! De um modo geral, isso nos ajuda na capacidade de tomar decisões, pois estaremos sendo inclinados a pautar nossas decisões em informações concretas e objetivas. Noto, porém, que na prática profissional, no mercado de trabalho, nem sempre “pensar muito” é visto como salutar. Esse mercado pede decisões rápidas, muitas vezes sem muita argumentação. No contexto corporativo o que importa são as decisões que levam em conta a realidade, necessidades das pessoas, com vistas a construção de uma imagem positiva no mercado ou a obtenção de lucro financeiro. Isso contrasta um pouco com a postura mais crítica diante da realidade. Penso que no contexto acadêmico há um espaço tal para a reflexão que não se encontra na realidade cotidiana da maioria das organizações. (Entrevistada 2).

Em relação à capacidade de raciocínio, avalio que a iniciação científica não interferiu nessa questão. Apenas acho que a iniciação científica exigiu uma disciplina – de leitura, de estudo – que eu antes não possuía, sendo que esta (a disciplina) contribuiu (e contribui) até os dias hoje para a melhora no aprendizado. (Entrevistada 3).

Eu acredito que a iniciação científica aumenta a **visão crítica, a capacidade de raciocínio e a tomada de decisão** na medida em que são muito necessárias ao trabalho do pesquisador. Entretanto, eu acredito que é preciso ter um perfil para ser bolsista de iniciação científica. (Entrevistada 7).

A Entrevistada 7, em sua resposta, expõe uma *verdade* que se aplica às mais diversas atividades humanas: vocação. Nem todos conseguem ser bons advogados, bons geólogos, bons médicos, bons bibliotecários... O trabalho de pesquisador também não será desempenhado com a mesma competência por todos os alunos de pós-graduação.

A Entrevistada 2 argumenta que o mercado de trabalho fora da universidade não tem tanta preocupação ou mesmo não quer pessoas com uma postura muito reflexiva ou crítica, sendo que a academia acolhe melhor os indivíduos com esse perfil.

Por último, a Entrevistada 3 afirmou que a IC não interferiu em sua capacidade de raciocínio, mas que a disciplina que adquiriu contribuiu até hoje para seu aprendizado. É uma análise que não vai ao encontro do pensamento dos outros entrevistados. A pergunta enviada a eles não especificava o conceito de *raciocínio*. No Dicionário *on-line* Michaelis (RACIOCÍNIO, 2009) está que esta palavra significa:

Operação intelectual discursiva, pela qual, da afirmação de uma ou mais de uma proposição, passamos a afirmar outra em virtude de uma conexão necessária com as primeiras. [...] Encadeamento de argumentos. [...] Juízo. [...] Objeção, ponderação. [...] Inteligência, razão.

Provavelmente, o conceito de raciocínio foi interpretado de maneira diferente porque, em se tratando de IC, é estranho pensar que o desenvolvimento de uma pesquisa científica não exige essa capacidade.

- g) *Aprofundaram seu conhecimento teórico.* Pelo menos, no campo da Biblioteconomia e Ciência da Informação. Os três entrevistados que manifestaram esse benefício declararam que a IC oportunizou trabalhar com teorias de modo mais natural e um deles especificou a linha de pesquisa com a qual criou mais intimidade teórica – *Profissionais da informação*. O fato de os outros entrevistados não terem se manifestado explicitamente a respeito pode indicar que a disciplinas da graduação é que propiciaram esse aprofundamento. Neste caso, a IC não estaria associada ao aprofundamento de teorias, e sim ao aprendizado sobre a elaboração de uma pesquisa, à valorização do trabalho cooperativo, e ao desenvolvimento da capacidade de leitura e escrita, para citar algumas das idéias centrais mais destacadas pelos entrevistados.
- h) *Aprenderam conteúdos que nas disciplinas na graduação são pouco abordados.* É o que relata, por exemplo, um dos três entrevistados que fizeram menção explícita a este benefício no DSC de letra *H*:

pude aprender e aprimorar diariamente habilidades voltadas à digitalização de textos, tratamento de imagens, manuseio de banco de dados e biblioteca digital, bem como questões conceituais e práticas dessas unidades informacionais pouco tratadas no currículo vigente na minha formação em nível de graduação. (Entrevistado 5).

A Entrevistada 2 também mencionou a possibilidade de cursar disciplinas optativas em outros cursos da UFSC. A bolsa PIBIC era sua fonte de renda e por isso ela possuía tempo disponível para cursar essas disciplinas. Mas, supondo que a entrevistada não tivesse bolsa PIBIC, ela teria que buscar um estágio remunerado ou mesmo um emprego e, possivelmente, sua vida seguiria outro rumo. Este exemplo ilustra o que, provavelmente, é a

realidade dos muitos graduandos da Biblioteconomia - UFSC: um curso noturno em que muitos de seus alunos precisam trabalhar durante o dia para se manter; à noite, quando muitos setores da universidade já fecharam, eles chegam para assistir às aulas. Com a bolsa PIBIC, além do aprendizado que obtém na atividade de pesquisa, o aluno frequenta a UFSC no período diurno, podendo buscar outras fontes de aprendizado.

- i) *Criaram desejo por continuar a formação acadêmica e ingressar na carreira docente.* A maioria dos entrevistados mencionou que a partir da experiência com a IC a carreira profissional de pesquisador, ou professor universitário, passou a ser desejada. Esta é uma feliz constatação, pois significa um grupo de pessoas interessadas em trabalhar com pesquisa nas áreas de Biblioteconomia e/ou Ciência da Informação, campos do saber que, pelo menos no Brasil, têm um número não muito grande de pesquisadores e, conforme esclarece Barreto (2009), carecem, ainda, de maiores investimentos em pesquisa.
- j) *Aprenderam a buscar e selecionar fontes de informação.* O DSC de letra J evidencia que a IC mantinha os entrevistados em contato com as atualizações da área e os incentivou (por algum estímulo ou talvez por obrigação mesmo) a saber pesquisar em fontes de informação e selecionar os documentos que os interessavam. Quatro entrevistados relacionaram essas capacidades à experiência com a IC, e como esse número não é maioria, infere-se que as disciplinas da graduação tenham transmitido essas competências aos demais. Em se tratando de um curso de Biblioteconomia, não se espera outra coisa. A Entrevistada 8, em especial, fez menção a este aprendizado em quatro das seis questões abertas.
- l) *Publicaram trabalhos em canais formais de comunicação.* Apenas dois entrevistados fizeram menção explícita a esta situação. Considera-se que a divulgação da pesquisa realizada pelo graduando com o auxílio do orientador é necessária para que ela não termine como um relatório de bolsa PIBIC guardado em uma gaveta, situação na qual apenas os avaliadores do

trabalho conhecerão seu conteúdo. Se o trabalho realizado foi aprovado e trouxe contribuições à ciência, por que não publicá-lo? Além do que, como foi relatado, as publicações ajudam no processo de seleção na pós-graduação.

- m) *Aprenderam a elaborar projetos.* E esta não foi uma capacidade utilizada apenas na construção do pré-projeto entregue para o ingresso no mestrado em Ciência da Informação da UFSC. Na carreira profissional esses documentos também foram utilizados:

Cito como exemplo, a elaboração de projetos e outros documentos pertinentes a gestão de bibliotecas. (Entrevistada 2).

Facilitou a elaboração de projetos envolvendo estudos de usuários (um dos temas investigados na iniciação) no ambiente profissional. (Entrevistada 3).

- n) *Escolheram o tema de sua dissertação influenciados pela vivência na IC.* Para quatro entrevistados, as pesquisas realizadas durante a formação à pesquisa na graduação foram a inspiração para o tema de seus projetos de mestrado. A população estudada corresponde a uma pequena parcela entre os que ingressaram no mestrado em Ciência da Informação na UFSC, e mesmo entre os entrevistados a menção a esta influência não foi expressa por todos. Mas, apesar desse resultado, afirmar que a IC exerce pouca influência sobre o tema de pesquisa dos mestrandos é arriscado. Nenhuma das questões objetivas ou abertas do instrumento de coleta de dados perguntou explicitamente algo como: “O tema de sua pesquisa no mestrado teve relação ou foi influenciado pelos trabalhos desenvolvidos no período da iniciação científica?”.
- o) *Entendem que a pesquisa científica tem como grande característica a utilização de um método científico.* Alguns entrevistados colocaram primeiro um conceito de pesquisa genérico para depois diferenciá-lo da pesquisa científica: precisa ter um objetivo, é sistemática, rigorosa e utiliza um método específico. O *método*, ao que parece, constituiu-se na grande característica da pesquisa.
- p) *Percebem que uma pesquisa, para ganhar validade, precisa ser publicada.* O DSC resultante desta ICs poderia até ser reunido com o DSC de letra O,

em virtude de praticamente todos os entrevistados terem mencionado as duas ideias na mesma resposta, mas optou-se por deixá-lo em separado para dar mais destaque. A compreensão que uma pesquisa, para ser considerada *científica*, precisa participar do processo de publicação, pode significar que os entrevistados já possuem uma visão ampla das *normas da ciência*. Possivelmente, compreenderam que a validade de uma pesquisa depende de sua publicação.

- q) *Têm uma visão ampla de todo o processo de produção científica.* Ao responder sobre o conceito de pesquisa, apenas dois entrevistados (8 e 9) mencionaram os programas de IC e as instituições que gerenciam as dinâmicas de pesquisas e a ciência. É uma citação muito interessante, pois indica uma visão até *sociológica* do fazer ciência, colocando os programas de IC como um planejamento para produção de novos pesquisadores, e indo ao outro extremo, nas instituições que mantêm e gerenciam a ciência.

4.3 AS REVELAÇÕES DA LITERATURA *VERSUS* AS PERCEPÇÕES DOS ALUNOS.

Esta seção constitui-se na terceira etapa dos resultados desta pesquisa: a comparação entre (i) os resultados obtidos pela sistematização e análise da literatura sobre IC com (ii) os resultados obtidos pela sistematização e análise dos discursos dos ex-bolsistas PIBIC graduados em Biblioteconomia. A categorização utilizada na sistematização da literatura sobre IC foi a base para a organização das comparações.

A primeira constatação foi que a experiência com a IC foi de grande proveito aos entrevistados. Direta ou indiretamente, todos os *benefícios* encontrados na literatura analisada foram mencionados nos relatos dos entrevistados, em maior ou menor grau.

A começar pelas competências que adquiriram. Autores como Kobashi (2002), Fava-de-Moraes e Fava (2000), Alencastre, Évora, Scochi e Santos (1996) mencionaram as habilidades de comunicação e/ou expressão oral. Maccariello,

Novicki e Castro (2002, p. 108) destacaram a impressão de um bolsista de IC após a apresentação de uma pesquisa que realizou, em um congresso nacional:

Achei o máximo! Ficamos todos entusiasmados! Ainda mais porque apresentamos o artigo num Congresso Nacional, em que a maioria das pessoas eram graduadas e pós-graduadas, ou seja, já com alguma formação na área. Você começa a perceber que não é leigo total no assunto e que está se destacando naquilo que você faz. O seu trabalho, seu esforço é reconhecido.

O DSC de letra *E* é o seu correspondente:

Desenvolvi a comunicação oral. Outra competência advém da participação em eventos com a apresentação de trabalhos de forma oral, o que contribui para o desenvolvimento de habilidades comunicativas.

No processo de comunicação científica, a apresentação de trabalhos em eventos é uma forma caracterizada como comunicação informal (MEADOWS, 1999) ou semiformal (TARGINO; NEYRA, 2006). De praxe, um indivíduo expõe/defende suas idéias verbalmente a um grupo de pessoas, e ao final há um diálogo entre ambos os lados, caracterizando uma interação pouco burocrática que proporciona *feedback* imediato ao autor das idéias. Os trabalhos apresentados poderão ser registrados em anais. Esse tipo de comunicação é mais utilizado nas fases iniciais de uma pesquisa quando seu autor é um pesquisador já constituído. Os alunos de IC, ao contrário, utilizam a apresentação de seus trabalhos em seminários como primeira forma de divulgação da pesquisa que realizaram.

O DSC de letra *A* reflete o aprendizado dos alunos sobre a construção de uma pesquisa científica: “A partir da Iniciação Científica, foi possível identificar e vivenciar todas as etapas de uma pesquisa. Ela possibilitou o contato inicial com métodos e dinâmicas de pesquisa [...]” Na literatura que constituiu o *corpus* de análise há menções mais explícitas a esse aprendizado em Kobashi (2002), Martinho e Cyrillo (2004) e Leme (2001). Esta última cita a fala de um ex-bolsista, que afirma que aprendeu a fazer pesquisa, mas dentro dos temas da Psicologia. Interpretando essa idéia como um aprofundamento teórico, pode-se fazer uma relação com a DSC de letra *G*, que é uma representação do conjunto de idéias semelhantes compartilhada por quarto entrevistados, sobre o aprofundamento teórico que a IC oportuniza. Mas nenhum deles mencionou que “aprenderam a pesquisa somente nos limites da Biblioteconomia e/ou Ciência da Informação”.

Alguns trabalhos do corpus mencionaram o desenvolvimento da habilidade de escrita pelos alunos de maneira mais explícita: Fava-de-Moraes e Fava (2000), Cardoso, Silva Júnior, Martinho e Cyrillo (2004), Maccariello, Novicki e Castro (2002), Queiroz e Almeida (2004), Maccariello, Novicki e Castro (2002). Estes últimos citam um relato de ex-bolsista que, entre outros temas, expõe seu desenvolvimento na redação:

Nesse processo, também aprendi a escrever melhor. No início, meus relatórios era basicamente levantamento de material bibliográfico sobre temas. Posteriormente, passei a elaborar relatórios sob a forma de ensaios bibliográficos, com meu direcionamento teórico, com minhas análises. (MACCARIELLO; NOVICKI; CASTRO, 2002, p. 98).

No caso, o DSC de letra *D* traz a representação sobre os efeitos da IC na qualidade dos textos produzidos pelos entrevistados:

[...] A necessidade de ler muitos textos para fundamentar o trabalho de pesquisa contribui para o desenvolvimento da competência do letramento no sentido de ler, interpretar e apresentar a própria compreensão. [...]

Como já foi possível observar, diversos trabalhos do *corpus* analisado trazem relatos de alunos de IC. São exemplos que ajudam na análise dos DSC obtidos, facilitando também a comparação entre diferentes realidades. Por exemplo, tanto na literatura quanto nos discursos há menções às competências adquiridas que não estão relacionadas a alguma área do conhecimento propriamente, como aprender a escrever, a ser crítico sobre aquilo que se lê e a aprender a falar em público, citando apenas algumas. Sem dúvida alguma essas habilidades foram empregadas em processos relacionados ao campo de estudo durante a formação científica, mas a menção a habilidades como essas faz ressaltar que a IC é percebida como um importante período para desenvolver capacidades que não estão relacionadas a aquisição de conteúdo ou aprofundamento teórico. De fato, alguns entrevistados mencionaram estes resultados, mas as menções às capacidades anteriormente citadas foram maiores.

Sobre a relação entre a IC e a atuação profissional dos entrevistados, todos relataram alguma influência, e a que mais chamou a atenção foi o interesse pela carreira de professor universitário, além do desejo por continuar os estudos no

mestrado. Infere-se que atrelado a este interesse esteja também o gosto despertado em ser pesquisador (algo também mencionado):

O estímulo foi direto, pois a iniciação científica despertou meu interesse pela pesquisa e pela carreira docente, bem como a experiência foi preponderante para o amadurecimento necessário para o ingresso no Mestrado, sem que houvesse cursado especialização Lato Sensu, uma vez que as atividades e produções durante o período da IC fortaleceram meu currículo para o processo de seleção Stricto Sensu (Mestrado). (Entrevistada 6).

Entre os artigos analisados, destaca-se aqui o trabalho de Yamamoto e Fernandes Júnior (2002, p. 125-126) sobre o impacto que a implantação do PIBIC teve na Universidade do Rio Grande do Norte:

Desta forma, o PIBIC tem representado para a UFRN, desde sua implantação, uma poderosa ferramenta de fomento à pesquisa, aumentando sensivelmente a nossa produção científica e motivando o engajamento dos alunos de graduação nos projetos dos pesquisadores mais experientes. Ao longo do funcionamento do programa pudemos também observar que a maior parte de seus bolsistas busca o ingresso em cursos de pós-graduação, visando titular-se para posterior retorno à instituição. Isto mostra claramente outro grande benefício do PIBIC, que é sua atuação indireta como instrumento de qualificação do nosso quadro docente.

O DSC de letra *M* representa os benefícios da formação científica na elaboração de projetos, seja para ingresso no mestrado, seja em atividades profissionais. O relato da Entrevistada 3 dá maiores detalhes:

Ter participado da atividade de iniciação científica despertou o meu interesse [em] cursar o mestrado em Ciência da Informação e facilitou a elaboração de projetos envolvendo estudos de usuários (um dos temas investigados na iniciação) no ambiente profissional.

Cardoso, Silva Junior, Martinho e Teles Cyrillo (2004), tendo por base a área médica, afirmam que há uma percepção que a IC traria grandes benefícios aos médicos profissionais, como a capacidade de juízo crítico, que poderia auxiliar no momento da elaboração de um diagnóstico e na tomada de decisões.

Os trabalhos de Breglia e Rodrigues (2002) e Rodrigues e Guimarães (2003) fizeram uma ponte entre o ensino pela pesquisa na formação de bibliotecários e o *novo perfil* de bibliotecário que essa metodologia de educação pode moldar, por assim dizer. Os autores rotulam a formação de bibliotecário como tecnicista, mas

consideram que não se pretende formar pesquisadores na graduação: a proposta é inculcá-los uma predisposição à pesquisa. Pelo que se pode constatar nos DSC obtidos, a iniciação científica (pelo menos no formato de bolsa PIBIC) instiga nos alunos a vontade de trabalhar, mais tarde, com pesquisa, bem como os torna mais críticos e com uma visão mais ampla e séria da universidade. Tais dados contribuem para entender a defesa dos autores em favor de se trabalhar a pesquisa já nos cursos de graduação.

Sobre a relação entre a pós-graduação e a IC, o DSC de letra *I* explicitou muito claramente o quanto essa formação influenciou na decisão dos entrevistados em ingressar no mestrado. O DSC de letra *N* mostrou que alguns deles escolheram o tema de sua dissertação influenciados pela pesquisa desenvolvida na graduação. O DSC de letra *L*, por sua vez, esclareceu que as publicações decorrentes dos trabalhos na IC fortaleceram o currículo, permitindo o ingresso no mestrado.

Quanto à permanência na pós-graduação, as respostas às perguntas objetivas do instrumento de coleta de dados mostraram que o período foi um pouco maior que dois anos até o término do mestrado. A literatura analisada, por sua vez, indicou que o tempo de conclusão na pós-graduação tem diminuído entre os alunos que fizeram IC. Para chegar a conclusões mais seguras, seria necessário, talvez, checar as datas de ingresso e término do mestrado no PGCIN UFSC e comparar os alunos que foram bolsistas de IC com os alunos que não foram.

Entre as vantagens competitivas que o aluno adquire em relação aos que não realizam IC, além de tudo o que já foi exposto nessa seção, há o domínio que sobre pesquisa nas fontes de informação - DSC de letra *J*. Na literatura analisada temos o trabalho de Crasto, Neves, Pires, Nascimento, Vieira e Serafim (2007). Esses autores constataram que os alunos que cursaram disciplina de IC tiveram maiores acertos nas questões referentes à busca por informação na Internet.

Fava-de-Moraes e Fava (2000) apontaram que um benefício que os alunos encontram é a fuga da rotina escolar. Um paralelo pode ser feito com o DSC de letra *C*:

[...] por se tratar de um curso noturno, onde os alunos raramente vivenciam o universo acadêmico por motivos normalmente de trabalhos externos à universidade, a primeira vantagem evidente é o contato integral com a universidade e tudo que a permeia. O uso da infraestrutura da universidade. [No meu caso] a iniciação científica propiciou maior vivência na universidade, especialmente no período diurno quando muitos eventos e atividades acontecem. Essa disponibilidade de tempo, já que me dedicava apenas ao curso e a pesquisa (a bolsa foi minha fonte de renda), foi um

diferencial em relação aos colegas, já que muitos realizavam atividade profissional distinta do curso, ou então tinham atividades como estágios, sendo que se dirigiam para a universidade apenas no horário das aulas. Com isso pude participar de atividades no Centro Acadêmico, representar os estudantes do curso em colegiado do Curso.

O maior envolvimento que os alunos têm com os docentes, e em especial com seu orientador, algo também apontado por Fava-de-Moraes e Fava (2000), tem forte representação no DSC de letra *B*.

Neste caso, a Entrevistada 2 viveu integralmente a universidade, aproveitou muito do que ela pode oferecer e, sem dúvida, distanciou-se em muito da rotina de sala de aula a que muitos alunos estão submetidos - na UFSC, pelo menos, é uma universidade que tem muitas de suas atividades interrompidas no período noturno, quando os alunos de Biblioteconomia têm aula.

A interdisciplinaridade, tão comentada nos capítulos do livro *Iniciação científica: construindo o pensamento crítico* e no artigo de Mazon e Trevizan (2001) esteve presente no discurso do Entrevistado 5, cuja iniciação científica se deu em um núcleo de pesquisa sobre literatura, lingüística e informática. Ele comentou que pôde aprender sobre bibliotecas digitais, tema pouco abordado no currículo normal da Biblioteconomia, e essa experiência foi de grande importância para seu ingresso no mestrado e na decisão de seguir na carreira acadêmica.

Sobre o aguçamento da capacidade de crítica dos alunos de IC, ou da visão crítica que passaram a ter sobre a sociedade (DAMASCENO, 2002), o DSC de letra *F* representa esse aprendizado pelos entrevistados:

Acredito que este é um dos principais objetivos da iniciação científica, ou seja, permitir ao aluno ingressar no meio científico e acadêmico e a partir de questionamentos e novas descobertas, refletir sobre o que está sendo estudado e levantar novas possibilidades de estudos. [No meu caso, esta experiência me permitiu] pensar de forma sistemática. Eu percebia que adquiria uma facilidade na compreensão de idéias e capacidade de crítica. Acho que a inserção do aluno na pesquisa o força a tratar os diversos temas, mesmo que não sejam os de pesquisa, pelo critério científico.

Na literatura analisada também foram citados problemas que o aluno pode enfrentar durante a sua formação científica, mas os entrevistados não mencionaram nada parecido.

5 CONCLUSÃO

Esta pesquisa identificou as percepções dos ex-bolsistas de IC graduados em Biblioteconomia em relação ao impacto, as marcas e os resíduos que a experiência de realizar pesquisa na graduação deixou na formação profissional desses indivíduos, comparando tais resultados com informações encontradas na literatura sobre o tema.

A literatura analisada pode ser agrupada em cinco grandes categorias/variáveis:

- a) competências adquiridas na IC;
- b) influência da IC na atuação profissional;
- c) a relação entre IC e pós-graduação;
- d) vantagens competitivas;
- e) a influência da IC para o aluno adquirir uma visão crítica.

Essas categorias nortearam a formulação das perguntas aos entrevistados. Suas respostas, porém, foram mais ricas em detalhes e por isso optou-se por elaborar os DSC separando-os pelas ICs – que, de certa forma, também são categorias, mas que representam o agrupamento das idéias veiculadas nos discursos dos entrevistados --, fazendo uma representação mais fiel à realidade. Na etapa de comparação entre os dois resultados, as cinco variáveis apresentadas na literatura serviram de base.

De acordo com as ICs, a experiência da iniciação científica teve como resultado, em maior ou menor grau, para os entrevistados:

- a) aprendizado sobre a elaboração de uma pesquisa científica;
- b) valorização do trabalho colaborativo, em especial com os professores, professores-orientadores e colegas;
- c) entendimento sobre as dinâmicas da vida acadêmica e envolvimento com a universidade;
- d) desenvolvimento da capacidade de interpretação, leitura e redação;
- e) desenvolvimento da comunicação oral;
- f) desenvolvimento da capacidade de crítica, de tomada de decisão e de raciocínio;
- g) aprofundamento teórico;

- h) aprofundamento de conteúdos pouco abordados nas disciplinas;
- i) vontade de ingressar na pós-graduação e seguir na carreira docente;
- j) capacidade de identificar fontes de informação;
- l) melhorar o currículo;
- m) capacidade de elaborar projetos;
- n) inspiração na hora de escolher o tema de pesquisa no mestrado.

Sobre o conceito de pesquisa, as seguintes ICs apareceram nas respostas:

- a) é uma investigação que pede o uso de um método científico;
- b) a pesquisa requer a participação no processo de comunicação científica;
- c) os programas de iniciação científica têm um papel na formação de futuros pesquisadores.

As ICs não foram seqüenciadas por ordem de relevância, mesmo porque o DSC é uma técnica de cunho mais qualitativo que quantitativo. A ordem apresentada é a seqüência com que as ICs foram encontradas nas E-Ch (ver APÊNDICE C). No entanto, ao considerar o número de entrevistados que mencionou cada ICs, pode-se afirmar que as cinco principais contribuições da iniciação científica para eles foram:

- a) valorização do trabalho colaborativo, em especial com os professores, professores-orientadores e colegas = oito entrevistados a mencionaram;
- b) vontade de ingressar na pós-graduação e seguir na carreira docente = oito entrevistados a mencionaram;
- c) aprendizado sobre a elaboração de uma pesquisa científica = sete entrevistados a mencionaram;
- d) desenvolvimento da capacidade de interpretação, leitura e redação = sete entrevistados a mencionaram;
- e) desenvolvimento da capacidade de crítica, de tomada de decisão e de raciocínio = seis entrevistados a mencionaram.

A IC se mostrou como um período em que o estudante de Biblioteconomia encontra condições de *viver mais a universidade*. O estudante usufrui mais de sua infraestrutura e das mais variadas situações em que pode adquirir conhecimento, e isso vai além da pesquisa que tem que desenvolver. Nessa fase, como visto, ele tem oportunidade de se matricular em disciplinas optativas de outros cursos; debater sobre os mais variados temas com pessoas de diferentes áreas do conhecimento (a interdisciplinaridade apareceu na literatura e nos discursos); conhecer os

professores por ângulos que ele não conseguia enxergar dentro da sala de aula; ter maior contato com outros funcionários da universidade; e adquirir uma visão mais ampla dessa instituição. Enfim, essas descrições servem para ilustrar que a IC é uma espécie de *chave* com a qual o estudante abre diversas *portas* da universidade que antes estavam *trancadas* ou mesmo *invisíveis* para ele.

É oportuno lembrar que todos os entrevistados fizeram sua graduação em instituições públicas. Nas particulares, provavelmente o leque de oportunidades e situações a vivenciar são em menor número e/ou dificultadas em função de que, nessas instituições, para participar de muitas atividades, necessita-se efetuar um pagamento.

Outra questão diz respeito às diferenças entre formação científica como disciplina dentro da grade curricular (TCC ou disciplina optativa, por exemplo) e como bolsa concedida por agências financiadoras (PIBIC, por exemplo). Todos os entrevistados vivenciaram a IC por meio de bolsa, e foi essa a percepção que transmitiram nos discursos. Na literatura analisada, havia trabalhos sobre a IC dentro do currículo, mas seus enfoques não permitiram estabelecer a diferença de aprendizado entre as duas modalidades.

Por fim, procurar compreender como estudantes de graduação criam interesse pela *profissão* de pesquisador é importante na medida em que essas informações podem ser usadas como insumo estratégico na reformulação de currículos e na criação de projetos político-pedagógicos de cursos. Podem, ainda, contribuir para a formulação de políticas institucionais de fomento à pesquisa e ao aperfeiçoamento dos processos de comunicação científica.

A Biblioteconomia brasileira, em especial, necessita de maior contingente de pesquisadores e professores universitários comprometidos com o avanço desse campo do saber e com a formação de bibliotecários mais preparados para enfrentar o mercado de trabalho.

Consciente de que esta pesquisa representa uma contribuição ínfima às discussões apresentadas, seu autor espera que as ações empreendidas em prol da educação bibliotecária resultem sempre no fortalecimento da área como disciplina científica e na profissão do bibliotecário brasileiro.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, Marcos. Representação social: uma genealogia do conceito. **Comum**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 23, p. 122-138, jul./dez. 2004. Disponível em: <<http://www.facha.edu.br/publicacoes/comum/comum23/Artigo7.pdf>>. Acesso em: 24 jul. 2010.

ALMEIDA, Carlos Cândido. **O campo da Ciência da Informação: suas representações no discurso coletivo dos pesquisadores do campo no Brasil**. 2005. 396 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação)- Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005a.

ALMEIDA, Carlos Cândido de. Discurso do sujeito coletivo: reconstruindo a fala do “social”. In: VALENTIN, Marta Lígia Pomim (Org.). **Métodos qualitativos de pesquisa em Ciência da Informação**. São Paulo: Polis, 2005b.

ARAÚJO, Marize Barros de Souza; ROCHA, Paulo de Medeiros. Saúde da família: mudando práticas? Estudo de caso no município de Natal (RN). **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 14, supl. 1, set./out. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232009000800017&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 19 jun. 2010

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.

BARRETO, Aldo de Albuquerque. Olhar sobre os 20 anos da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB). **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, Brasília, v. 2, n. 1, p. 3-28, jan./dez. 2009. Disponível em: <<http://inseer.ibict.br/ancib/index.php/tpbci/article/view/13/35>>. Acesso em: 21 jun. 2010.

BARROS, Aidil Jesus Paes de; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. **Fundamentos de metodologia: um guia para a iniciação científica**. São Paulo: McGraw-Hill, 1986.

CHAMON, Edna Maria Querido de Oliveira. Representação social da pesquisa e da atividade científica: um estudo com doutorandos. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 12, n. 1, p. 37-46, jan./abr. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2007000100005&lang=pt>. Acesso em: 16 jun. 2009.

CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO. **Bolsas por quota no país**. 2006a. Disponível em: <http://www.cnpq.br/normas/rn_06_017.htm>. Acesso em: 19 abr. 2009.

CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO. **Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC)**: norma específica. 2006b. Disponível em: <http://www.cnpq.br/normas/rn_06_017_anexo3.htm>. Acesso em: 19 abr. 2009.

CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO. **Portaria nº 816, de 17 de dezembro de 2002**, Regimento interno do CNPq, Título I, Capítulo I, Artigo 2. Disponível em: <<http://centrodememoria.cnpq.br/port816.html>>. Acesso em: 7 jun. 2009.

CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO. **História do CNPq**. [2009?]. Disponível em: <<http://centrodememoria.cnpq.br/Missao.html>>. Acesso em: 7 jun. 2009.

CUNHA, Miriam, Vieira da. As profissões e a suas transformações na sociedade. In: CUNHA, Miriam Vieira da; SOUZA, Francisco das Chagas de (Org.). **Comunicação, gestão e profissão**: abordagens para o estudo da Ciência da Informação. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 141-150.

DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 1997.

DEMO, Pedro. **Pesquisa e construção de conhecimento**: metodologia científica no caminho de Habermas. 4. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

FRANCELIN, Marivalde Moacir. Ciência, senso comum e revoluções científicas: ressonâncias e paradoxos. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 33, n. 3, p. 26-34, set/dez. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v33n3/a04v33n3.pdf>>. Acesso em: 7 jul. 2010.

GARCEZ, Eliane Fioravante. **Pesquisa escolar na educação básica**: discurso de bibliotecários catarinenses. 2009. 320 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação)- Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1991.

KÖCHE, José Carlos. **Fundamentos da metodologia científica**. 14. ed. rev. e ampl. Petrópolis: Vozes, 1997.

KURAMOTO, Hélio. Informação científica: proposta de um novo modelo para o Brasil. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 35, n. 2, p. 91-102, maio/ago. 2006. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/view/831/678>>. Acesso em: 1 jun. 2010

LEFEVRE, Fernando; LEFEVRE, Ana Maria Cavalcanti. **Depoimentos e discursos: uma proposta de análise em pesquisa social**. Brasília: Liber Livro, 2005.

LEFEVRE, Fernando; LEFEVRE, Ana Maria Cavalcanti. O sujeito coletivo que fala. **Interface: Comunicação, Saúde, Educação**, v. 10, n. 20, p. 517-524, jul./dez. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832006000200017&lng=pt&nrm=iso&tIng=pt>. Acesso em: 23 maio 2010.

MEADOWS, Arthur Jack. **A comunicação científica**. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 1999.

PORTOCARRERO, Vera. Panorama do debate acerca das ciências. In: _____. (Org.). **Filosofia, história e sociologia das ciências: abordagens contemporâneas**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1998. p. 17-21.

RACIOCÍNIO. In: MICHAELIS: moderno dicionário da língua portuguesa. [2009?]. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=racioc%EDnio>>. Acesso em: 20 jun. 2010.

RASCHE, Francisca. **Ética em bibliotecas públicas: representações de ética de profissionais da informação bibliotecários**. 2005. 280 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação)-Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Centro de Ciências da Educação, Universidade federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

RONAN, Colin A. **História ilustrada da ciência da Universidade de Cambridge: das origens à Grécia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, c1987. v. 1.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. 6. ed. Porto: Afrontamento, 1993.

SCHWARTZMAN, Simon. **Formação da comunidade científica no Brasil**. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional/FINEP, 1979.

SCHWARTZMAN, Simon. **Um espaço para a ciência**: a formação da comunidade científica no Brasil. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2001. Disponível em: <http://www.schwartzman.org.br/sitesimon/?page_id=574&lang=pt-br>. Acesso em: 8 jul. 2010.

SILVA, Edna Lúcia da. **A construção dos fatos científicos**: da práticas concretas às redes científicas. 1998. 133 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação)– Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e tecnológico; Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4. ed. rev. e atual. Florianópolis: UFSC, 2005.

TARGINO, Maria das Graças; NEYRA, Osvaldo Nilo Balmaseda. Dinâmica de apresentação de trabalhos em eventos científicos. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 16, n. 2, p. 13-23, jul./dez. 2006. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/621/1473>>. Acesso em: 22 jun. 2010.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. Programa da Pós-Graduação em Ciência da Informação. **Corpo discente**. Última atualização do *site* em 26 fev. 2010a. Disponível em: <http://www.cin.ufsc.br/pgcin/corpo_discente.php>. Acesso em: 17 maio 2010.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. Programa da Pós-Graduação em Ciência da Informação. **Regimento**. Última atualização do *site* em 26 fev. 2010b. Disponível em: <<http://www.cin.ufsc.br/pgcin/regimentos.php#grau>>. Acesso em: 22 maio 2010.

VERHINE, Robert E. Pós-graduação no Brasil e nos Estados Unidos: uma análise comparativa. **Educação**, Porto Alegre, v. 31, n. 2, p. 166-172, maio/ago. 2008. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/viewFile/2767/2114>>. Acesso em: 8 jul. 2010.

WALTER, Maria Teresa Machado Teles; BAPTISTA, Sofia Galvão. Representações profissionais de bibliotecários no Brasil: alguns resultados de pesquisa. **Encontros Bibli**: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, v. 14, n. 27, 2009. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/6715/10134>>. Acesso em: 23 maio 2010.

ZIMAN, John. **Conhecimento público**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1979.

APÊNDICES

APÊNDICE A – *Corpus* da pesquisa: literatura sobre iniciação científica na graduação.

Logo abaixo estão arrolados os dados referenciais sobre os documentos que constituíram o *corpus* referente à literatura sobre IC. A seqüência obedece à ordem alfabética e acima de cada referência, à direita, está o código do texto correspondente ao encontrado no Quadro 1. O resumo que acompanha cada referência foi elaborado pelo autor desta pesquisa.

1

ALENCASTRE, Márcia Bucchi, ÉVORA, Yolanda Dora Martinez; SCOCHI, Carmem Gracinda Silvan; SANTOS, Branca Maria de Oliveira. Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica: experiência da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 4, n. 2, p. 229-236, jul. 1996. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11691996000200018&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 23 jan. 2010.

Apresenta um breve histórico da trajetória do PIBIC na USP, em especial na Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto desta instituição, trazendo também manifestações positivas, negativas e sugestões de bolsistas e orientadores em relação aos seminários de divulgação das pesquisas por eles desenvolvidas. Seminários estes organizados pela USP.

2

BECENERI, José Carlos; KIENBAUM, Germano de Souza. A iniciação científica e o Programa Espacial Brasileiro. **Integração**: ensino, pesquisa, extensão, São Paulo, v. 12, n. 47, p. 377-386, out./nov./dez. 2006. Disponível em: <ftp://ftp.usjt.br/pub/revint/377_47.pdf>. Acesso em: 13 set. 2009.

Traça um panorama geral da execução do PIBIC/CNPq em 12 anos (1994-2005) de existência no Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) avaliando quantitativamente a contribuição mútua proporcionada pela participação da instituição no programa na formação de recursos humanos nas áreas da pesquisa espacial de seu interesse. O Inpe já atendeu 216 bolsistas de iniciação científica ao longo dos anos, provenientes de no mínimo onze instituições (UNITAU, UNIVAP e

ITA, principalmente), com uma média de permanência na bolsa de 15,9 meses, somando todas as médias de tempo dessas instituições. Há predominância de alunos com formação em Computação e algumas engenharias, e Engenharia Civil é a formação dos alunos de maior permanência – média de 24,6 meses. O tempo de permanência dos alunos é usado com um indicador indireto de seu aproveitamento no programa. Mais de 10% dos ex-bolsistas ingressaram na pós-graduação do Inpe e o autor associa este dado à diminuição do tempo de conclusão do mestrado, o que, associado ao fato do PIBIC/CNPq possibilitar maior integração entre o Inpe e as universidades e faculdades da região, indica um bom retorno dos investimentos feitos pelos pesquisadores do instituto.

3

BÔAS, Glaucia Kruse Villas. Currículo, iniciação científica e evasão de estudantes de ciências sociais. **Tempo Social**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 45-62, abr. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0103-20702003000100003&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 22 jan. 2010.

Descreve as mudanças ocorridas no currículo do curso de Ciências Sociais da UFRJ desde sua criação, em 1939 e as relaciona à taxa de evasão dos alunos. Atesta que a alta taxa de evasão dos discentes (cerca de 50 %) não diminuiu com as mudanças curriculares. Porém, entre os (400) alunos que ingressaram no Programa de Iniciação Científica do Laboratório de Pesquisa Social (LPS), que durou de 1988-1997, a evasão foi de 2%. A maioria dedicou-se a atividades profissionais no campo das Ciências Sociais e mais de 50% desses alunos ingressaram na pós-graduação.

4

BOTELHO, Rafael Guimarães; OLIVEIRA, Cristina da Cruz de. Iniciação científica e formação de professores na Universidade do Estado do Rio de Janeiro: a produção na área da Educação Física. **Revista Brasileira de Educação Física, Lazer e Dança**, v. 1, n. 2, p. 34-52, jun. 2006. Disponível: <http://www.refeld.com.br/main.php?page=numeros_anteriores_2>. Acesso em: 13 set. 2009.

Analisa as tendências de pesquisa dos discentes do IEFD/UERJ relativas a 14 Semanas de Iniciação Científica da UERJ (SEMICs) (1992-2005) e tem como objetivos específicos: (a) relacionar o período de iniciação científica à questão da formação de professores de Educação Física e (b) identificar os enfoques e as ênfases da pesquisa discente. É pesquisa bibliográfica que utiliza o *software* SRAPE na organização e classificação dos dados. Em 14 anos de SEMICs foram encontrados 104 trabalhos (1,27% do total) apresentados por 140 bolsistas de

iniciação científica, o que dá uma média de 7,43 trabalhos por ano. Um total de 48 professores do IEFD orientaram os bolsistas nesse período. Não foram encontrados indícios de integração entre a graduação e pós-graduação em Educação Física na instituição. Dos trabalhos apresentados, 53,84% evoluíram para memórias de licenciatura, o que indica que a participação em iniciação científica contribuiu para a elaboração deste trabalho de final de curso.

5

BREGLIA, Vera Lucia Alvez.; RODRIGUES, Mara Eliane F. O desafio de modelar a formação profissional: o futuro no presente. **Informação & Informação**, Londrina, v. 7, n. 1, p. 57-66, jan./jun. 2002. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/1696/1447>>. Acesso e: 13 set. 2009.

Aborda o modelo de formação de bibliotecários no Brasil. Inicia com uma breve análise do modelo de universidade atual (o artigo é de 2002), que não está preparado para enfrentar os desafios impostos pela sociedade, entre outros motivos pela herança de uma sociedade colonial que tardiamente colocou a pesquisa na universidade. Descreve brevemente algumas mudanças no ensino brasileiro de Biblioteconomia ao longo da história e defende a integração da pesquisa como forma de dar ao estudante espírito de investigação, que alie teoria e prática.

6

CALAZANS, Julieta. Articulação teoria/prática: uma ação formadora. In: _____ (Org.). **Iniciação científica: construindo o pensamento crítico**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002. cap. 2, p. 57-78.

É um ensaio sobre a aprendizagem das exigências e limites no processo de produção científica, a função pedagógica na articulação teórico-prática na formação de pesquisadores e a interdisciplinaridade na produção de conhecimento. Cita diversos trechos de relatórios de alunos bolsistas de iniciação científica ou de aperfeiçoamento que exemplificam o quão é válida a participação destes em projetos de pesquisa, em especial pelo contato com bases teóricas de investigação, pela visão de mundo mais crítica, pelo contato com outras áreas do conhecimento.

CARDOSO, Gilberto Perez; CYRILLO, Raphael Joaquim Teles; SILVA JÚNIOR, Cyro Teixeira da; SETÚBAL, Sergio; VELARDE, Luis Guilermo Coca; BITTENCOURT, Elizabeth Madriaga; GONÇALVES, Michelle de Andrade; GUIMARÃES, Jorge Vicente; CARDOSO, Renato Bergallo Bezerra; FERNANDES, Luis Rodrigo. Características pessoais de alunos de um curso de graduação em Medicina participantes e não participantes de um programa de Iniciação Científica. **Pulmão RJ**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 19-22, 2009. Disponível em: <http://www.sopterj.com.br/revista/2009_18_1/default.asp>. Acesso em: 23 jan. 2010.

Compara e estuda o perfil social de alunos que cursaram e não cursaram a disciplina de iniciação científica (IC) do curso de medicina da Universidade Federal Fluminense. O *corpus* constituiu-se de alunos do 9º ao 12º período, escolhidos por sorteio, totalizando 50 alunos que participaram de pelo menos duas disciplinas de IC e 50 alunos que participaram de no máximo uma ou mesmo nem chegaram a cursá-la. Para todos foi enviado questionário de perguntas objetivas cujos resultados foram comparados estatisticamente. As conclusões preliminares indicam que os alunos de IC têm tendência a ouvir mais as outras pessoas quando precisam tomar decisões e a morar coletivamente. Os alunos do grupo não-IC são predominantemente do sexo masculino e mais pragmáticos, suas decisões são individualistas e têm preferência por morarem sozinhos.

CARDOSO, Gilberto Perez; SILVA JÚNIOR, Cyro Teixeira da; CARVALHO NETTO, André Luiz de Castro; TOUÇA, Adriana da Silva; MATTOS, Ana Carolina Musser Tavares de; PACHECO, Ariane Binoti; BRÍGIDO, Daniela Cioccarì; NACIF, Isabella. Dez anos de iniciação científica: o que aprendemos? Experiência da Disciplina de Iniciação Científica do Curso de Medicina da UFF. **Pulmão RJ**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 131-136, abr./maio/jun. 2005. Disponível em: < >. Acesso em: 23 jan. 2010.

Descreve a análise informações sobre o funcionamento do programa de iniciação científica na Universidade Federal Fluminense, no período 1996-2004. A iniciação científica está integrada ao currículo por meio de sete disciplinas optativas que o aluno pode cursar a partir da segunda fase. Constata que houve interesse crescente por parte dos alunos a participar das disciplinas (em 1996 eram 12, já em 2004 eram 254 participantes), bem como entre os professores de todas as áreas e departamentos do curso (cinco docentes no início e 56 em 2004, embora corresponda a apenas 12% do total de professores do curso). Mas os docentes da área *básica* diminuíram em participação.

9

CARDOSO, Gilberto Perez; CYRILLO, Raphael Joaquim Teles; SILVA JUNIOR, Cyro Teixeira da; VELARDE, Guillermo Coca; MATTOS, Ana Carolina Musser Tavares de; TOUÇA, Adriana da Silva; CARVALHO NETTO, André Luiz de Castro; BRÍGIDO, Daniela Ciocari; CAPARELLI, Gabriela; NACIF, Isabella; FERNANDES, Luiz Rodrigo; CARDOSO, Renato Bergallo Bezerra; BITTENCOURT, Elizabeth Madriaga. Influência de uma disciplina de Iniciação Científica na graduação sobre o perfil profissional de médicos. **Pulmão RJ**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2-4, p. 76-81, 2007. Disponível em: <http://www.sopterj.com.br/revista/2007_16_2_4/default.asp>. Acesso em: 23 jan. 2010.

Analisa o impacto das disciplinas de iniciação científica (IC) sobre a situação profissional dos médicos formados pela Universidade Federal Fluminense (que cursaram pelo menos duas disciplinas de IC), comparando-os com os ex-alunos que não cursaram essas disciplinas. Cada um dos dois grupos foi constituído por 26 médicos com similaridades em relação ao sexo, idade, etc. Dados como o rendimento escolar, grau de instrução dos pais, renda familiar, apresentação de trabalhos em eventos, trabalhos publicados em periódicos científicos e titulação atual mostraram-se semelhantes. Mas os integrantes do grupo que não cursaram IC foram aprovados em concursos públicos em maior número e têm renda familiar superior aos ex-alunos que cursaram IC. Após alguns anos, a pesquisa será aplicada novamente.

10

CARDOSO, Gilberto Perez; SILVA JUNIOR, Cyro Teixeira da Silva; MARTINHO, José Manoel da Silva Gomes; CYRILLO, Raphael Joaquim Teles. Iniciação científica em medicina: uma questão de interesse para todas as especialidades. **Pulmão RJ**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 8-12, jan./fev./mar. 2004. Disponível em: <http://www.sopterj.com.br/revista/2004_13_1/default.asp>. Acesso em: 23 jan. 2010.

Discute sobre a importância da iniciação científica (IC) ser implantada na graduação em Medicina, trazendo a percepção de diferentes autores sobre o assunto. Faz uma breve comparação da implantação da IC em três escolas de Medicina (duas brasileiras e uma chilena), além de exemplos de pesquisas sobre o tema. Constatase que mesmo em nível mundial há pouca publicação sobre IC na área médica.

11

CARDOSO, Gilberto Perez; SILVA JUNIOR, Cyro Teixeira da; CYRILLO, Raphael Joaquim Teles; VELARDE, Guillermo Coca; MATTOS, Ana Carolina Musser Tavares de; TOUÇA, Adriana da Silva; CARVALHO NETTO, André Luiz de Castro; BRÍGIDO, Daniela Ciocari; CARDOSO, Renato Bergallo Bezerra; CAPARELI, Gabriela; NACIF, Isabella. Participar de pesquisas com alunos de iniciação científica na graduação interfere na produção científica do docente? **Pulmão RJ**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 4, p. 247-252, 2006. Disponível em: <http://www.sopterj.com.br/revista/2006_15_4/default.asp>. Acesso em: 23 jan. 2010.

Compara a produção científica de docentes mestres e doutores que participaram do Programa de Iniciação Científica (PIC) com a produção de docentes que não participaram, durante determinado período – no grupo que participou do PIC, avalia a produção de dois anos antes e dois anos dessa participação. Atesta que no período avaliado houve aumento da produção científica dos docentes em todas as subcategorias consideradas, mas a diferença de produção entre os doutores do grupo que participou do PIC foi maior em relação aos doutores do outro grupo. Entre os mestres a diferença foi pouco significativa.

12

CARDOSO, Gilberto Perez; SILVA JUNIOR, Cyro Teixeira da; CARVALHO NETTO, André Luiz de Castro; TOUÇA, Adriana da Silva; BRÍGIDO, Daniela Ciocari; MATTOS, Ana Carolina Musser Tavares de; PACHECO, Adriane Binoti. Visão geral de um Programa de Iniciação Científica em medicina: experiência do Curso de Medicina da Universidade Federal Fluminense. **Pulmão RJ**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 3, p. 174-181, jul./ago./set. 2004. Disponível em: <http://www.sopterj.com.br/revista/2004_13_3/default.asp>. Acesso em: 23 jan. 2010.

Analisa o Programa de Iniciação Científica do Curso de Medicina da Universidade Federal Fluminense no período de 1996 até 2002. O Curso oferece disciplinas optativas de Iniciação Científica (a partir da segunda fase até a oitava), além de no currículo constar como obrigatório o trabalho de conclusão de curso. Apresenta dados referentes aos projetos e ao número de professores e alunos participantes ao longo do tempo e suas áreas de atuação.

13

CRASTO, Maria do Carmo Valente; NEVES, Denise Duprat; PIRES, Maria Lúcia Elias; NACIMENTO, Livia Pitta; VIEIRA, Luiz Paulo Villela; SERAFIM, Eduardo Pitanga.. O ensino de iniciação científica no curso de graduação em medicina. **Pulmão RJ**, v. 16, n. 1, p. 12-16, 2007. Disponível em: <http://www.sopterj.com.br/revista/2007_16_1/04.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2010.

Avalia a aquisição do conhecimento da metodologia científica [disciplina Iniciação Científica I (IC I)], entre os alunos do Curso de Medicina da UNIRIO, comparando o conhecimento de alunos do segundo e sétimo períodos (que cursaram a disciplina IC I, mas com diferentes metodologias), além dos que estão em internato (estes pertencem ao currículo antigo, que não possuía IC I como obrigatória mas fazem trabalho de conclusão de curso). O número de participantes foi de 131 alunos, sendo 53 do segundo período (40%), 43 do sétimo período (33%) e 35 do 11º e 12º período (27%). O grupo do segundo período obteve maior o número de acertos.

14

DAMASCENO, Maria Nobre. A formação de novos pesquisadores: a investigação como uma construção coletiva a partir da relação teoria-prática. In: CALAZANS, Julieta (Org.). **Iniciação científica: construindo o pensamento crítico**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002. cap. 1, p. 13-55.

Analisa a prática de investigação realizada por um grupo da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, cuja equipe de pesquisadores era formada por professores e estudantes de graduação e pós-graduação. Em especial as atividades e o desenvolvimento dos estudantes com bolsa PIBIC/CNPq ao longo do processo é objeto de reflexão do capítulo. Explica os objetivos do PIBIC e a distribuição desse programa nas universidades no Brasil, além de argumentar sobre a importância da investigação na prática docente e o modo como o objeto de pesquisa e a metodologia de trabalho do grupo criaram forma. Em seguida apresenta a fundamentação teórica das pesquisas desenvolvidas, sendo que o foco destas eram os saberes nascidos na práxis dos atores sociais com ênfase no saber dos docentes que atuam na escola pública do ensino fundamental; ou seja, os saberes que dão sustentação às suas decisões e julgamentos no cotidiano de sua prática em sala de aula, estabelecendo sua relação com o saber de formação, o saber curricular e o saber da prática social. Os bolsistas consideraram a experiência de realizar pesquisa muito enriquecedora, sob vários aspectos. A maioria deles entrou na pós-graduação.

15

DUARTE, Emeide Nóbrega; RAMALHO, Francisca Arruda; AUTRAN, Marynice Medeiros Matos; PAIVA, Eliane Bezerra; ARAÚJO, Milena Borges Simões. Estratégias metodológicas adotadas nas pesquisas de iniciação científica premiadas na UFPB: em foco a série “Iniciados”. **Encontros Bibli**: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, v. 14, n. 27, 2009. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/6130>>. Acesso em: 22 jan. 2010.

Identifica as estratégias metodológicas das pesquisas realizadas por alunos do PIBIC e premiadas no âmbito do CCSA/UFPB, da área de Ciências Sociais Aplicadas. É pesquisa qualitativa e quantitativa, documental, cujo objeto de pesquisa é a série Iniciados, publicada pela UFPB. O *corpus* correspondeu a 13 pesquisas, das áreas de Administração, Ciência da Informação e Economia. Os resultados apontam mudanças de paradigmas quando às abordagens metodológicas. Também há a necessidade das estratégias metodológicas serem descritas com mais organização e clareza.

16

FAVA-DE-MORAES, Flavio; FAVA, Marcelo. A iniciação científica: muitas vantagens e poucos riscos. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v.14, n.1, p. 73-77, jan./mar. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392000000100008&lang=pt>. Acesso em: 13 set. 2009.

Trata da importância do programa de iniciação científica para os alunos de nível superior e para o desenvolvimento e consolidação da ciência em um país, de modo geral. Descreve algumas das vantagens e competências que o aluno adquire com a experiência da pesquisa em sua graduação, mas também apresenta alguns riscos a que o aluno pode se expor e que devem ser evitados. Finaliza afirmando que a iniciação científica é um excelente meio de identificar jovens criativos que promoverão desenvolvimento econômico e social.

17

GOMES, Maria Magda Ferreira; SANNA, Maria Cristina. A pesquisa em enfermagem no congresso de iniciação científica de uma universidade de São Paulo. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 57, n. 5, p. 574-578, set./out. 2004.

Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672004000500012>. Acesso em: 17 abr. 2010.

Avalia a correção metodológica dos trabalhos apresentados, em 2002, no quinto Congresso de Iniciação Científica, pelos alunos e professores do Curso de Graduação em Enfermagem de uma universidade paulista. Avalia os resumos publicados no anais e os pôsteres apresentados no evento, perfazendo um total de 42 trabalhos. Constata que os objetivos foram adequadamente construídos em 45,2% e 31% os apresentaram pouco claros e não mensuráveis. Observou-se mais de uma inadequação metodológica para um mesmo trabalho, num total de 56 ocorrências. Quanto aos resultados, estavam adequados em 24 trabalhos, e as conclusões estavam adequadas em 33,3% dos trabalhos, mas 31,5% não respondiam aos objetivos do estudo. Questões éticas não foram mencionadas em 64,3% dos trabalhos. Conclui ser necessário investir na capacitação dos orientadores, com enfoque na condução dos métodos de pesquisa e escolha de objetos de estudo. As autoras recomendam a continuidade desses estudos, com vistas a identificar tendências, dificuldades e facilidades que permitam direcionar as ações corretivas e prospectiva da área de Enfermagem.

18

KOBASHI, Nair Yumiko. Notas sobre o papel da pesquisa em cursos de graduação em Ciência da Informação. **Transinformação**, Campinas, v. 14, n. 2, p. 153-158, jul./dez. 2002. Disponível em: <<http://revistas.puc-campinas.edu.br/transinfo/include/getdoc.php?id=23&article=5&mode=pdf>>. Acesso em: 13 set. 2009.

Discute a atividade de pesquisa nos cursos de graduação em Ciência da Informação, atividade esta fundamental para entender e atuar na sociedade contemporânea. Desenvolve as seguintes questões: O que significa pesquisar?; O que é política de pesquisa?; A pesquisa discente; Políticas de pesquisa e integração Graduação/Pós-Graduação.

LEME, Maria Isabel da Silva. Iniciação à pesquisa científica. **Psicólogo inFormação**, [S.l.], ano 5 , n. 5, jan./dez. 2001.

Analisa a importância da iniciação científica na formação do psicólogo, tendo como parâmetro relatos de experiência de alunos e professores do Instituto de Psicologia da USP e critérios de agências financiadoras (FAPESP e CNPq). Explica que no curso de Psicologia da USP há disciplinas obrigatórias e optativas onde o aluno, em pequenos grupos, aprende e exercita as etapas da pesquisa científica, sendo que nas optativas há um aprofundamento dessa atividade. O orientador é um professor escolhido pelo aluno, especialista no tema de estudo. Do ponto de vista do aluno, ressalta, a partir de depoimentos, os seguintes aspectos positivos: relação com o conhecimento (menos dogmático, mais crítico e analisador), relação com a instituição (a observa sob pontos de vista diferentes), relação com a profissão (visualiza a carreira acadêmica como uma possibilidade, além de desenvolver uma nova forma de pensar), relação com o professor (relação de troca). Expõe também aspectos negativos: especialização precoce, variação em estilos de orientação e ausência de divulgação da bolsa. Os professores relatam que a orientação é positiva porque estabelece uma relação de parceria, há mais contato com o discente e percebe-se uma contribuição mais efetiva na formação deste. Conclui que a experiência de iniciação científica conduzida em parceria com o orientador contribui para a formação de futuros pesquisadores.

MACCARIELLO, Maria do Carmo Moreira Martins; NOVICKI, Victor; CASTRO, Elza Maria Neffa Vieira de. Ação pedagógica na iniciação científica. In: CALAZANS, Julieta (Org.). **Iniciação científica**: construindo o pensamento crítico. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002. cap. 3, p. 79-115.

Analisa a ação pedagógica da iniciação científica na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), focando o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC). Inicia com a discussão sobre concepções pedagógicas: a que procura manter o sistema social vigente e outra de conquista de cidadania, que questiona o autoritarismo do Estado-sociedade. Descreve a implantação do PIBIC na UERJ para, em seguida, apresentar duas pesquisas que tinham como foco a Região do Médio Paraíba-RJ, nas quais trabalharam bolsistas de diferentes áreas do conhecimento. Cita trechos da fala dos bolsistas em relação às atividades realizadas e ao aprendizado que a experiência proporcionou.

21

MALDONADO, Luciana A.; PAIVA; Edil V. de. A iniciação científica na graduação em Nutrição: possibilidades e contribuições para a formação profissional. **Iniciação científica**: construindo o pensamento crítico. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002. cap. 6, p. 141-162.

Analisa a formação científica do nutricionista, discutindo aspectos na iniciação científica nos curso de graduação em Nutrição, como base para estimular a produção de um conhecimento próprio e dominado pelo grupo para alcançar uma prática profissional com maior competência científica e legitimidade social no campo da nutrição humana. Trás como referencial teórico Mannheim e Bourdieu, relacionamento as semelhanças e, principalmente, as divergências desses pensadores em relação ao sistema educacional. Apresenta relatos de professores do curso de Nutrição do estado do Rio de Janeiro sobre a importância da pesquisa e a iniciação científica.

22

MAZON, Luciano; TREVIZAN, Maria Auxiliadora. Fecundando o processo da interdisciplinaridade na iniciação científica. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 9, n. 4, p. 83-87, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692001000400014&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 22 jan. 2010.

Relata algumas experiências na iniciação científica sobre a ótica da interdisciplinaridade: um bolsista PIBIC do curso de Administração de Empresas da FEARP/USP em projeto de responsabilidade de uma docente do curso de Enfermagem da EERP/USP. Descreve as atividades desenvolvidas em um hospital psiquiátrico, em um grupo de estudo sobre o terceiro setor, em eventos da área de Enfermagem e em pesquisas com alunos de pós-graduação dessa área.

23

NEVES, Rosa Maria das; LEITE, Siomara Borba. Iniciação científica: vocação de genialidades ou prática cultural? **Iniciação científica**: construindo o pensamento crítico. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002. p. 163-183.

Discute a questão da prática de formação do cientista, em especial os programas de iniciação científica. Aborda o conceito de ciência e alguns momentos de sua evolução histórica, os estereótipos do cientista e as abordagens mais inovadoras de entender a ciência partir do *fazer ciência*, como os estudos de laboratório, por

exemplo. Em seguida discute sobre a formação do cientista e a idéia de que é preciso ter *vocação* para atuar esta atividade.

24

OLIVEIRA, Neilton Araújo de; ALVES, Luiz Anastácio; LUIZ, Maurício Roberto. Iniciação científica na graduação: o que diz o estudante de Medicina? **Revista Brasileira de Educação Médica**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 3, p. 309-314, jul./set. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022008000300005&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 13 set. 2009.

Verifica a existência (ou inexistência) e os motivos da participação (ou não participação) na iniciação científica junto a alunos do sexto ano em seis cursos de Medicina em quatro estados do Brasil. Trabalho exploratório que realiza pesquisa bibliográfica, documental, aplicação de questionários e entrevistas semi-estruturadas com alguns alunos, sendo os dados comparados com os do Provão de 2003 e os do ENADE de 2007. Foram 413 questionários respondidos (68,71% do total). Relata que três quartos dos estudantes afirmaram que a pesquisa científica é uma experiência institucional importante e que poderia ser obrigatória na formação médica. Porém a iniciação científica é pouco freqüente na formação médica e contribui para esse quadro, também, problemas como a falta de pessoal capacitado, para orientação e com tempo disponível, pouca estrutura física e falta de apoio institucional.

25

QUEIROZ, Salete Linhares; ALMEIDA, Maria José Pereira Monteiro. Do fazer ao compreender ciências: reflexões sobre o aprendizado de alunos de iniciação científica em Química. **Ciência & Educação**, v. 10, n. 1, p. 41-53, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ciedu/v10n1/03.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2010.

Analisa o *fazer ciência* de duas alunas de Química, bolsistas de IC, relacionando a prática à capacidade de *compreender a ciência*. Acompanha por um período de nove meses as atividades das alunas em um laboratório de pesquisa d uma universidade de São Paulo, realizando entrevistas com as alunas e integrantes do grupo de pesquisa no qual elas se inseriram, além de observações no local. Utiliza como base teórica os estudos de laboratório de Latour e Woolgar. As autoras descrevem as atividades das alunas e as comparam a trechos do livro *A vida em laboratório: a produção dos fatos científicos*, dos autores anteriormente citados. Constatam que as bolsistas compreenderam, ainda que de forma implícita em alguns aspectos, como se faz ciência.

RODRIGUES, Maria Eliane Fonseca; GUIMARÃES, José Augusto Chaves. A dimensão pedagógica da pesquisa nos cursos de Biblioteconomia do Mercosul: reflexões sobre uma trajetória de harmonização curricular. **Transinformação**, Campinas, v. 15, n. 2, p. 149-163, maio/ago. 2003.

Trata das discussões dos encontros de Biblioteconomia do Mercosul, em especial os Encontros de Dirigentes de Cursos Universitários de Biblioteconomia do Mercosul e das discussões nesses eventos sobre a pesquisa na graduação. A universidade está em crise, em contradição e precisa modificar-se. Ao aceitar o conhecimento comum processo, essa instituição tem o desafio de unir o ensino com a pesquisa e a extensão, ainda mais quando se coloca o aluno no centro do processo, cujo aprendizado não mais deve ser pela memorização e repetição. Em especial ao ensino de Biblioteconomia, essa nova concepção vai de encontro à necessidade de romper com a formação técnica do profissional para formar pessoas mais criativas, que criem oportunidades, indo além das exigências de mercado.

VALENTIM, Marta Lúcia Pomim; BARBALHO, Célia Regina Simonetti; ROSEMBERG, Dulcinéia Sarmanto; CUNHA, Miriam Vieira da. As articulações da pesquisa com o ensino e a extensão nos cursos de Biblioteconomia e Ciência da Informação do Mercosul. **Transinformação**, Campinas, v. 15, n. 2, p. 105-117, maio/ago. 2003.

Descreve a articulação da pesquisa científica no ensino de Biblioteconomia e Ciência da Informação no Brasil. Instrumentos de coleta de dados foram enviados às 40 escolas de graduação dessas áreas pelos coordenadores regionais da ABECIN, que os receberam reenchidos, sistematizaram os dados e os enviaram à direção desta associação, que realizou a sistematização final. Apenas 18 escolas participaram. Os dados apontam que a maioria das escolas inclui o trabalho de conclusão de curso (TCC) como exigência para formação acadêmica. Há 38 grupos de pesquisa, com uma média de 4,3 professores e 3,6 alunos, que realizam sub-projetos vinculados aos projetos dos docentes. A maioria dos temas dos TCCs estão vinculados aos grupos de pesquisa e as disciplinas ministrados nos cursos. Há muitos alunos de iniciação científica com bolsas financiadas por agências nacionais, estaduais (em menor número) e uma bolsa de agência internacional, pelas IES ou mesmo sem receber auxílio algum. A maioria das instituições possui políticas direcionadas à pesquisa, possuem disciplinas que articulam pesquisa e ensino, possuem laboratórios e os periódicos científicos que mantêm têm comissão editorial e editor responsável. Há necessidade de maior apoio para que a pesquisa científica se desenvolva.

28

VILLARDI, Raquel. Iniciação científica na formação do professor: trilhas em construção. In: CALAZANS, Julieta (Org.). **Iniciação científica: construindo o pensamento crítico**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002. cap. 5, p. 129-140.

Reflexão sobre a influência de grupos de pesquisa na formação dos professores, em especial da área de Letras e Pedagogia. Discute sobre a importância de habilidades de leitura, necessárias à capacidade de relacionar significados, tendo ligação com uma nova forma de ensino. Discute também que para a formação integral do professor há necessidade de a pesquisa fazer parte de seu processo de aprendizagem. Cita como exemplo e entrada de graduandos de Letras e Pedagogia e um grupo de pesquisa, a partir do Programa de Iniciação à Docência e do PIBIC.

29

WERLE, Flávia Obino Corrêa. Iniciação científica e formação de jovens pesquisadores. **Cadernos de Educação**, Pelotas, v. 7, n. 10, p. 165-176, jan./jun. 1998.

Descreve e analisa o processo de formação de auxiliares de pesquisa, defendendo esta como uma atividade formativa, assim como o ensino em sala de aula. Para isso cita dois projetos que envolveram estudantes nessa atividade, arrolando algumas das tarefas que faziam e as habilidades que conquistavam à medida do tempo.

30

YAMAMOTO, Maria Emília; FERNANDES JÚNIOR, Valter José. Bases de pesquisa: a experiência da UFRN no fomento institucional da pesquisa. In: CALAZANS, Julieta (Org.). **Iniciação científica: construindo o pensamento crítico**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002. cap. 4, p. 117-127.

Descreve a implantação do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIIC), que se deu a partir de 1992 na Universidade do Rio Grande do Norte, e a influência desse programa no aumento de produção científica dos professores. A implantação do PIBIC acompanhou e aumentou de *bases de pesquisa*, que são grupos de pesquisa. Entre 1992 e 1996 o número de bases de pesquisa aumentou, bem como o número de bolsistas PIBIC e a produtividade dos docentes, em todas as áreas do conhecimento, mas em graus variados. Conclui que a implantação do PIBIC foi fundamental para o desenvolvimento e institucionalização da pesquisa na UFRN.

APÊNDICE B – Modelo do termo de consentimento livre e esclarecido e do questionário utilizados na pesquisa.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado para participar da pesquisa OS BENEFÍCIOS ADVINDOS DA PARTICIPAÇÃO EM PROGRAMAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA: REVELAÇÕES DA LITERATURA VERSUS PERCEPÇÃO DOS ALUNOS, referente ao Trabalho de Conclusão do Curso de Biblioteconomia de José Paulo Speck Pereira, sobre a orientação da Profa. Edna Lúcia da Silva. Você foi selecionado em função de ter sido identificado como aluno ou ex-aluno do curso de mestrado em Ciência da Informação na UFSC e ter participado de programas de iniciação científica durante a graduação. Gostaríamos de esclarecer que sua participação não é obrigatória, mas muito importante para os objetivos da pesquisa. Informamos que a qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Estou tentando saber que impacto, que marcas, que resíduos a experiência como bolsista de iniciação científica deixou na sua formação profissional. Seu depoimento a esse respeito é de vital importância para a conclusão da pesquisa; sem dados não há resultados.

Esclarecemos que os dados serão tratados de forma confidencial, uma vez que os respondentes não serão identificados e que a pesquisa assume os compromissos éticos de reunir e tratar os dados de forma fidedigna, divulgando os resultados somente para os fins propostos nos objetivos da pesquisa.

Vale salientar, que ao responder a presente entrevista, você estará concordando com sua participação na pesquisa.

Grato pela colaboração!

MÓDULO 1: Caracterização do Respondente

1.1 Idade: _____ anos

1.2 Sexo: [] F [] M

1.3 Instituição em que cursou graduação em Biblioteconomia: _____

1.4 Ano em que concluiu a graduação: _____

1.5 Em quais anos você participou de programas de iniciação científica: _____

1.6 Participação em programas de iniciação científica: 1 ano () 2 anos () 3 anos +4 ano ()

1.5 Ano de conclusão do mestrado: _____

1.6 Exercício profissional atual: _____

MÓDULO 1: Percepção a respeito do Programa de Iniciação Científica

1. Considerando que a competência referente ao conhecimento cognitivo envolve saber como lidar com a informação e saber como aprender; pensando no programa de iniciação científica, quais as competências adquiridas durante esse período? Dê seu depoimento sobre as competências adquiridas que atribui como consequência dessa experiência na sua vida estudantil.

2. Durante o curso de graduação quais eram as vantagens competitivas que você achava que tinha em relação aos colegas que não participavam do programa de iniciação científica?

3. A participação no programa de iniciação científica interferiu de que forma no seu futuro profissional e na sua atuação profissional?

4. A sua vivência como bolsista de iniciação científica aumentou sua visão crítica, sua capacidade de raciocínio e de tomada de decisão? Em que medida? Discorra sobre o assunto.

5. Considere sua vivência na iniciação científica e avalie se ela preparou e estimulou você a realizar pós-graduação. Discorra sobre esse fato.

6. No seu entender o que é pesquisa?

APÊNDICE C – Instrumento de Análise do Discurso (IAD 1).

As reticências entre colchetes que existem em determinadas E-Ch indicam supressões de texto. Já as palavras entre colchetes, também encontradas nas E-Ch, são acréscimos que o autor desta pesquisa fez: as letras entre colchetes indicam o início de uma ICs, as outras palavras entre colchetes foram incluídas por uma questão de gramática da língua portuguesa; a falta dessas palavras prejudicaria a estrutura da frase.

1 Considerando que a competência referente ao conhecimento cognitivo envolve saber como lidar com a informação e saber como aprender; pensando no programa de iniciação científica, quais as competências adquiridas durante esse período? Dê seu depoimento sobre as competências adquiridas que atribui como consequência dessa experiência na sua vida estudantil.		
Entrevistados	Expressões-Chave	Ideias Centrais
E1	[A] Contato inicial com métodos e dinâmicas de pesquisa, [B] contato com professores e [C]envolvimento com a universidade.	1- A - Contato inicial com métodos e dinâmicas de pesquisa. 2 – B – Contato com professores. 3 – c – Envolvimento com a universidade.
E2	[D] O desenvolvimento do letramento no sentido de ler, interpretar e apresentar a própria compreensão. A necessidade de ler muitos textos para fundamentar o trabalho de pesquisa contribui para o desenvolvimento desta competência. Vale ressaltar que o “letramento” é visto aqui nas suas diferentes perspectivas: leitura, escrita, [E] comunicação oral. Outra competência advém da participação em eventos com a apresentação de trabalhos de forma oral, o que contribui para o desenvolvimento de habilidades comunicativas . [F] Por fim, o desenvolvimento de uma postura inquisitiva, questionadora diante dos fatos, o que é da natureza da pesquisa científica, levando portando a competência de pesquisador .	1- D - O desenvolvimento da leitura, interpretação e apresentação da própria compreensão. 2- E - Desenvolvimento de habilidades comunicativas pela participação em eventos com apresentação de trabalhos de forma oral. 3- F - Desenvolvimento de uma postura questionadora diante dos fatos. Uma competência do pesquisador.
E3	[D] Durante a iniciação científica aprendi a organizar as leituras e, conseqüentemente, passei a valorizar os fichamentos. O projeto de pesquisa elaborado na iniciação foi a base de outros que vieram posteriormente, e avalio que desenvolvi a capacidade de síntese e análise. [A] Foi durante a iniciação científica que dimensione a importância da fase de planejamento da pesquisa e da construção dos instrumentos de coleta de dados (como o questionário), fato que foi importante para aprimorar as habilidades de planejamento das ações, que inclui desde a construção de objetivos até a elaboração de cronogramas.	1 – A - Foi durante a iniciação científica que dimensione a importância da fase de planejamento da pesquisa e da construção dos instrumentos de coleta de dados (como o questionário). 2 – B - Além disso, passei a perceber que toda pesquisa se faz à

	<p>[B] Além disso, passei a perceber que toda pesquisa se faz à base de trocas recíprocas – de material, de conhecimento, de colaboração com professores, pesquisadores e pesquisados. Nesse sentido, avalio que a Iniciação me ajudou a agir de forma mais colaborativa.</p>	<p>base de trocas recíprocas – de material, de conhecimento, de colaboração com professores, pesquisadores e pesquisados. Nesse sentido, avalio que a Iniciação me ajudou a agir de forma mais colaborativa.</p> <p>3 – D - Durante a iniciação científica aprendi a organizar as leituras e, conseqüentemente, passei a valorizar os fichamentos.</p>
E4	<p>[G] As competências que obtive [...] me proporcionaram um olhar crítico sobre a literatura no campo da Ciência da Informação, especialmente na linha de pesquisa de Profissionais da Informação. Na fase do levantamento bibliográfico, foi possível identificar diversas abordagens sobre o tema pesquisado e as reflexões advindas da leitura da literatura levantada e dos inúmeros encontros com a orientadora ampliaram o meu conhecimento teórico e prático. A fase da coleta de dados se transcorreu minuciosamente perfazendo o tempo de coleta determinado pelo projeto. Esta fase, uma das mais importantes da pesquisa, exigiu paciência e dedicação do pesquisador em apurar e tabular os dados da forma mais exata possível, para que o resultado obtido seja o mais fidedigno com a realidade. Em seguida, a fase de elaboração de um texto acadêmico, [B] seguindo as normas definidas pela academia e também a correção textual precisa do orientador permitiram eu aprimorar o texto acadêmico.</p>	<p>1 – B - Correção textual precisa do orientador permitiram eu aprimorar o texto acadêmico.</p> <p>2 – G - As competências que obtive [...] me proporcionaram um olhar crítico sobre a literatura no campo da Ciência da Informação, especialmente na linha de pesquisa de Profissionais da Informação.</p>
E5	<p>[...][D] Como atuei no Núcleo de Pesquisa em Literatura, Linguística e Informática, NUPILL/UFSC [...] pude aprender e aprimorar diariamente habilidades voltadas à digitalização de textos, tratamento de imagens, manuseio de banco de dados e biblioteca digital, [H]bem como questões conceituais e práticas dessas unidades informacionais pouco tratadas no currículo vigente na minha formação em nível de graduação.</p>	<p>1 – D - Pude aprender e aprimorar diariamente habilidades voltadas à digitalização de textos, tratamento de imagens, manuseio de banco de dados.</p> <p>2 – H - Questões conceituais e práticas dessas unidades informacionais pouco tratadas no currículo vigente na minha formação em nível de graduação.</p>
E6	<p>[H] A iniciação científica proporcionou aprendizado extra-classe, pois conteúdos não cobertos por disciplinas da grade curricular puderam ser explorados em profundidade. [F]A participação em projetos permitiu também um amadurecimento quanto aos objetos da Ciência da Informação, o entendimento da área como um campo científico e não como uma área meramente tecnicista e o diálogo com outras áreas correlatas [...]. [A] A experiência em projetos também possibilitou conhecer diferentes metodologias, [E] oportunizou participação em eventos, [B]o contato com pesquisadores experientes e o [I] despertar pelo interesse em prosseguir na atividade acadêmica.</p>	<p>1 – A - A experiência em projetos também possibilitou conhecer diferentes metodologias.</p> <p>2 – B - O contato com pesquisadores experientes.</p> <p>3 – E - Oportunizou participação em eventos.</p> <p>4 – F - A participação em projetos permitiu também um</p>

		amadurecimento quanto aos objetos da Ciência da Informação. 5- H - A iniciação científica proporcionou aprendizado extra-classe, pois conteúdos não cobertos por disciplinas da grade curricular puderam ser explorados em profundidade. 6 - I - Despertar pelo interesse em prosseguir na atividade acadêmica.
E7	<p>A iniciação científica despertou a capacidade de aprender a aprender, com a autonomia na busca pelas informações e pelo conhecimento. Entre as competências que desenvolvi posso destacar:</p> <p><u>Competências técnicas:</u> conhecimento técnico;</p> <p><u>Competências intelectuais:</u> reconhecimento de problemas e proposição de soluções; aplicação de conhecimento na solução de problemas; [B] transferência de conhecimento para orientador, colaboradores e pares; raciocínio lógico;</p> <p><u>[F] Competências comportamentais:</u> criatividade; iniciativa; análise/senso crítico; observação; concentração; motivação; persistência e autonomia;</p> <p><u>Competências sociais:</u> relacionamento interpessoal;</p> <p><u>Competências de comunicação:</u> [E] comunicação e [D] redação;</p> <p><u>Competências organizacionais:</u> planejamento e organização; administração do tempo e de recursos.</p>	<p>1 - B - Transferência de conhecimento para orientador, colaboradores e pares.</p> <p>2 - D - Redação.</p> <p>3 - E - Comunicação.</p> <p>4 - F - <u>Competências comportamentais:</u> criatividade; iniciativa; análise/senso crítico; observação; concentração; motivação; persistência e autonomia.</p>
E8	<p>[...] [A] aptidão para desenvolver uma pesquisa científica, elaborar projeto de pesquisa, [D] resumo e artigo científico, [J] pesquisar em bases de dados, [E] preparar e apresentar trabalho em evento. [D] Além disso, destaca-se o desenvolvimento da facilidade de escrita, capacidade de concentração, capacidade de abstrair e sintetizar textos acadêmicos e científicos, [F] pensar de forma sistemática e trabalhar em equipe.</p>	<p>1 - A - aptidão para desenvolver uma pesquisa científica, elaborar projeto de pesquisa.</p> <p>2 - D - Além disso, destaca-se o desenvolvimento da facilidade de escrita, capacidade de concentração, capacidade de abstrair e sintetizar textos acadêmicos e científicos.</p> <p>3 - E - Preparar e apresentar trabalho em evento.</p> <p>4 - F - Pensar de forma sistemática.</p> <p>5 - J - Pesquisar em bases de dados.</p>
E9	<p>[...] Entre as competências adquiridas posso citar a [D] capacidade de leitura, síntese e escrita científica. [G] Acredito que a iniciação científica ofereceu a mim condições de trabalhar com teorias de um modo mais natural. [...] Creio que foi o programa que me possibilitou sair com mais facilidade dos casos práticos do cotidiano do ofício de bibliotecário para pensar de maneira mais ampla e teórica.</p>	<p>1 - D - Capacidade de leitura, síntese e escrita científica.</p> <p>2 - G - Acredito que a iniciação científica ofereceu a mim condições de trabalhar com teorias de um modo mais natural.</p>

2 Durante o curso de graduação quais eram as vantagens competitivas que você achava que tinha em relação aos colegas que não participavam do programa de iniciação científica?		
Entrevistados	Expressões-Chave	Ideias Centrais
E1	[A] Experiência com pesquisa, [C] entendimento sobre as dinâmicas da vida acadêmica, [B] maior contato com os professores.	1 – A - Experiência com pesquisa. 2 – B - Maior contato com os professores. 3 – C - Entendimento sobre as dinâmicas da vida acadêmica.
E2	[...] mais tempo disponível para estudar e, portanto, ler, refletir, [B] debater temas com orientador, colegas e demais professores; maior proximidade com os professores do curso; [C] maior vivência na universidade , especialmente no período diurno quando muitos eventos e atividades acontecem; [H] possibilidade de cursar disciplinas optativas em outros cursos da UFSC. [C] Essa disponibilidade de tempo, já que me dedicava apenas ao curso e a pesquisa (a bolsa foi minha fonte de renda), foi um diferencial em relação aos colegas, já que muitos realizavam atividade profissional distinta do curso, ou então tinham atividades como estágios, sendo que se dirigiam para a universidade apenas no horário das aulas. Com isso pude participar de atividades no Centro Acadêmico, representar os estudantes do curso em colegiado do Curso. [F] Essas atividades contribuem para a formação profissional de um modo geral, pelas condições de participação, de formulação de argumentos, e especialmente, pelo maior tempo dedicado ao estudo.	1 – B - Debater temas com orientador, colegas e demais professores; maior proximidade com os professores do curso. 2 – C - Maior vivência na universidade, especialmente no período diurno quando muitos eventos e atividades acontecem. 3 – F - Essas atividades contribuem para a formação profissional de um modo geral, pelas condições de participação, de formulação de argumentos. 4 – H - Possibilidade de cursar disciplinas optativas em outros cursos da UFSC.
E3	Avaliava que, do ponto de vista do prosseguimento dos estudos em nível de pós-graduação, a iniciação científica seria vantajosa [A] dada a possibilidade de propiciar uma familiaridade com a pesquisa científica, [E] além de valorizar o currículo pessoal, dada a possibilidade de participar de eventos e [L] publicar textos científicos. [...] [H] avaliava que a iniciação científica traria conhecimentos não abordados nas disciplinas curriculares da graduação. Entretanto, por outro lado, julgava que a iniciação científica enfraqueceria o aspecto prático da profissão (a prática de estágios), principalmente por avaliar que a profissão de bibliotecário exige um saber eminentemente técnico.	1- A - A IC propiciou maior familiaridade com a pesquisa científica, além de valorizar o currículo profissional, pela participação em eventos e publicação de artigos. 2 - E - Valorizar o currículo pessoal, dada a possibilidade de participar de eventos. 3 – H - Avaliava que a iniciação científica traria conhecimentos não abordados nas disciplinas curriculares da graduação. 4- L - Publicar textos científicos.
E4	Eu não busquei na Iniciação Científica uma forma de competição com os colegas e sim uma [A] aproximação maior com a pesquisa, como forma de aprendizagem. A partir da Iniciação Científica, foi possível identificar e vivenciar todas as etapas de uma pesquisa. [J] Creio que esta prática contribui, inicialmente, na busca e seleção de documentos relevantes, [D] leitura e fichamento dos textos, coleta de dados e redação do trabalho final. Creio, que este é um diferencial em relação aos alunos que não participaram de nenhum programa de iniciação científica.	1 – A - Aproximação maior com a pesquisa, como forma de aprendizagem. A partir da Iniciação Científica, foi possível identificar e vivenciar todas as etapas de uma pesquisa. 2 – D - leitura e fichamento dos textos, coleta de dados e redação do trabalho final. 3 - J - Creio que esta

		prática contribui, inicialmente, na busca e seleção de documentos relevantes.
E5	<p>[C] Por se tratar de um curso noturno, onde os alunos raramente vivenciam o universo acadêmico por motivos normalmente de trabalhos externos à universidade, a primeira vantagem evidente é o contato integral com a universidade e tudo que a permeia. Creio que o tempo disponível previsto para estudo, [C] o uso da infraestrutura da universidade, [B] o contato direto com o pessoal docente e administrativo e a aproximação aos moldes acadêmicos, tanto burocráticos quanto teóricos, são sem dúvida alguma significativas vantagens competitivas perante os não contemplados por tal benefício.</p>	<p>1 - B - O contato direto com o pessoal docente e administrativo e a aproximação aos moldes acadêmicos, tanto burocráticos quanto teóricos.</p> <p>2 - C - Por se tratar de um curso noturno, onde os alunos raramente vivenciam o universo acadêmico por motivos normalmente de trabalhos externos à universidade, a primeira vantagem evidente é o contato integral com a universidade e tudo que a permeia.</p>
E6	<p>[B] Os alunos que participavam de projetos apresentavam visivelmente maior predisposição a dialogar e a debater os assuntos propostos em sala de aula e a emitir opiniões correlacionando temas estudados pelo grupo de pesquisa. [J] Também era visível que acompanhávamos de maneira mais próxima as atualizações da área por diferentes canais formais e informais de informação.</p>	<p>1 - B - Os alunos e IC tinham mais predisposição para debater em sala de aula.</p> <p>2 - J - Acompanhávamos as atualizações da área por canais formais e informais.</p>
E7	<p>[C] A iniciação científica me colocou em contato com algumas facetas da universidade e do contexto acadêmico, ampliando o meu leque de contatos e conhecimentos. Também estava mais integrada a graduação. [J] O trabalho de pesquisa despertou a independência/iniciativa na busca da informação, desenvolvendo a capacidade de analisá-las e selecioná-las, assimilando uma gama de informações além das repassadas em sala de aula.</p> <p>[E] Também, possibilitou a participação de eventos como o Seminário de Iniciação científica, [L] a publicação de trabalhos e de artigos em periódicos científicos.</p> <p>[J] Neste sentido, eu acredito que tinha um grande diferencial, pois buscava mais informações e adquiria mais conhecimentos, eu estava mais informada e atendida com a área, também possuía publicações no currículo e isto possibilitava que eu me destacasse entre os demais alunos que não participam do programa.</p>	<p>1 - C - A IC me colocou em contato com algumas facetas da universidade, estava mais integrada à graduação.</p> <p>2 - E - Possibilitou a participação de eventos como o Seminário de Iniciação científica.</p> <p>3 - J - O trabalho de pesquisa despertou a independência/iniciativa na busca da informação, desenvolvendo a capacidade de analisá-las e selecioná-las, assimilando uma gama de informações além das repassadas em sala de aula.</p> <p>4 - L - A publicação de trabalhos e de artigos em periódicos científicos.</p>
E8	<p>[J] Facilidade de identificar fontes de informação científica e diferenciá-las de outras fontes, habilidade para efetuar busca em bases de dados, [D] habilidade para escrever trabalhos acadêmicos, capacidade de abstração e interpretação de textos acadêmicos.</p>	<p>1 - D - habilidade para escrever trabalhos acadêmicos, capacidade de abstração e interpretação de textos acadêmicos.</p> <p>2 - J - Facilidade de identificar fontes de informação científica e diferenciá-las de outras fontes, habilidade para efetuar busca em bases de dados</p>
E9	<p>[F] Percebia que adquirir uma facilidade na compreensão de idéias e capacidade de crítica. Acho que a inserção do aluno na</p>	<p>1 - F - Adquiri facilidade na compreensão de</p>

	pesquisa o força a tratar os diversos temas, mesmo que não sejam os de pesquisa, pelo critério científico.	idéias e capacidade crítica.
--	--	------------------------------

3 A participação no programa de iniciação científica interferiu de que forma no seu futuro profissional e na sua atuação profissional?

Entrevistados	Expressões-Chave	Ideias Centrais
E1	[I] Incentivou e facilitou a entrada no mestrado.	1- I - Incentivou e facilitou a entrada no mestrado.
E2	Creio que me ajudou na capacidade argumentativa que é muito útil em atividades profissionais no geral, vejo isso como uma interferência implícita. [M] Cito como exemplo, a elaboração de projetos e outros documentos pertinentes a gestão de bibliotecas. [I] Além disso, a experiência com pesquisa foi muito importante para uma das atividades profissionais que realizei por aproximadamente 3 anos na qualidade de coordenação de TCC, orientando estudantes e professores na prática da realização de pesquisas , por meio da elaboração de trabalhos de conclusão de curso (TCC). Por fim, interferiu também na prática docente de disciplinas como: metodologia científica, pesquisa bibliográfica.	1- I - Fui coordenadora de TCC por três anos. 2 – M - Ajudou na capacidade argumentativa, na elaboração de projetos para bibliotecas, p.ex
E3	[I] Ter participado da atividade de iniciação científica despertou o meu interesse [em] cursar o mestrado em Ciência da Informação [M] e facilitou a elaboração de projetos envolvendo estudos de usuários (um dos temas investigados na iniciação) no ambiente profissional.	1- I - Despertou meu interesse em cursar a pós-graduação. 2- M - Facilitou a elaboração de projetos no ambiente profissional.
E4	[I] A participação no programa de iniciação científica interferiu diretamente no meu futuro profissional, pois a partir dos conhecimentos advindos desta experiência eu decidi continuar os meus estudos ingressando no Mestrado.	1- I A partir da IC decidi ingressar no Mestrado.
E5	[I] De forma definitiva. A decisão de seguir no universo acadêmico por meio da pós-graduação e o objetivo de ser professor universitário não foi criado em sala de aula, mas sim nos laboratórios e núcleos de pesquisas.	1- I - Decidi seguir o universo acadêmico, ingressar na pós-graduação e ser professor universitário.
E6	[I] Diretamente. Foi a partir da participação em IC que pude identificar qual seria meu perfil de atuação na área e optei por prosseguir em capacitação (Mestrado) para, posteriormente, ingressar na carreira docente.	1- I - A partir da IC optei por fazer mestrado e, posteriormente, ingressar na carreira docente.
E7	[I] A iniciação científica me colocou em contato com a atividade científica, fazendo crescer a vontade de pesquisar, de “fazer ciência”. A iniciação científica foi o primeiro passo de uma trajetória que pretendo seguir como pesquisadora. [F] Através da iniciação científica descobri novas possibilidades profissionais. Também me tornou uma profissional mais preparada, que analisa, reflete, planeja e tem mais segurança na tomada de decisões. Em outras palavras, uma profissional que pensa no que está fazendo e no porquê de fazer desta ou daquela maneira, não simplesmente faz. Atuo num ambiente acadêmico e a minha passagem pela iniciação científica me auxilia muito no entendimento das atividades científicas e acadêmicas, também auxilia na minha atuação no serviço de referência da biblioteca universitária, na medida em que eu tenho uma experiência / noção mais aguçada dos passos de uma pesquisa e do tipo de informação que os	1- I - A IC foi o primeiro passo de uma trajetória que pretendo seguir como pesquisadora. 2 – F- Através da iniciação científica descobri novas possibilidades profissionais.

	acadêmicos podem necessitar.	
E8	[I] A iniciação científica naturalmente me instigou a atuar com pesquisa científica. A partir de então cresceu o interesse pelo mestrado e pela área acadêmica. A iniciação científica foi determinante para a definição do meu futuro profissional, pois auxiliou no desenvolvimento de competências e possibilitou a entrada na pós-graduação e na educação a distância. Em qualquer atividade que eu desenvolva profissionalmente em minha área de formação, os conhecimentos adquiridos com a iniciação científica poderão ser aplicados.	1- I - A iniciação científica auxiliou no desenvolvimento de competências e possibilitou a entrada na pós-graduação e na educação a distância.
E9	[I] Decisivamente. Concluí a pós-graduação em tempo hábil devido às competências adquiridas na iniciação científica e as ampliei. [D] Minha prática profissional deve exclusivamente à iniciação científica, porque a leitura direcionada, a síntese de idéias e a escrita são ferramentas indispensáveis de um [I] professor universitário.	1 - D - Minha prática profissional deve exclusivamente à iniciação científica. Sou professor universitário. 2 - I - Concluí a pós-graduação em tempo hábil devido às competências adquiridas na IC.

4 A sua vivência como bolsista de iniciação científica aumentou sua visão crítica, sua capacidade de raciocínio e de tomada de decisão? Em que medida? Discorra sobre o assunto.		
Entrevistados	Expressões-Chave	Ideias Centrais
E1	Provavelmente sim. [D] As leituras de textos científicos, discussões sobre eles, entrevistas e o processo de escrita contribuíram para isso.	1 - D - Provavelmente sim. Leituras, discussões, entrevistas e o processo de escrita contribuíram para isso.
E2	O exercício da pesquisa nos faz ser mais reflexivos diante dos fatos. [...] De um modo geral, isso nos ajuda na capacidade de tomar decisões, pois estaremos sendo inclinados a pautar nossas decisões em informações concretas e objetivas. Noto, porém, que na prática profissional, no mercado de trabalho, nem sempre “pensar muito” é visto como salutar. Esse mercado pede decisões rápidas, muitas vezes sem muita argumentação. No contexto corporativo o que importa são as decisões que levam em conta a realidade, necessidades das pessoas, com vistas a construção de uma imagem positiva no mercado ou a obtenção de lucro financeiro. Isso contrasta um pouco com a postura mais crítica diante da realidade. Penso que no contexto acadêmico há um espaço tal para a reflexão que não se encontra na realidade cotidiana da maioria das organizações.	1- O exercício da pesquisa nos torna mais reflexivos, o que ajuda na hora de tomar decisões pautadas em informações concretas e objetivas. Mas esse “pensar muito” não é visto como salutar no mercado de trabalho. No contexto acadêmico há espaço para tal reflexão.
E3	[F] Eu acho que a iniciação científica aumentou a minha visão crítica especificamente sobre o tema estudado, o que considero natural, uma vez que quanto mais leituras são efetuadas e quanto maior a familiaridade com o objeto de investigação, maior a capacidade de crítica. Em relação à capacidade de raciocínio, avalio que a iniciação científica não interferiu nessa questão. [D] Apenas acho que a iniciação científica exigiu uma disciplina – de leitura, de estudo – que eu antes não possuía, sendo que esta (a disciplina) contribuiu (e contribui) até os dias hoje para a melhora no	1 – D - Acho que a iniciação científica exigiu uma disciplina – de leitura, de estudo – que eu antes não possuía, sendo que esta (a disciplina) contribuiu (e contribui) até os dias hoje para a melhora no aprendizado.

	<p>aprendizado.</p> <p>[G] Em relação à tomada de decisão, avalio que hoje eu tenho mais segurança para planejar estudos relativos à temática investigada, o que avalio que beneficia a minha atuação profissional.</p>	<p>2- F - Eu acho que a IC aumentou minha visão crítica sobre o tema estudado.</p> <p>3- G - Avalio que tenho mais segurança para planejar estudos relativos à temática investigada.</p>
E4	<p>[F] A minha vivência como bolsista de iniciação científica contribuiu muito para aumentar a minha visão crítica e também a capacidade de raciocínio e tomada de decisão. Mais do que buscar respostas, a iniciação científica contribuiu para a formulação de perguntas e conseqüentemente novos problemas de pesquisa que fatalmente culminaram com a minha inserção no Mestrado. Acredito que este é um dos principais objetivos da iniciação científica, ou seja, permitir ao aluno ingressar no meio científico e acadêmico e a partir de questionamentos e novas descobertas, refletir sobre o que está sendo estudado e levantar novas possibilidades de estudos.</p>	<p>1- F - A IC contribuiu para a formulação de novas perguntas e problemas de pesquisa.</p>
E5	<p>[B] Conviver com colegas de outras áreas de conhecimento (como foi meu caso) e, sobretudo com professores experientes sem sombra de dúvidas aguçou minha visão crítica, minha capacidade de raciocínio e de tomada de decisão, na medida em que minha disciplina de estudo passou a ser minha carreira profissional, inserida completamente em meu cotidiano. O próprio empenho individual é consideravelmente abastecido por essa que considero minha segunda graduação (os grupos de pesquisa).</p>	<p>1- B - O convívio outras áreas do conhecimento e professores experientes aguçou minha visão crítica, minha capacidade de raciocínio e de tomada de decisão, na medida em que minha disciplina de estudo passou a ser minha carreira profissional, inserida completamente em meu cotidiano.</p>
E6	<p>[H] Considero que sim. [...] avalio que tais habilidades aumentaram sobremaneira na medida em [que] a iniciação científica oportunizou contato com conteúdos adicionais aos ministrados em classe, [B] o contato com pesquisadores, participação em eventos, entre outros.</p>	<p>1 – B - Contato com pesquisadores, participação em eventos, entre outros.</p> <p>2 – H - Oportunizou contato com conteúdos adicionais aos ministrados em classe, contato com pesquisadores, participação em eventos, entre outros.</p>
E7	<p>[F] Sim, com a atividade de pesquisa o aluno precisa analisar e refletir sobre os dados que possui, também precisa ter raciocínio lógico e tomar decisões acerca dos caminhos que irá seguir dentro do seu plano de trabalho, afinal cada escolha pode implicar no sucesso ou fracasso da pesquisa. Eu acredito que a iniciação científica aumenta a visão crítica, a capacidade de raciocínio e a tomada de decisão na medida em que são muito necessárias ao trabalho do pesquisador. Entretanto, eu acredito que é preciso ter um perfil para ser bolsista de iniciação científica.</p>	<p>1- F - Eu acredito que a iniciação científica aumenta a visão crítica, a capacidade de raciocínio e a tomada de decisão. Entretanto, eu acredito que é preciso ter um perfil para ser bolsista de IC.</p>
E8	<p>[F] A pesquisa científica requer constante reflexão e crítica, bem como capacidade de raciocínio. Assim, a experiência da iniciação científica potencializou o desenvolvimento desses três itens, com destaque para a capacidade de concentração e de abstração. [J] A tomada de decisão foi desenvolvida durante todo o processo científico, por exemplo, ao se optar por determinadas fontes de informação em detrimento de outras, por determinados autores e fontes de informação [N] e até mesmo</p>	<p>1- F - A IC potencializou esses três itens, com destaque para a capacidade de concentração e de abstração.</p> <p>2 - J - Optar por determinadas fontes de informação em detrimento de outras,</p>

	na escolha do tema da pesquisa. [...]	por determinados autores e fontes de informação. 3 - N - E até mesmo na escolha do tema da pesquisa.
E9	[...] [F] Creio que por ter sido bolsista de iniciação científica tenho que tomar decisões com mais segurança. Quanto a visão crítica e a capacidade de raciocínio foram, sem dúvida, ampliadas pela participação no programa.	1- F - A IC ampliou a visão crítica, a capacidade de raciocínio e de tomada de decisão.

5 Considere sua vivência na iniciação científica e avalie se ela preparou e estimulou você a realizar pós-graduação. Discorra sobre esse fato.

Entrevistados	Expressões-Chave	Ideias Centrais
E1	Sim, na medida em que possibilitou uma [A] introdução ao exercício da pesquisa e da escrita.	1- A - Sim, na medida em que possibilitou uma introdução ao exercício da pesquisa e da escrita.
E2	[M] A iniciação científica me ajudou na elaboração de projetos, [A] formular problemas de pesquisa, desenvolver habilidades de estudo, saberes que utilizei muito na pós-graduação. [N] Durante o período de elaboração do projeto de pesquisa para o mestrado, ainda na qualidade de candidata, recorri ao material da iniciação científica para ter maior inspiração e orientação na formulação da proposta inicial de pesquisa. [I] Em relação ao estímulo para realizar pós-graduação isso foi notável. [B] Cito como fatos que levaram a isso, a convivência com os professores, o gosto pela pesquisa, conversas com o orientador, contato com colegas com as mesmas aspirações.	1-A – Ajudou a formular problemas de pesquisa, saberes que utilizei na pós-graduação. 2 – B - A convivência com os professores, o gosto pela pesquisa, conversas com o orientador, contato com colegas com as mesmas aspirações. 3 – I - Em relação ao estímulo para realizar pós-graduação isso foi notável. 4 – M - A iniciação científica me ajudou na elaboração de projetos. 5 – N - Recorri ao material da iniciação científica para ter maior inspiração e orientação na formulação da proposta inicial de pesquisa.
E3	Ainda que durante a iniciação científica eu não houvesse decidido dar prosseguimento aos estudos de pós-graduação, pois eu desejava ingressar no mercado de trabalho o mais breve possível, avalio que a iniciação científica me preparou para a realização do mestrado, tanto na fase seletiva [A] (elaboração de projeto), [N] quanto na escolha do tema da dissertação.	1 – A - elaboração de projeto. 2 – N – Ajudou no tema da dissertação.
E4	[I] A iniciação científica me preparou e estimulou para realizar a pós-graduação. O conhecimento que adquiri enquanto aluno de iniciação científica foram fundamentais na minha decisão. Através deste conhecimento, percebi o quanto é importante pesquisar. Através da pesquisa é possível refletir sobre um determinado assunto e através da reflexão e das abordagens diversas sobre um problema de pesquisa é possível apontar possíveis soluções.	1- I - A IC me preparou e estimulou a realizar a pós-graduação, pois percebi o quanto é importante pesquisar.
E5	[II] [...] minha decisão em ingressar na pós-graduação se deve quase que totalmente à minha participação no programa de iniciação científica (fora, é claro, o apoio familiar para tal carreira).	1- I - Minha decisão em ingressar na pós-graduação se deve quase que totalmente à minha participação na

	[N] O tema de minha pesquisa de Mestrado saiu de discussões e problemas surgidos no núcleo de pesquisa.	IC. 2- N - O tema de minha pesquisa teve relação com a IC.
E6	[I] O estímulo foi direto, pois a iniciação científica despertou meu interesse pela pesquisa e pela carreira docente, bem como a experiência foi preponderante para o amadurecimento necessário para o ingresso no Mestrado, [L] sem que houvesse cursado especialização Lato Sensu, uma vez que as atividades e produções durante o período da IC fortaleceram meu currículo para o processo de seleção Stricto Sensu (Mestrado).	1- IC despertou meu interesse pela pesquisa e pela carreira docente e foi preponderante para o amadurecimento necessário para o ingresso no Mestrado. 2 - L - Fortalecendo meu currículo.
E7	[I] Sim, graças à iniciação científica eu me interessei em cursar o mestrado e ainda planejo cursar o doutorado. [A] A iniciação científica me auxiliou muito, pois eu me sentia mais preparada e ter tido um contato com esta atividade, com os meandros da pesquisa e da ciência me auxiliou a superar com mais facilidade algumas dificuldades durante o mestrado.	1 - A - Ela me deixou mais preparada em trabalhar com pesquisa 2- I Graças a IC me interessei em cursar o mestrado e ainda planejo cursar o doutorado.
E8	[I] Da iniciação científica para a pós-graduação foi um processo praticamente natural. [A] Essa experiência me preparou com os conhecimentos sobre as etapas de desenvolvimento de uma pesquisa científica e na [J] identificação dos principais trabalhos científicos de uma área de estudos, com as fontes de informação adequadas. Além disso, [B] foi possível aprender a trabalhar em conjunto com um professor orientador. [A]Essa experiência me conferiu habilidades necessárias para elaborar o projeto de pesquisa para o ingresso no mestrado.	1 - A - experiência me trouxe conhecimentos sobre a pesquisa científica, 2 - B - foi possível trabalhar junto com um professor orientador. 3 - I - Da IC para a pós-graduação foi um processo praticamente natural. 4 - J - identificação dos principais trabalhos científicos de uma área de estudos, com as fontes de informação adequadas
E9	[I] Considero que a vivência na iniciação científica preparou-me adequadamente para a pós-graduação e me incentivou a docência. É, de fato, a única oportunidade que o aluno tem de perceber como é o trabalho de um pesquisador e conhecer mais uma carreira profissional.	1- I - A IC me preparou adequadamente para a pós-graduação e me incentivou a docência.

6 No seu entender o que é pesquisa?		
Entrevistados	Expressões-Chave	Ideias Centrais
E1	Um processo de construção do conhecimento.	1- Um processo de construção do conhecimento.
E2	Pesquisa é investigar algo. Esse algo pode ser um objeto de curiosidade, sem compromisso científico. Neste caso implica em pesquisas similares a um mero estudo. [O] Quando, porém se trata de uma investigação científica requer o uso de métodos sistemáticos para a produção de conhecimento. Pesquisar é recortar a realidade e analisar a mesma com um olhar minucioso de forma atenta e sistemática. Essa prática requer a observância de dois pilares essenciais: o uso de métodos científicos, já citado e a [P] participação no processo de comunicação científica.	1 - O - É o uso de métodos sistemáticos para a produção do conhecimento. 2 - P - Participação no processo de comunicação científica.

E3	<p>[O] Em um sentido amplo, considero pesquisa a atividade de investigação sistemática sobre algo que se deseja conhecer ou aprofundar, [P] com o intuito de posteriormente compartilhar ou contribuir com o desenvolvimento de pesquisas afins.</p>	<p>1- O - Pesquisa é a atividade de investigação sistemática sobre algo que se deseja conhecer ou aprofundar,</p> <p>2 – P contribuir com o desenvolvimento de pesquisas afins.</p>
E4	<p>Existem várias definições para pesquisa, no meu entender a pesquisa é um instrumento que contribui para evolução da ciência. Portanto, sem pesquisa não há Ciência, e identificar um problema de pesquisa e buscar soluções consistem algumas das etapas que compõem a pesquisa. [O] Para obter um resultado satisfatório na pesquisa, são utilizados métodos e técnicas de acordo com o problema levantado.</p>	<p>1 - É um instrumento que contribui para a evolução da ciência.</p> <p>2 – O - . Na pesquisa são utilizados métodos e técnicas de acordo com o problema levantado.</p>
E5	<p>É querer saber o que ainda não se sabe...</p> <p>[O] Pesquisa científica é fazer isso com rigor teórico e metodológico.</p>	<p>1- É querer saber o que ainda não se sabe...</p> <p>2- O - Pesquisa científica é fazer isso com rigor teórico e metodológico.</p>
E6	<p>[O] Entendo a pesquisa como o cerne da Ciência e como uma imersão direta a partir da exploração de determinado objeto de estudo, com base em pressupostos teóricos, métodos e procedimentos científicos [P] para que seus resultados tenham validade perante a comunidade científica (pares).</p>	<p>1- O - É uma imersão direta a partir da exploração de determinado objeto de estudo, com base em pressupostos teóricos, métodos e procedimentos científicos</p> <p>2 – P - para que seus resultados tenham validade perante a comunidade científica.</p>
E7	<p>[O] Pesquisa é a atividade de investigação que utiliza um método científico para a descoberta de respostas a um problema ou questão, gerando assim um novo conhecimento. É a busca de informações e explicações para determinadas situações ou fenômenos, sempre adotando um método científico. A pesquisa ao ser planejada precisa ter uma questão a ser respondida, objetivos claros e um método a ser seguido.</p>	<p>1- O - A pesquisa ao ser planejada precisa ter uma questão a ser respondida, objetivos claros e um método a ser seguido.</p>
E8	<p>[O] Pesquisa é um processo sistemático que inicia com um problema a ser estudado. Esse processo passa também pelas etapas de definição de objetivos, justificativa, revisão de literatura, metodologia e resultados. [P] Esses últimos devem ser publicados em algum canal formal de comunicação científica, como os periódicos científicos. No Brasil a pesquisa científica é realizada principalmente por universidades e por seus programas de pós-graduação. [Q] Assim, os programas de iniciação científica, que preparam os alunos para a inserção na pós-graduação, têm um importante papel na formação de futuros pesquisadores, além de ser um diferencial na formação acadêmica.</p>	<p>1- O - Pesquisa é um processo sistemático que inicia com um problema a ser estudado. e utiliza metodologia.</p> <p>2 – P- Seus resultados devem ser publicados em um canal formal de comunicação científica.</p> <p>3- Q - Os programas de IC, que preparam os alunos para a inserção na pós-graduação, têm um importante papel na formação de futuros pesquisadores.</p>
E9	<p>Sem relacionar posições teóricas, [P] aceito como pesquisa a ação social que leva uma comunidade de pessoas a buscar conhecimento sobre um dado tema, problema ou objeto. Essa ação é guiada por códigos de conduta que asseguram a liberdade</p>	<p>1- P- Aceito como pesquisa a ação social que leva uma comunidade de pessoas a buscar conhecimento sobre um dado tema,</p>

	<p>de pensamento, a criação, a crítica e a contestação de conhecimentos. [Q] Além de envolver pessoas compromissadas, a pesquisa na atualidade conta com instituições que gerenciam pessoas e a dinâmica da ciência, por isso, não é livre de ideologias e objetivos organizacionais. O programa de iniciação científica é um exemplo do planejamento científico que rege a reprodução de recursos humanos para a pesquisa.</p>	<p>problema ou objeto.</p> <p>2- Q- A pesquisa conta com instituições gerenciam pessoas e a dinâmica da ciência, não é livre de ideologias e objetivos organizacionais.</p>
--	---	---

APÊNDICE D – Instrumento de Análise do Discurso 2 (IAD 2).

Nos quadros abaixo, a primeira coluna refere-se à etiqueta correspondente a ICs. A segunda coluna refere-se à E-Ch. A terceira coluna refere-se ao entrevistado, identificado por códigos (1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9). A quarta e última coluna refere-se à questão de onde as informações foram retiradas.

IC	Expressões-chave	Entr.	?
A	Contato inicial com métodos e dinâmicas de pesquisa.	1	1
	experiência com pesquisa,	1	2
	Sim, na medida em que possibilitou uma introdução ao exercício da pesquisa e da escrita.	1	5
	[...] formular problemas de pesquisa, desenvolver habilidades de estudo, saberes que utilizei muito na pós-graduação.	2	5
	Foi durante a iniciação científica que dimensioneí a importância da fase de planejamento da pesquisa e da construção dos instrumentos de coleta de dados (como o questionário), fato que foi importante para aprimorar as habilidades de planejamento das ações, que inclui desde a construção de objetivos até a elaboração de cronogramas.	3	1
	dada a possibilidade de propiciar uma familiaridade com a pesquisa científica,	3	2
	aproximação maior com a pesquisa, como forma de aprendizagem. A partir da Iniciação Científica, foi possível identificar e vivenciar todas as etapas de uma pesquisa. [...] Contribui para leitura e fichamento dos textos, coleta de dados e redação do trabalho final.	4	2
	A experiência em projetos também possibilitou conhecer diferentes metodologias,	6	5
	A iniciação científica me auxiliou muito, pois eu me sentia mais preparada e ter tido um contato com esta atividade, com os meandros da pesquisa e da ciência.	7	5
	aptidão para desenvolver uma pesquisa científica, elaborar projeto de pesquisa,	8	1
Essa experiência me preparou com os conhecimentos sobre as etapas de desenvolvimento de uma pesquisa científica. Essa experiência me conferiu habilidades necessárias para elaborar o projeto de pesquisa para o ingresso no mestrado.	8	5	

IC	Expressões-chave	Entr.	?
B	maior contato com os professores.	1	2
	contato com os professores.	1	1
	debater temas com orientador, colegas e demais professores; maior proximidade com os professores do curso.	2	2
	Em relação ao estímulo para realizar pós-graduação isso foi notável. Cito como fatos que levaram a isso, a convivência com os professores, o gosto pela pesquisa, conversas com o orientador, contato com colegas com as mesmas aspirações.	2	5
	Além disso, passei a perceber que toda pesquisa se faz à base de trocas recíprocas – de material, de conhecimento, de colaboração com professores, pesquisadores e pesquisados. Nesse sentido, avalio que a Iniciação me ajudou a agir de forma mais colaborativa.	3	1
	seguindo as normas definidas pela academia e também a correção textual precisa do orientador permitiram eu aprimorar o texto acadêmico.	4	1
	o contato direto com o pessoal docente e administrativo e a aproximação aos moldes acadêmicos, tanto burocráticos quanto teóricos, são sem dúvida alguma significativas vantagens competitivas perante os não contemplados por tal benefício.	5	2
	Conviver com colegas de outras áreas de conhecimento (como foi meu caso) e, sobretudo com professores experientes sem sombra de dúvidas aguçou minha visão crítica, minha capacidade de raciocínio e de tomada de decisão, na medida em que minha disciplina de estudo passou a ser minha carreira profissional, inserida completamente em meu cotidiano. O próprio empenho individual é consideravelmente abastecido por essa que considero minha segunda graduação (os grupos de pesquisa).	5	4
	A experiência com metodologia científica possibilitou [...] o contato com pesquisadores experientes [...]	6	1
	Os alunos que participavam de projetos apresentavam visivelmente maior predisposição a dialogar e a debater os assuntos propostos em sala de aula e a emitir opiniões correlacionando temas estudados pelo grupo de pesquisa	6	2
	o contato com pesquisadores, participação em eventos, entre outros.	6	4
	transferência de conhecimento para orientador, colaboradores e pares;	7	1
	trabalhar em equipe.	8	1
foi possível aprender a trabalhar em conjunto com um professor orientador	8	5	

IC	Expressões-chave	Entr.	?
C	envolvimento com a universidade.	1	1
	entendimento sobre as dinâmicas da vida acadêmica.	1	2
	maior vivência na universidade, especialmente no período diurno quando muitos eventos e atividades acontecem [...] Essa disponibilidade de tempo, já que me dedicava apenas ao curso e a pesquisa (a bolsa foi minha fonte de renda), foi um diferencial em relação aos colegas, já que muitos realizavam atividade profissional distinta do curso, ou então tinham atividades como estágios, sendo que se dirigiam para a universidade apenas no horário das aulas. Com isso pude participar de atividades no Centro Acadêmico, representar os estudantes do curso em colegiado do Curso.	2	2
	Por se tratar de um curso noturno, onde os alunos raramente vivenciam o universo acadêmico por motivos normalmente de trabalhos externos à universidade, a primeira vantagem evidente é o contato integral com a universidade e tudo que a permeia. [...] o uso da infraestrutura da universidade	5	2
	A iniciação científica me colocou em contato com algumas facetas da universidade e do contexto acadêmico, ampliando o meu leque de contatos e conhecimentos. Também estava mais integrada a graduação.	7	2

IC	Expressões-chave	Entr.	?
D	As leituras de textos científicos, discussões sobre eles, entrevistas e o processo de escrita contribuíram para isso.	1	4
	O desenvolvimento do letramento no sentido de ler, interpretar e apresentar a própria compreensão. A necessidade de ler muitos textos para fundamentar o trabalho de pesquisa contribui para o desenvolvimento desta competência,	2	1
	Durante a iniciação científica aprendi a organizar as leituras e, conseqüentemente, passei a valorizar os fichamentos. O projeto de pesquisa elaborado na iniciação foi a base de outros que vieram posteriormente, e avalio que desenvolvi a capacidade de síntese e análise.	3	1
	Apenas acho que a iniciação científica exigiu uma disciplina – de leitura, de estudo – que eu antes não possuía, sendo que esta (a disciplina) contribuiu (e contribui) até os dias hoje para a melhora no aprendizado.	3	4
	Como atuei no Núcleo de [D] Pesquisa em Literatura, Linguística e Informática, NUPILL/UFSC [...] pude aprender e aprimorar diariamente habilidades voltadas à digitalização de textos, tratamento de imagens, manuseio de banco de dados e biblioteca digital,	5	1
	[Competências que desenvolveu:] redação.	7	1
[aptidão para desenvolver] resumo e artigo científico; [...] Além	8	1	

	disso, destaca-se o desenvolvimento da facilidade de escrita, capacidade de concentração, capacidade de abstrair e sintetizar textos acadêmicos e científicos,		
	habilidade para escrever trabalhos acadêmicos, capacidade de abstração e interpretação de textos acadêmicos.	8	2
	Entre as competências adquiridas posso citar a capacidade de leitura, síntese e escrita científica.	9	1
	Minha prática profissional deve exclusivamente à iniciação científica, porque a leitura direcionada, a síntese de idéias e a escrita são ferramentas indispensáveis de um professor universitário.	9	3

IC	Expressões-chave	Entr.	?
E	... comunicação oral. Outra competência advém da participação em eventos com a apresentação de trabalhos de forma oral, o que contribui para o desenvolvimento de habilidades comunicativas.	2	1
	oportunizou participação em eventos,	6	1
	Entre as competências que desenvolvi: [...] comunicação.	7	1
	Também, possibilitou a participação de eventos como o Seminário de Iniciação científica.	7	2
	preparar e apresentar trabalho em eventos.	8	1
	além de valorizar o currículo pessoal, dada a possibilidade de participar de eventos	3	2

IC	Expressões-chave	Entr.	?
F	...o desenvolvimento de uma postura inquisitiva, questionadora diante dos fatos, o que é da natureza da pesquisa científica, levando portando a competência de pesquisador.	2	1
	Essas atividades contribuem para a formação profissional de um modo geral, pelas condições de participação, de formulação de argumentos.	2	2
	A minha vivência como bolsista de iniciação científica contribuiu muito para aumentar a minha visão crítica e também a capacidade de raciocínio e tomada de decisão. Mais do que buscar respostas, a iniciação científica contribuiu para a formulação de perguntas e conseqüentemente novos problemas de pesquisa que fatalmente culminaram com a minha inserção no Mestrado. Acredito que este é um dos principais objetivos da iniciação científica, ou seja, permitir ao aluno ingressar no meio científico e acadêmico e a partir de questionamentos e novas descobertas, refletir sobre o que está sendo estudado e levantar novas possibilidades de estudos.	4	4
	A participação em projetos permitiu também um amadurecimento quanto aos objetos da Ciência da Informação, o entendimento da área como um campo científico e não como uma área meramente técnica e o diálogo com outras áreas correlatas [...]	6	1
	Competências comportamentais: criatividade; iniciativa;	7	1

	análise/senso crítico; observação; concentração; motivação; persistência e autonomia;		
	Através da iniciação científica descobri novas possibilidades profissionais. Também me tornou uma profissional mais preparada, que analisa, reflete, planeja e tem mais segurança na tomada de decisões. Em outras palavras, uma profissional que pensa no que está fazendo e no porquê de fazer desta ou daquela maneira, não simplesmente faz.	7	3
	Sim, com a atividade de pesquisa o aluno precisa analisar e refletir sobre os dados que possui, também precisa ter raciocínio lógico e tomar decisões acerca dos caminhos que irá seguir dentro do seu plano de trabalho, afinal cada escolha pode implicar no sucesso ou fracasso da pesquisa. Eu acredito que a iniciação científica aumenta a visão crítica, a capacidade de raciocínio e a tomada de decisão na medida em que são muito necessárias ao trabalho do pesquisador.	7	4
	A pesquisa científica requer constante reflexão e crítica, bem como capacidade de raciocínio. Assim, a experiência da iniciação científica potencializou o desenvolvimento desses três itens.	8	4
	pensar de forma sistemática.	8	1
	Percebia que adquirir uma facilidade na compreensão de idéias e capacidade de crítica. Acho que a inserção do aluno na pesquisa o força a tratar os diversos temas, mesmo que não sejam os de pesquisa, pelo critério científico.	9	2
	Creio que por ter sido bolsista de iniciação científica tenho que tomar decisões com mais segurança. Quanto a visão crítica e a capacidade de raciocínio foram, sem dúvida, ampliadas pela participação no programa.	9	4

IC	Expressões-chave	Entr.	?
G	Eu acho que a iniciação científica aumentou a minha visão crítica especificamente sobre o tema estudado, o que considero natural, uma vez que quanto mais leituras são efetuadas e quanto maior a familiaridade com o objeto de investigação, maior a capacidade de crítica.	3	4
	As competências que obtive [...] me proporcionaram um olhar crítico sobre a literatura no campo da Ciência da Informação, especialmente na linha de pesquisa de Profissionais da Informação.	4	1
	Acredito que a iniciação científica ofereceu a mim condições de trabalhar com teorias de um modo mais natural. [...] Creio que foi o programa que me possibilitou sair com mais facilidade dos casos práticos do cotidiano do ofício de bibliotecário para pensar de maneira mais ampla e teórica.	9	1

IC	Expressões-chave	Entr.	?
H	...possibilidade de cursar disciplinas optativas em outros cursos da UFSC.	2	2
	[...] avaliava que a iniciação científica traria conhecimentos não abordados nas disciplinas curriculares da graduação.	3	2
	[sobre atuação do ex-bolsista em um núcleo de pesquisa de outra área, e no trabalho com bibliotecas virtuais] bem como questões conceituais e práticas dessas unidades informacionais pouco tratadas no currículo vigente na minha formação em nível de graduação.	5	1
	A iniciação científica proporcionou aprendizado extra-classe, pois conteúdos não cobertos por disciplinas da grade curricular puderam ser explorados em profundidade.	6	1
	Considero que sim. [...] avalio que tais habilidades aumentaram sobremaneira na medida em [que] a iniciação científica oportunizou contato com conteúdos adicionais aos ministrados em classe,	6	4

IC	Expressões-chave	Entr.	?
I	Além disso, a experiência com pesquisa foi muito importante para uma das atividades profissionais que realizei por aproximadamente 3 anos na qualidade de coordenação de TCC, orientando estudantes e professores na prática da realização de pesquisas, por meio da elaboração de trabalhos de conclusão de curso (TCC). Por fim, interferiu também na prática docente de disciplinas como: metodologia científica, pesquisa bibliográfica.	2	3
	Em relação ao estímulo para realizar pós-graduação isso foi notável.	2	5
	Ter participado da atividade de iniciação científica despertou o meu interesse [em] cursar o mestrado em Ciência da Informação [...]	3	3
	A participação no programa de iniciação científica interferiu diretamente no meu futuro profissional, pois a partir dos conhecimentos advindos desta experiência eu decidi continuar os meus estudos ingressando no Mestrado.	4	3
	A iniciação científica me preparou e estimulou para realizar a pós-graduação. O conhecimento que adquiri enquanto aluno de iniciação científica foram fundamentais na minha decisão. Através deste conhecimento, percebi o quanto é importante pesquisar. Através da pesquisa é possível refletir sobre um determinado assunto e através da reflexão e das abordagens diversas sobre um problema de pesquisa é possível apontar possíveis soluções.	4	5
	De forma definitiva. A decisão de seguir no universo acadêmico por meio da pós-graduação e o objetivo de ser professor universitário não foi criado em sala de aula, mas sim nos	5	3

	laboratórios e núcleos de pesquisas.		
	[...] minha decisão em ingressar na pós-graduação se deve quase que totalmente à minha participação no programa de iniciação científica (fora, é claro, o apoio familiar para tal carreira).	5	5
	... o despertar pelo interesse em prosseguir na atividade acadêmica.	6	1
	Diretamente. Foi a partir da participação em IC que pude identificar qual seria meu perfil de atuação na área e optei por prosseguir em capacitação (Mestrado) para, posteriormente, ingressar na carreira docente.	6	3
	O estímulo foi direto, pois a iniciação científica despertou meu interesse pela pesquisa e pela carreira docente, bem como a experiência foi preponderante para o amadurecimento necessário para o ingresso no Mestrado	6	5
	A iniciação científica me colocou em contato com a atividade científica, fazendo crescer a vontade de pesquisar, de “fazer ciência”. A iniciação científica foi o primeiro passo de uma trajetória que pretendo seguir como pesquisadora.	7	3
	Sim, graças à iniciação científica eu me interessei em cursar o mestrado e ainda planejo cursar o doutorado.	7	5
	A iniciação científica naturalmente me instigou a atuar com pesquisa científica. A partir de então cresceu o interesse pelo mestrado e pela área acadêmica. A iniciação científica foi determinante para a definição do meu futuro profissional, pois auxiliou no desenvolvimento de competências e possibilitou a entrada na pós-graduação e na educação a distância.	8	3
	Da iniciação científica para a pós-graduação foi um processo praticamente natural.	8	5
	Decisivamente. Concluí a pós-graduação em tempo hábil devido às competências adquiridas na iniciação científica e as ampliei. [...descreve logo após algumas competências que adquiriu na IC e que considera indispensáveis a um professor universitário].	9	3
	Considero que a vivência na iniciação científica preparou-me adequadamente para a pós-graduação e me incentivou a docência. É, de fato, a única oportunidade que o aluno tem de perceber como é o trabalho de um pesquisador e conhecer mais uma carreira profissional.	9	5

IC	Expressões-chave	Entr.	?
J	Creio que esta prática contribui, inicialmente, na busca e seleção de documentos relevantes,	4	2
	Também era visível que acompanhávamos de maneira mais próxima as atualizações da área por diferentes canais formais e informais de informação.	6	2
	O trabalho de pesquisa despertou a independência/iniciativa na busca da informação, desenvolvendo a capacidade de analisá-las e selecioná-las, assimilando uma gama de informações além	7	2

	das repassadas em sala de aula. [...] Neste sentido, eu acredito que tinha um grande diferencial, pois buscava mais informações e adquiria mais conhecimentos, eu estava mais informada e antenada com a área, também possuía publicações no currículo e isto possibilitava que eu me destacasse entre os demais alunos que não participam do programa.		
	... pesquisar em bases de dados,	8	1
	Facilidade de identificar fontes de informação científica e diferenciá-las de outras fontes, habilidade para efetuar busca em bases de dados,	8	2
	A tomada de decisão foi desenvolvida durante todo o processo científico, por exemplo, ao se optar por determinadas fontes de informação em detrimento de outras, por determinados autores e fontes de informação.	8	4
	Essa experiência me preparou com os conhecimentos sobre [...] identificação dos principais trabalhos científicos de uma área de estudos, com as fontes de informação adequadas.	8	5

IC	Expressões-chave	Entr.	?
	publicar textos científicos.	3	2
L	O estímulo foi direto, pois a iniciação científica [...] foi preponderante para o amadurecimento necessário para o ingresso no Mestrado, sem que houvesse cursado especialização Lato Sensu, uma vez que as atividades e produções durante o período da IC fortaleceram meu currículo para o processo de seleção Stricto Sensu (Mestrado).	6	5
	Também proporcionou [...] a publicação de trabalhos e de artigos em periódicos científicos.	7	2

IC	Expressões-chave	Entr.	?
	Cito como exemplo, a elaboração de projetos e outros documentos pertinentes a gestão de bibliotecas.	2	3
M	A iniciação científica me ajudou na elaboração de projetos, [...] e facilitou a elaboração de projetos envolvendo estudos de usuários (um dos temas investigados na iniciação) no ambiente profissional.	2	5
		3	3

IC	Expressões-chave	Entr.	?
	Durante o período de elaboração do projeto de pesquisa para o mestrado, ainda na qualidade de candidata, recorri ao material da iniciação científica para ter maior inspiração e orientação na formulação da proposta inicial de pesquisa.	2	5
N	[...] avalio que a iniciação científica me preparou para a realização do mestrado [...] quanto na escolha do tema da dissertação.	3	5
	O tema de minha pesquisa de Mestrado saiu de discussões e problemas surgidos no núcleo de pesquisa.	5	5
	[...] e até mesmo na escolha do tema da pesquisa.	8	4

IC	Expressões-chave	Entr.	?
O	Quando, porém se trata de uma investigação científica requer o uso de métodos sistemáticos para a produção de conhecimento. Pesquisar é recortar a realidade e analisar a mesma com um olhar minucioso de forma atenta e sistemática. Essa prática requer a observância de dois pilares essenciais: o uso de métodos científicos	2	6
	Em um sentido amplo, considero pesquisa a atividade de investigação sistemática sobre algo que se deseja conhecer ou aprofundar,	3	6
	Para obter um resultado satisfatório na pesquisa, são utilizados métodos e técnicas de acordo com o problema levantado.	4	6
	É querer saber o que ainda não se sabe... Pesquisa científica é fazer isso com rigor teórico e metodológico.	5	6
	Entendo a pesquisa como o cerne da Ciência e como uma imersão direta a partir da exploração de determinado objeto de estudo, com base em pressupostos teóricos, métodos e procedimentos científicos	6	6
	Pesquisa é a atividade de investigação que utiliza um método científico para a descoberta de respostas a um problema ou questão, gerando assim um novo conhecimento. É a busca de informações e explicações para determinadas situações ou fenômenos, sempre adotando um método científico. A pesquisa ao ser planejada precisa ter uma questão a ser respondida, objetivos claros e um método a ser seguido.	7	6
	Pesquisa é um processo sistemático que inicia com um problema a ser estudado. Esse processo passa também pelas etapas de definição de objetivos, justificativa, revisão de literatura, metodologia e resultados.	8	6

IC	Expressões-chave	Entr.	?
P	... participação no processo de comunicação científica.	2	6
	... com o intuito de posteriormente compartilhar ou contribuir com o desenvolvimento de pesquisas afins.	3	6
	...para que seus resultados tenham validade perante a comunidade científica (pares).	6	6
	Esses últimos devem ser publicados em algum canal formal de comunicação científica, como os periódicos científicos.	8	6
	... aceito como pesquisa a ação social que leva uma comunidade de pessoas a buscar conhecimento sobre um dado tema, problema ou objeto. Essa ação é guiada por códigos de conduta que asseguram a liberdade de pensamento, a criação, a crítica e a contestação de conhecimentos.	9	6

IC	Expressões-chave	Entr.	?
	Assim, os programas de iniciação científica, que preparam os alunos para a inserção na pós-graduação, têm um importante papel na formação de futuros pesquisadores, além de ser um diferencial na formação acadêmica.	8	6
Q	Além de envolver pessoas compromissadas, a pesquisa na atualidade conta com instituições que gerenciam pessoas e a dinâmica da ciência, por isso, não é livre de ideologias e objetivos organizacionais. O programa de iniciação científica é um exemplo do planejamento científico que rege a reprodução de recursos humanos para a pesquisa.	9	6

ANEXOS

ANEXO A – Respostas dos participantes às perguntas da entrevista.

Entrevistado E1

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado para participar da pesquisa OS BENEFÍCIOS ADVINDOS DA PARTICIPAÇÃO EM PROGRAMAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA: REVELAÇÕES DA LITERATURA VERSUS PERCEPÇÃO DOS ALUNOS, referente ao Trabalho de Conclusão do Curso de Biblioteconomia de José Paulo Speck Pereira, sobre a orientação da Profa. Edna Lúcia da Silva. Você foi selecionado em função de ter sido identificado como aluno ou ex-aluno do curso de mestrado em Ciência da Informação na UFSC e ter participado de programas de iniciação científica durante a graduação. Gostaríamos de esclarecer que sua participação não é obrigatória, mas muito importante para os objetivos da pesquisa. Informamos que a qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Estou tentando saber que impacto, que marcas, que resíduos a experiência como bolsista de iniciação científica deixou na sua formação profissional. Seu depoimento a esse respeito é de vital importância para a conclusão da pesquisa; sem dados não há resultados.

Esclarecemos que os dados serão tratados de forma confidencial, uma vez que os respondentes não serão identificados e que a pesquisa assume os compromissos éticos de reunir e tratar os dados de forma fidedigna, divulgando os resultados somente para os fins propostos nos objetivos da pesquisa.

Vale salientar, que ao responder a presente entrevista, você estará concordando com sua participação na pesquisa.

Grato pela colaboração!

MÓDULO 1: Caracterização do Respondente

1.1 Idade: 26 anos

1.2 Sexo: [x] F [] M

1.3 Instituição em que cursou graduação em Biblioteconomia: UFSC

1.4 Ano em que concluiu a graduação: 2005.2

1.5 Em quais anos você participou de programas de iniciação científica: 2004 e 2005

1.6 Participação em programas de iniciação científica: 1 ano () 2 anos (x) 3 anos +4 ano ()

1.5 Ano de conclusão do mestrado: 2009

1.6 Exercício profissional atual: Contadora de histórias e bibliotecária - autônoma

MÓDULO 1: Percepção a respeito do Programa de Iniciação Científica

1- Considerando que a competência referente ao conhecimento cognitivo envolve saber como lidar com a informação e saber como aprender; pensando no programa de iniciação científica, quais as competências adquiridas durante esse período? Dê seu depoimento sobre as competências adquiridas que atribui como consequência dessa experiência na sua vida estudantil.

R: Contato inicial com métodos e dinâmicas de pesquisa, contato com professores e envolvimento com a universidade.

2- Durante o curso de graduação quais eram as vantagens competitivas que você achava que tinha em relação aos colegas que não participavam do programa de iniciação científica?

R: Experiência com pesquisa, entendimento sobre as dinâmicas da vida acadêmica, maior contato com os professores.

3- A participação no programa de iniciação científica interferiu de que forma no seu futuro profissional e na sua atuação profissional?

R: Incentivou e facilitou a entrada no mestrado.

4 - A sua vivência como bolsista de iniciação científica aumentou sua visão crítica, sua capacidade de raciocínio e de tomada de decisão? Em que medida? Discorra sobre o assunto.

R: Provavelmente sim. As leituras de textos científicos, discussões sobre eles, entrevistas e o processo de escrita contribuíram para isso.

5 - Considere sua vivência na iniciação científica e avalie se ela preparou e estimulou você a realizar pós-graduação. Discorra sobre esse fato.

R: Sim, na medida em que possibilitou uma introdução ao exercício da pesquisa e da escrita.

6 -No seu entender o que é pesquisa?

R: Um processo de construção do conhecimento.

Entrevistado E2

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado para participar da pesquisa OS BENEFÍCIOS ADVINDOS DA PARTICIPAÇÃO EM PROGRAMAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA: REVELAÇÕES DA LITERATURA VERSUS PERCEPÇÃO DOS ALUNOS, referente ao Trabalho de Conclusão do Curso de Biblioteconomia de José Paulo Speck Pereira, sobre a orientação da Profa. Edna Lúcia da Silva. Você foi selecionado em função de ter sido identificado como aluno ou ex-aluno do curso de mestrado em Ciência da Informação na UFSC e ter participado de programas de iniciação científica durante a graduação. Gostaríamos de esclarecer que sua participação não é obrigatória, mas muito importante para os objetivos da pesquisa. Informamos que a qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Estou tentando saber que impacto, que marcas, que resíduos a experiência como bolsista de iniciação científica deixou na sua formação profissional. Seu depoimento a esse respeito é de vital importância para a conclusão da pesquisa; sem dados não há resultados.

Esclarecemos que os dados serão tratados de forma confidencial, uma vez que os respondentes não serão identificados e que a pesquisa assume os compromissos éticos de reunir e tratar os dados de forma fidedigna, divulgando os resultados somente para os fins propostos nos objetivos da pesquisa.

Vale salientar, que ao responder a presente entrevista, você estará concordando com sua participação na pesquisa.

Grato pela colaboração!

MÓDULO 1: Caracterização do Respondente

1.1 Idade: 32 anos

1.2 Sexo: [x] F [] M

1.3 Instituição em que cursou graduação em Biblioteconomia: UFSC

1.4 Ano em que concluiu a graduação: 1999

1.5 Em quais anos você participou de programas de iniciação científica: AGO/1996 À JUL/1999

1.6 Participação em programas de iniciação científica: 1 ano () 2 anos (X) 3 anos +4 ano ()

1.5 Ano de conclusão do mestrado: 2005

1.6 Exercício profissional atual: Professora universitária

MÓDULO 1: Percepção a respeito do Programa de Iniciação Científica

1 - Considerando que a competência referente ao conhecimento cognitivo envolve saber como lidar com a informação e saber como aprender; pensando no programa de iniciação científica, quais as competências adquiridas durante esse período? Dê seu depoimento sobre as competências adquiridas que atribui como consequência dessa experiência na sua vida estudantil.

R: *Dentre as competências adquiridas ao longo da participação no Programa de Iniciação científica destaco as seguintes: O desenvolvimento do **letramento** no sentido de ler, interpretar e apresentar a própria compreensão. A necessidade de ler muitos textos para fundamentar o trabalho de pesquisa contribui para o desenvolvimento desta competência. Vale ressaltar que o “letramento” é visto aqui nas suas diferentes perspectivas: leitura, escrita, comunicação oral. Outra competência advém da participação em eventos com a apresentação de trabalhos de forma oral, o que contribui para o desenvolvimento de **habilidades comunicativas**. Por fim, o desenvolvimento de uma postura inquisitiva, questionadora diante dos fatos, o que é da natureza da pesquisa científica, levando portando a competência de **pesquisador**.*

2 - Durante o curso de graduação quais eram as vantagens competitivas que você achava que tinha em relação aos colegas que não participavam do programa de iniciação científica?

R: *Em decorrência da participação no programa de pesquisa acredito que tinha como vantagens: mais **tempo disponível** para estudar e, portanto, ler, refletir, debater temas com orientador, colegas e demais professores; **maior proximidade com os professores** do curso; maior **vivência na universidade**, especialmente no período diurno quando muitos eventos e atividades acontecem; possibilidade de **cursar disciplinas optativas** em outros cursos da UFSC. Essa disponibilidade de tempo, já que me dedicava apenas ao curso e a pesquisa (a bolsa foi minha fonte de renda), foi um diferencial em relação aos colegas, já que muitos realizavam atividade profissional distinta do curso, ou então tinham atividades como estágios, sendo que se dirigiam para a universidade apenas no horário das aulas. Com isso pude participar de atividades no Centro Acadêmico, representar os estudantes do curso em colegiado do Curso. Essas atividades contribuem para a formação profissional de um modo geral, pelas condições de participação, de formulação de argumentos, e especialmente, pelo maior tempo dedicado ao estudo.*

3 - A participação no programa de iniciação científica interferiu de que forma no seu futuro profissional e na sua atuação profissional?

*Creio que me ajudou na capacidade argumentativa que é muito útil em atividades profissionais no geral, vejo isso como uma interferência implícita. Cito como exemplo, a **elaboração de projetos** e outros documentos pertinentes a gestão de bibliotecas. Além disso, a experiência com pesquisa foi muito importante para uma das atividades profissionais que realizei por aproximadamente 3 anos na qualidade de coordenação de TCC, **orientando estudantes e professores na prática da realização de pesquisas**, por meio da elaboração de trabalhos de conclusão de curso (TCC). Por fim, interferiu também na prática docente de disciplinas como: metodologia científica, pesquisa bibliográfica.*

4 - A sua vivência como bolsista de iniciação científica aumentou sua visão crítica, sua capacidade de raciocínio e de tomada de decisão? Em que medida? Discorra sobre o assunto.

O exercício da pesquisa nos faz ser mais reflexivos diante dos fatos. Disso não tenho dúvida! De um modo geral, isso nos ajuda na capacidade de tomar decisões, pois estaremos sendo inclinados a pautar nossas decisões em informações concretas e objetivas. Noto, porém, que na prática profissional, no mercado de trabalho, nem sempre “pensar muito” é visto como salutar. Esse mercado pede decisões rápidas, muitas vezes sem muita argumentação. No contexto corporativo o que importa são as decisões que levam em conta a realidade, necessidades das pessoas, com vistas a construção de uma imagem positiva no mercado ou a obtenção de lucro financeiro. Isso contrasta um pouco com a postura mais crítica diante da realidade. Penso que no contexto acadêmico há um espaço tal para a reflexão que não se encontra na realidade cotidiana da maioria das organizações.

5 - Considere sua vivência na iniciação científica e avalie se ela preparou e estimulou você a realizar pós-graduação. Discorra sobre esse fato.

R: A iniciação científica me ajudou na elaboração de projetos, formular problemas de pesquisa, desenvolver habilidades de estudo, saberes que utilizei muito na pós-graduação. Durante o período de elaboração do projeto de pesquisa para o mestrado, ainda na qualidade de candidata, recorri ao material da iniciação científica para ter maior inspiração e orientação na formulação da proposta inicial de pesquisa. Em relação ao estímulo para realizar pós-graduação isso foi notável. Cito como fatos que levaram a isso, a convivência com os professores, o gosto pela pesquisa, conversas com o orientador, contato com colegas com as mesmas aspirações.

6 - No seu entender o que é pesquisa?

R: Pesquisa é investigar algo. Esse algo pode ser um objeto de curiosidade, sem compromisso científico. Neste caso implica em pesquisas similares a um mero estudo. Quando, porém se trata de uma investigação científica requer o uso de métodos sistemáticos para a produção de conhecimento. Pesquisar é recortar a realidade e analisar a mesma com um olhar minucioso de forma atenta e sistemática. Essa prática requer a observância de dois pilares essenciais: o uso de métodos científicos, já citado e a participação no processo de comunicação científica.

Entrevistado E3

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado para participar da pesquisa OS BENEFÍCIOS ADVINDOS DA PARTICIPAÇÃO EM PROGRAMAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA: REVELAÇÕES DA LITERATURA VERSUS PERCEPÇÃO DOS ALUNOS, referente ao Trabalho de Conclusão do Curso de Biblioteconomia de José Paulo Speck Pereira, sobre a orientação da Profa. Edna Lúcia da Silva. Você foi selecionado em função de ter sido identificado como aluno ou ex-aluno do curso de mestrado em Ciência da Informação na UFSC e ter participado de programas de iniciação científica durante a graduação. Gostaríamos de esclarecer que sua participação não é obrigatória, mas muito importante para os objetivos da pesquisa. Informamos que a qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Estou tentando saber que impacto, que marcas, que resíduos a experiência como bolsista de iniciação científica deixou na sua formação profissional. Seu

depoimento a esse respeito é de vital importância para a conclusão da pesquisa; sem dados não há resultados.

Esclarecemos que os dados serão tratados de forma confidencial, uma vez que os respondentes não serão identificados e que a pesquisa assume os compromissos éticos de reunir e tratar os dados de forma fidedigna, divulgando os resultados somente para os fins propostos nos objetivos da pesquisa.

Vale salientar, que ao responder a presente entrevista, você estará concordando com sua participação na pesquisa.

Grato pela colaboração!

MÓDULO 1: Caracterização do Respondente

1.1 Idade: 34 anos

1.2 Sexo: [X] F [] M

1.3 Instituição em que cursou graduação em Biblioteconomia: UFSCar, São Carlos, SP

1.4 Ano em que concluiu a graduação: 2006

1.5 Em quais anos você participou de programas de iniciação científica: 2004

1.6 Participação em programas de iniciação científica: 1 ano (X) 2 anos () 3 anos +4 ano ()

1.5 Ano de conclusão do mestrado: 2009

1.6 Exercício profissional atual: Bibliotecária

MÓDULO 1: Percepção a respeito do Programa de Iniciação Científica

1 - Considerando que a competência referente ao conhecimento cognitivo envolve saber como lidar com a informação e saber como aprender; pensando no programa de iniciação científica, quais as competências adquiridas durante esse período? Dê seu depoimento sobre as competências adquiridas que atribui como consequência dessa experiência na sua vida estudantil.

R: Durante a iniciação científica aprendi a organizar as leituras e, conseqüentemente, passei a valorizar os fichamentos. O projeto de pesquisa elaborado na iniciação foi a base de outros que vieram posteriormente, e avalio que desenvolvi a capacidade de síntese e análise.

Foi durante a iniciação científica que dimensionei a importância da fase de planejamento da pesquisa e da construção dos instrumentos de coleta de dados (como o questionário), fato que foi importante para aprimorar as habilidades de planejamento das ações, que inclui desde a construção de objetivos até a elaboração de cronogramas.

Além disso, passei a perceber que toda pesquisa se faz à base de trocas recíprocas – de material, de conhecimento, de colaboração com professores, pesquisadores e pesquisados. Nesse sentido, avalio que a Iniciação me ajudou a agir de forma mais colaborativa.

2 - Durante o curso de graduação quais eram as vantagens competitivas que você achava que tinha em relação aos colegas que não participavam do programa de iniciação científica?

R: Avaliava que, do ponto de vista do prosseguimento dos estudos em nível de pós-graduação, a iniciação científica seria vantajosa dada a possibilidade de propiciar uma familiaridade com a pesquisa científica, além de valorizar o currículo pessoal, dada a possibilidade de participar de eventos e publicar textos científicos.

Além disso, avaliava que a iniciação científica traria conhecimentos não abordados nas disciplinas curriculares da graduação.

Entretanto, por outro lado, julgava que a iniciação científica enfraqueceria o aspecto prático da profissão (a prática de estágios), principalmente por avaliar que a profissão de bibliotecário exige um saber eminentemente técnico.

3 - A participação no programa de iniciação científica interferiu de que forma no seu futuro profissional e na sua atuação profissional?

R: *Ter participado da atividade de iniciação científica despertou o meu interesse cursar o mestrado em Ciência da Informação e facilitou a elaboração de projetos envolvendo estudos de usuários (um dos temas investigados na iniciação) no ambiente profissional.*

4 - A sua vivência como bolsista de iniciação científica aumentou sua visão crítica, sua capacidade de raciocínio e de tomada de decisão? Em que medida? Discorra sobre o assunto.

R: *Eu acho que a iniciação científica aumentou a minha visão crítica especificamente sobre o tema estudado, o que considero natural, uma vez que quanto mais leituras são efetuadas e quanto maior a familiaridade com o objeto de investigação, maior a capacidade de crítica.*

Em relação à capacidade de raciocínio, avalio que a iniciação científica não interferiu nessa questão. Apenas acho que a iniciação científica exigiu uma disciplina – de leitura, de estudo – que eu antes não possuía, sendo que esta (a disciplina) contribuiu (e contribui) até os dias hoje para a melhora no aprendizado.

Em relação à tomada de decisão, avalio que hoje eu tenho mais segurança para planejar estudos relativos à temática investigada, o que avalio que beneficia a minha atuação profissional.

5 - Considere sua vivência na iniciação científica e avalie se ela preparou e estimulou você a realizar pós-graduação. Discorra sobre esse fato.

R: *Ainda que durante a iniciação científica eu não houvesse decidido dar prosseguimento aos estudos de pós-graduação, pois eu desejava ingressar no mercado de trabalho o mais breve possível, avalio que a iniciação científica me preparou para a realização do mestrado, tanto na fase seletiva (elaboração de projeto), quanto na escolha do tema da dissertação.*

6 - No seu entender o que é pesquisa?

R: *Em um sentido amplo, considero pesquisa a atividade de investigação sistemática sobre algo que se deseja conhecer ou aprofundar, com o intuito de posteriormente compartilhar ou contribuir com o desenvolvimento de pesquisas afins.*

Entrevistado E4

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado para participar da pesquisa OS BENEFÍCIOS ADVINDOS DA PARTICIPAÇÃO EM PROGRAMAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA: REVELAÇÕES DA LITERATURA VERSUS PERCEPÇÃO DOS ALUNOS, referente ao Trabalho de Conclusão do Curso de Biblioteconomia de José Paulo Speck Pereira, sobre a orientação da Profa. Edna Lúcia da Silva. Você foi selecionado em função de ter sido identificado como aluno ou ex-aluno do curso de mestrado em Ciência da Informação na UFSC e ter participado de programas de iniciação científica durante a graduação. Gostaríamos de esclarecer que sua participação não é obrigatória, mas muito importante para os objetivos da pesquisa. Informamos que a qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Estou tentando saber que impacto, que marcas, que resíduos a experiência como bolsista de iniciação científica deixou na sua formação profissional. Seu depoimento a esse respeito é de vital importância para a conclusão da pesquisa; sem dados não há resultados.

Esclarecemos que os dados serão tratados de forma confidencial, uma vez que os respondentes não serão identificados e que a pesquisa assume os compromissos éticos de reunir e tratar os dados de forma fidedigna, divulgando os resultados somente para os fins propostos nos objetivos da pesquisa. Vale salientar, que ao responder a presente entrevista, você estará concordando com sua participação na pesquisa.

Grato pela colaboração!

MÓDULO 1: Caracterização do Respondente

1.1 Idade: 30 anos

1.2 Sexo: [] F [x] M

1.3 Instituição em que cursou graduação em Biblioteconomia: Universidade Federal de Santa Catarina

1.4 Ano em que concluiu a graduação: 2008

1.5 Em quais anos você participou de programas de iniciação científica: 2006 e 2007

1.6 Participação em programas de iniciação científica: 1 ano () 2 anos (x) 3 anos +4 ano ()

1.5 Ano de conclusão do mestrado: o Mestrado está em andamento, a previsão de conclusão é em 2010.

1.6 Exercício profissional atual: Atualmente estou com dedicação exclusiva para o Mestrado

MÓDULO 1: Percepção a respeito do Programa de Iniciação Científica

1 - Considerando que a competência referente ao conhecimento cognitivo envolve saber como lidar com a informação e saber como aprender; pensando no programa de iniciação científica, quais as competências adquiridas durante esse período? Dê seu depoimento sobre as competências adquiridas que atribui como consequência dessa experiência na sua vida estudantil.

R: As competências que obtive enquanto aluno de Iniciação Científica me proporcionaram um olhar crítico sobre a literatura no campo da Ciência da Informação, especialmente na linha de pesquisa de Profissionais da Informação. Na fase do levantamento bibliográfico, foi possível identificar diversas abordagens sobre o tema pesquisado e as reflexões advindas da leitura da literatura levantada e dos inúmeros encontros com a orientadora ampliaram o meu conhecimento teórico e prático. A fase da coleta de dados se transcorreu minuciosamente perfazendo o tempo de coleta determinado pelo projeto. Esta fase, uma das mais importantes da pesquisa, exigiu paciência e dedicação do pesquisador em apurar e tabular os dados da forma mais exata possível, para que o resultado obtido seja o mais fidedigno com a realidade. Em seguida, a fase de elaboração de um texto acadêmico, seguindo as normas definidas pela academia e também a correção textual precisa do orientador permitiram eu aprimorar o texto acadêmico.

2 - Durante o curso de graduação quais eram as vantagens competitivas que você achava que tinha em relação aos colegas que não participavam do programa de iniciação científica?

R: Eu não busquei na Iniciação Científica uma forma de competição com os colegas e sim uma aproximação maior com a pesquisa, como forma de aprendizagem. A partir da Iniciação Científica, foi possível identificar e vivenciar todas as etapas de uma pesquisa. Creio que esta prática contribui, inicialmente, na busca e seleção de documentos relevantes, leitura e fichamento dos textos, coleta de dados e redação do trabalho final. Creio, que este é um diferencial em relação aos alunos que não participaram de nenhum programa de iniciação científica.

3 - A participação no programa de iniciação científica interferiu de que forma no seu futuro profissional e na sua atuação profissional?

R: A participação no programa de iniciação científica interferiu diretamente no meu futuro profissional, pois a partir dos conhecimentos advindos desta experiência eu decidi continuar os meus estudos ingressando no Mestrado.

4 - A sua vivência como bolsista de iniciação científica aumentou sua visão crítica, sua capacidade de raciocínio e de tomada de decisão? Em que medida? Discorra sobre o assunto.

R: *A minha vivência como bolsista de iniciação científica contribuiu muito para aumentar a minha visão crítica e também a capacidade de raciocínio e tomada de decisão. Mais do que buscar respostas, a iniciação científica contribuiu para a formulação de perguntas e conseqüentemente novos problemas de pesquisa que fatalmente culminaram com a minha inserção no Mestrado. Acredito que este é um dos principais objetivos da iniciação científica, ou seja, permitir ao aluno ingressar no meio científico e acadêmico e a partir de questionamentos e novas descobertas, refletir sobre o que está sendo estudado e levantar novas possibilidades de estudos.*

5 - Considere sua vivência na iniciação científica e avalie se ela preparou e estimulou você a realizar pós-graduação. Discorra sobre esse fato.

R: *A iniciação científica me preparou e estimulou para realizar a pós-graduação. O conhecimento que adquiri enquanto aluno de iniciação científica foram fundamentais na minha decisão. Através deste conhecimento, percebi o quanto é importante pesquisar. Através da pesquisa é possível refletir sobre um determinado assunto e através da reflexão e das abordagens diversas sobre um problema de pesquisa é possível apontar possíveis soluções.*

6 - No seu entender o que é pesquisa?

R: *Existem várias definições para pesquisa, no meu entender a pesquisa é um instrumento que contribui para evolução da ciência. Portanto, sem pesquisa não há Ciência, e identificar um problema de pesquisa e buscar soluções consistem algumas das etapas que compõem a pesquisa. Para obter um resultado satisfatório na pesquisa, são utilizados métodos e técnicas de acordo com o problema levantado.*

Entrevistado E5

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado para participar da pesquisa OS BENEFÍCIOS ADVINDOS DA PARTICIPAÇÃO EM PROGRAMAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA: REVELAÇÕES DA LITERATURA VERSUS PERCEPÇÃO DOS ALUNOS, referente ao Trabalho de Conclusão do Curso de Biblioteconomia de José Paulo Speck Pereira, sobre a orientação da Profa. Edna Lúcia da Silva. Você foi selecionado em função de ter sido identificado como aluno ou ex-aluno do curso de mestrado em Ciência da Informação na UFSC e ter participado de programas de iniciação científica durante a graduação. Gostaríamos de esclarecer que sua participação não é obrigatória, mas muito importante para os objetivos da pesquisa. Informamos que a qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Estou tentando saber que impacto, que marcas, que resíduos a experiência como bolsista de iniciação científica deixou na sua formação profissional. Seu depoimento a esse respeito é de vital importância para a conclusão da pesquisa; sem dados não há resultados.

Esclarecemos que os dados serão tratados de forma confidencial, uma vez que os respondentes não serão identificados e que a pesquisa assume os compromissos éticos de reunir e tratar os dados de forma fidedigna, divulgando os resultados somente para os fins propostos nos objetivos da pesquisa.

Vale salientar, que ao responder a presente entrevista, você estará concordando com sua participação na pesquisa.

Grato pela colaboração!

MÓDULO 1: Caracterização do Respondente

1.1 Idade: 29 anos

1.2 Sexo: [] F [X] M

1.3 Instituição em que cursou graduação em Biblioteconomia: UFSC

1.4 Ano em que concluiu a graduação: 2005

1.5 Em quais anos você participou de programas de iniciação científica: 2004 e 2005

1.6 Participação em programas de iniciação científica: 1 ano (X) 2 anos () 3 anos +4 ano ()

1.5 Ano de conclusão do mestrado: 2008

1.6 Exercício profissional atual: doutorando (Bolsa FAPESP)

MÓDULO 1: Percepção a respeito do Programa de Iniciação Científica

1 - Considerando que a competência referente ao conhecimento cognitivo envolve saber como lidar com a informação e saber como aprender; pensando no programa de iniciação científica, quais as competências adquiridas durante esse período? Dê seu depoimento sobre as competências adquiridas que atribui como consequência dessa experiência na sua vida estudantil.

R: *As competências por mim adquiridas durante o período em que fui contemplado por bolsas de iniciação científica foram relacionadas a banco de dados e bibliotecas digitais. Como atuei no Núcleo de Pesquisa em Literatura, Linguística e Informática, NUPILL/UFSC, o qual mantém e desenvolve um banco de dados de história literária e uma biblioteca digital de literatura, pude aprender e aprimorar diariamente habilidades voltadas à digitalização de textos, tratamento de imagens, manuseio de banco de dados e biblioteca digital, bem como questões conceituais e práticas dessas unidades informacionais pouco tratadas no currículo vigente na minha formação em nível de graduação.*

2 - Durante o curso de graduação quais eram as vantagens competitivas que você achava que tinha em relação aos colegas que não participavam do programa de iniciação científica?

R: *Por se tratar de um curso noturno, onde os alunos raramente vivenciam o universo acadêmico por motivos normalmente de trabalhos externos à universidade, a primeira vantagem evidente é o contato integral com a universidade e tudo que a permeia. Creio que o tempo disponível previsto para estudo, o uso da infraestrutura da universidade, o contato direto com o pessoal docente e administrativo e a aproximação aos moldes acadêmicos, tanto burocráticos quanto teóricos, são sem dúvida alguma significativas vantagens competitivas perante os não contemplados por tal benefício.*

3 - A participação no programa de iniciação científica interferiu de que forma no seu futuro profissional e na sua atuação profissional?

R: *De forma definitiva. A decisão de seguir no universo acadêmico por meio da pós-graduação e o objetivo de ser professor universitário não foi criado em sala de aula, mas sim nos laboratórios e núcleos de pesquisas.*

4 - A sua vivência como bolsista de iniciação científica aumentou sua visão crítica, sua capacidade de raciocínio e de tomada de decisão? Em que medida? Discorra sobre o assunto.

R: *Conviver com colegas de outras áreas de conhecimento (como foi meu caso) e, sobretudo com professores experientes sem sombra de dúvidas aguçou minha visão crítica, minha capacidade de raciocínio e de tomada de decisão, na medida em que minha disciplina de estudo passou a ser minha carreira profissional, inserida completamente em meu cotidiano. O próprio empenho individual é consideravelmente abastecido por essa que considero minha segunda graduação (os grupos de pesquisa).*

5 - Considere sua vivência na iniciação científica e avalie se ela preparou e estimulou você a realizar pós-graduação. Discorra sobre esse fato.

R: Como disse anteriormente, minha decisão em ingressar na pós-graduação se deve quase que totalmente à minha participação no programa de iniciação científica (fora, é claro, o apoio familiar para tal carreira).

O tema de minha pesquisa de Mestrado saiu de discussões e problemas surgidos no núcleo de pesquisa.

6 - No seu entender o que é pesquisa?

R: É querer saber o que ainda não se sabe...

Pesquisa científica é fazer isso com rigor teórico e metodológico.

Entrevistado E6

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado para participar da pesquisa OS BENEFÍCIOS ADVINDOS DA PARTICIPAÇÃO EM PROGRAMAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA: REVELAÇÕES DA LITERATURA VERSUS PERCEPÇÃO DOS ALUNOS, referente ao Trabalho de Conclusão do Curso de Biblioteconomia de José Paulo Speck Pereira, sobre a orientação da Profa. Edna Lúcia da Silva. Você foi selecionado em função de ter sido identificado como aluno ou ex-aluno do curso de mestrado em Ciência da Informação na UFSC e ter participado de programas de iniciação científica durante a graduação. Gostaríamos de esclarecer que sua participação não é obrigatória, mas muito importante para os objetivos da pesquisa. Informamos que a qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Estou tentando saber que impacto, que marcas, que resíduos a experiência como bolsista de iniciação científica deixou na sua formação profissional. Seu depoimento a esse respeito é de vital importância para a conclusão da pesquisa; sem dados não há resultados.

Esclarecemos que os dados serão tratados de forma confidencial, uma vez que os respondentes não serão identificados e que a pesquisa assume os compromissos éticos de reunir e tratar os dados de forma fidedigna, divulgando os resultados somente para os fins propostos nos objetivos da pesquisa.

Vale salientar, que ao responder a presente entrevista, você estará concordando com sua participação na pesquisa.

Grato pela colaboração!

MÓDULO 1: Caracterização do Respondente

1.1 Idade: 28 anos

1.2 Sexo: [X] F [] M

1.3 Instituição em que cursou graduação em Biblioteconomia: UEL

1.4 Ano em que concluiu a graduação: 2003

1.5 Em quais anos você participou de programas de iniciação científica: 2001 a 2003

1.6 Participação em programas de iniciação científica: 1 ano () 2 anos (X) 3 anos +4 ano ()

1.5 Ano de conclusão do mestrado: 2005

1.6 Exercício profissional atual: Professora Assistente

MÓDULO 1: Percepção a respeito do Programa de Iniciação Científica

1 - Considerando que a competência referente ao conhecimento cognitivo envolve saber como lidar com a informação e saber como aprender; pensando no programa de iniciação científica, quais as competências adquiridas durante esse período? Dê seu depoimento sobre as competências adquiridas que atribui como consequência dessa experiência na sua vida estudantil.

R: *A iniciação científica proporcionou aprendizado extra-classe, pois conteúdos não cobertos por disciplinas da grade curricular puderam ser explorados em profundidade. A participação em projetos permitiu também um amadurecimento quanto aos objetos da Ciência da Informação, o entendimento da área como um campo científico e não como uma área meramente tecnicista e o diálogo com outras áreas correlatas (Administração, Comunicação, História, Ciência da Computação, Ciências Sociais, Letras e Linguística, entre outras). A experiência em projetos também possibilitou conhecer diferentes metodologias, oportunizou participação em eventos, o contato com pesquisadores experientes e o despertar pelo interesse em prosseguir na atividade acadêmica.*

2 - Durante o curso de graduação quais eram as vantagens competitivas que você achava que tinha em relação aos colegas que não participavam do programa de iniciação científica?

R: *Os alunos que participavam de projetos apresentavam visivelmente maior predisposição a dialogar e a debater os assuntos propostos em sala de aula e a emitir opiniões correlacionando temas estudados pelo grupo de pesquisa. Também era visível que acompanhávamos de maneira mais próxima as atualizações da área por diferentes canais formais e informais de informação.*

3 - A participação no programa de iniciação científica interferiu de que forma no seu futuro profissional e na sua atuação profissional?

R: *Diretamente. Foi a partir da participação em IC que pude identificar qual seria meu perfil de atuação na área e optei por prosseguir em capacitação (Mestrado) para, posteriormente, ingressar na carreira docente.*

4 - A sua vivência como bolsista de iniciação científica aumentou sua visão crítica, sua capacidade de raciocínio e de tomada de decisão? Em que medida? Discorra sobre o assunto.

R: *Considero que sim. Como mencionado na questão 1, avalio que tais habilidades aumentaram sobremaneira na medida em que a iniciação científica oportunizou contato com conteúdos adicionais aos ministrados em classe, o contato com pesquisadores, participação em eventos, entre outros.*

5 - Considere sua vivência na iniciação científica e avalie se ela preparou e estimulou você a realizar pós-graduação. Discorra sobre esse fato.

R: *O estímulo foi direto, pois a iniciação científica despertou meu interesse pela pesquisa e pela carreira docente, bem como a experiência foi preponderante para o amadurecimento necessário para o ingresso no Mestrado, sem que houvesse cursado especialização Lato Sensu, uma vez que as atividades e produções durante o período da IC fortaleceram meu currículo para o processo de seleção Stricto Sensu (Mestrado).*

6 - No seu entender o que é pesquisa?

R: *Entendo a pesquisa como o cerne da Ciência e como uma imersão direta a partir da exploração de determinado objeto de estudo, com base em pressupostos teóricos, métodos e procedimentos científicos para que seus resultados tenham validade perante a comunidade científica (pares).*

Entrevistado E7

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado para participar da pesquisa OS BENEFÍCIOS ADVINDOS DA PARTICIPAÇÃO EM PROGRAMAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA: REVELAÇÕES DA LITERATURA VERSUS PERCEPÇÃO DOS ALUNOS, referente ao Trabalho de Conclusão do Curso de Biblioteconomia de José Paulo Speck Pereira, sobre a orientação da Profa. Edna Lúcia da Silva. Você foi selecionado em função de ter sido identificado como aluno ou ex-aluno do curso de mestrado em Ciência da Informação na UFSC e ter participado de programas de iniciação científica durante a graduação. Gostaríamos de esclarecer que sua participação não é obrigatória, mas muito importante para os objetivos da pesquisa. Informamos que a qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Estou tentando saber que impacto, que marcas, que resíduos a experiência como bolsista de iniciação científica deixou na sua formação profissional. Seu depoimento a esse respeito é de vital importância para a conclusão da pesquisa; sem dados não há resultados.

Esclarecemos que os dados serão tratados de forma confidencial, uma vez que os respondentes não serão identificados e que a pesquisa assume os compromissos éticos de reunir e tratar os dados de forma fidedigna, divulgando os resultados somente para os fins propostos nos objetivos da pesquisa.

Vale salientar, que ao responder a presente entrevista, você estará concordando com sua participação na pesquisa.

Grato pela colaboração!

MÓDULO 1: Caracterização do Respondente

1.1 Idade: 28 anos

1.2 Sexo: [X] F [] M

1.3 Instituição em que cursou graduação em Biblioteconomia: UFSC

1.4 Ano em que concluiu a graduação: 2004

1.5 Em quais anos você participou de programas de iniciação científica: 2001/2002 , 2002/2003, 2003/2004

1.6 Participação em programas de iniciação científica: 1 ano () 2 anos (X) 3 anos () 4 anos ()

1.5 Ano de conclusão do mestrado: 2007

1.6 Exercício profissional atual: Bibliotecária

MÓDULO 1: Percepção a respeito do Programa de Iniciação Científica

1 - Considerando que a competência referente ao conhecimento cognitivo envolve saber como lidar com a informação e saber como aprender; pensando no programa de iniciação científica, quais as competências adquiridas durante esse período? Dê seu depoimento sobre as competências adquiridas que atribui como consequência dessa experiência na sua vida estudantil.

R: *A iniciação científica despertou a capacidade de aprender a aprender, com a autonomia na busca pelas informações e pelo conhecimento. Entre as competências que desenvolvi posso destacar:*

Competências técnicas: conhecimento técnico;

Competências intelectuais: reconhecimento de problemas e proposição de soluções; aplicação de conhecimento na solução de problemas; transferência de conhecimento para orientador, colaboradores e pares; raciocínio lógico;

Competências comportamentais: criatividade; iniciativa; análise/senso crítico; observação; concentração; motivação; persistência e autonomia;

Competências sociais: relacionamento interpessoal;

Competências de comunicação: comunicação e redação;

Competências organizacionais: planejamento e organização; administração do tempo e de recursos.

2 - Durante o curso de graduação quais eram as vantagens competitivas que você achava que tinha em relação aos colegas que não participavam do programa de iniciação científica?

R: *A iniciação científica me colocou em contato com algumas facetas da universidade e do contexto acadêmico, ampliando o meu leque de contatos e conhecimentos. Também estava mais integrada a graduação. O trabalho de pesquisa despertou a independência/iniciativa na busca da informação, desenvolvendo a capacidade de analisá-las e selecioná-las, assimilando uma gama de informações além das repassadas em sala de aula.*

Também, possibilitou a participação de eventos como o Seminário de Iniciação científica, a publicação de trabalhos e de artigos em periódicos científicos.

Neste sentido, eu acredito que tinha um grande diferencial, pois buscava mais informações e adquiria mais conhecimentos, eu estava mais informada e atendida com a área, também possuía publicações no currículo e isto possibilitava que eu me destacasse entre os demais alunos que não participam do programa.

3 - A participação no programa de iniciação científica interferiu de que forma no seu futuro profissional e na sua atuação profissional?

R: *A iniciação científica me colocou em contato com a atividade científica, fazendo crescer a vontade de pesquisar, de “fazer ciência”. A iniciação científica foi o primeiro passo de uma trajetória que pretendo seguir como pesquisadora.*

Através da iniciação científica descobri novas possibilidades profissionais. Também me tornou uma profissional mais preparada, que analisa, reflete, planeja e tem mais segurança na tomada de decisões. Em outras palavras, uma profissional que pensa no que está fazendo e no porquê de fazer desta ou daquela maneira, não simplesmente faz.

Atuo num ambiente acadêmico e a minha passagem pela iniciação científica me auxilia muito no entendimento das atividades científicas e acadêmicas, também auxilia na minha atuação no serviço de referência da biblioteca universitária, na medida em que eu tenho uma experiência / noção mais aguçada dos passos de uma pesquisa e do tipo de informação que os acadêmicos podem necessitar.

4 - A sua vivência como bolsista de iniciação científica aumentou sua visão crítica, sua capacidade de raciocínio e de tomada de decisão? Em que medida? Discorra sobre o assunto.

R: *Sim, com a atividade de pesquisa o aluno precisa analisar e refletir sobre os dados que possui, também precisa ter raciocínio lógico e tomar decisões acerca dos caminhos que irá seguir dentro do seu plano de trabalho, afinal cada escolha pode implicar no sucesso ou fracasso da pesquisa. Eu acredito que a iniciação científica aumenta a visão crítica, a capacidade de raciocínio e a tomada de decisão na medida em que são muito necessárias ao trabalho do pesquisador. Entretanto, eu acredito que é preciso ter um perfil para ser bolsista de iniciação científica.*

5 - Considere sua vivência na iniciação científica e avalie se ela preparou e estimulou você a realizar pós-graduação. Discorra sobre esse fato.

Sim, graças à iniciação científica eu me interessei em cursar o mestrado e ainda planejo cursar o doutorado. A iniciação científica me auxiliou muito, pois eu me sentia mais preparada e ter tido um contato com esta atividade, com os meandros da pesquisa e da ciência me auxiliou a superar com mais facilidade algumas dificuldades durante o mestrado.

6 - No seu entender o que é pesquisa?

R: *Pesquisa é a atividade de investigação que utiliza um método científico para a descoberta de respostas a um problema ou questão, gerando assim um novo conhecimento. É a busca de*

informações e explicações para determinadas situações ou fenômenos, sempre adotando um método científico. A pesquisa ao ser planejada precisa ter uma questão a ser respondida, objetivos claros e um método a ser seguido.

Entrevistado E8

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado para participar da pesquisa OS BENEFÍCIOS ADVINDOS DA PARTICIPAÇÃO EM PROGRAMAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA: REVELAÇÕES DA LITERATURA VERSUS PERCEPÇÃO DOS ALUNOS, referente ao Trabalho de Conclusão do Curso de Biblioteconomia de José Paulo Speck Pereira, sobre a orientação da Profa. Edna Lúcia da Silva. Você foi selecionado em função de ter sido identificado como aluno ou ex-aluno do curso de mestrado em Ciência da Informação na UFSC e ter participado de programas de iniciação científica durante a graduação. Gostaríamos de esclarecer que sua participação não é obrigatória, mas muito importante para os objetivos da pesquisa. Informamos que a qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Estou tentando saber que impacto, que marcas, que resíduos a experiência como bolsista de iniciação científica deixou na sua formação profissional. Seu depoimento a esse respeito é de vital importância para a conclusão da pesquisa; sem dados não há resultados.

Esclarecemos que os dados serão tratados de forma confidencial, uma vez que os respondentes não serão identificados e que a pesquisa assume os compromissos éticos de reunir e tratar os dados de forma fidedigna, divulgando os resultados somente para os fins propostos nos objetivos da pesquisa.

Vale salientar, que ao responder a presente entrevista, você estará concordando com sua participação na pesquisa.

Grato pela colaboração!

MÓDULO 1: Caracterização do Respondente

1.1 Idade: 24 anos

1.2 Sexo: [x] F [] M

1.3 Instituição em que cursou graduação em Biblioteconomia: Universidade Federal de Santa Catarina

1.4 Ano em que concluiu a graduação: 2007

1.5 Em quais anos você participou de programas de iniciação científica: 2006 e 2007

1.6 Participação em programas de iniciação científica: 1 ano () 2 anos (x) 3 anos +4 ano ()

1.5 Ano de conclusão do mestrado: 2010 (em andamento)

1.6 Exercício profissional atual: tutora de educação a distância

MÓDULO 1: Percepção a respeito do Programa de Iniciação Científica

1 - Considerando que a competência referente ao conhecimento cognitivo envolve saber como lidar com a informação e saber como aprender; pensando no programa de iniciação científica, quais as competências adquiridas durante esse período? Dê seu depoimento sobre as competências adquiridas que atribui como consequência dessa experiência na sua vida estudantil.

R: As principais competências adquiridas foram: aptidão para desenvolver uma pesquisa científica, elaborar projeto de pesquisa, resumo e artigo científico, pesquisar em bases de dados, preparar e apresentar trabalho em evento. Além disso, destaca-se o desenvolvimento da facilidade de escrita, capacidade de concentração, capacidade de abstrair e sintetizar textos acadêmicos e científicos, pensar de forma sistemática e trabalhar em equipe.

2 - Durante o curso de graduação quais eram as vantagens competitivas que você achava que tinha em relação aos colegas que não participavam do programa de iniciação científica?

R: *Facilidade de identificar fontes de informação científica e diferenciá-las de outras fontes, habilidade para efetuar busca em bases de dados, habilidade para escrever trabalhos acadêmicos, capacidade de abstração e interpretação de textos acadêmicos.*

3 - A participação no programa de iniciação científica interferiu de que forma no seu futuro profissional e na sua atuação profissional?

R: *A iniciação científica naturalmente me instigou a atuar com pesquisa científica. A partir de então cresceu o interesse pelo mestrado e pela área acadêmica. A iniciação científica foi determinante para a definição do meu futuro profissional, pois auxiliou no desenvolvimento de competências e possibilitou a entrada na pós-graduação e na educação a distância. Em qualquer atividade que eu desenvolva profissionalmente em minha área de formação, os conhecimentos adquiridos com a iniciação científica poderão ser aplicados.*

4 - A sua vivência como bolsista de iniciação científica aumentou sua visão crítica, sua capacidade de raciocínio e de tomada de decisão? Em que medida? Discorra sobre o assunto.

R: *A pesquisa científica requer constante reflexão e crítica, bem como capacidade de raciocínio. Assim, a experiência da iniciação científica potencializou o desenvolvimento desses três itens, com destaque para a capacidade de concentração e de abstração. A tomada de decisão foi desenvolvida durante todo o processo científico, por exemplo, ao se optar por determinadas fontes de informação em detrimento de outras, por determinados autores e fontes de informação e até mesmo na escolha do tema da pesquisa. As principais decisões eram tomadas juntamente com o professor orientador, que era responsável pelo projeto de pesquisa.*

5 - Considere sua vivência na iniciação científica e avalie se ela preparou e estimulou você a realizar pós-graduação. Discorra sobre esse fato.

R: *Da iniciação científica para a pós-graduação foi um processo praticamente natural. Essa experiência me preparou com os conhecimentos sobre as etapas de desenvolvimento de uma pesquisa científica e na identificação dos principais trabalhos científicos de uma área de estudos, com as fontes de informação adequadas. Além disso, foi possível aprender a trabalhar em conjunto com um professor orientador. Essa experiência me conferiu habilidades necessárias para elaborar o projeto de pesquisa para o ingresso no mestrado.*

6 - No seu entender o que é pesquisa?

R: *Pesquisa é um processo sistemático que inicia com um problema a ser estudado. Esse processo passa também pelas etapas de definição de objetivos, justificativa, revisão de literatura, metodologia e resultados. Esses últimos devem ser publicados em algum canal formal de comunicação científica, como os periódicos científicos. No Brasil a pesquisa científica é realizada principalmente por universidades e por seus programas de pós-graduação. Assim, os programas de iniciação científica, que preparam os alunos para a inserção na pós-graduação, têm um importante papel na formação de futuros pesquisadores, além de ser um diferencial na formação de acadêmica.*

Entrevistado E9

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado para participar da pesquisa OS BENEFÍCIOS ADVINDOS DA PARTICIPAÇÃO EM PROGRAMAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA: REVELAÇÕES DA LITERATURA VERSUS PERCEPÇÃO DOS ALUNOS, referente ao Trabalho de Conclusão do Curso de Biblioteconomia de José Paulo Speck Pereira, sobre a orientação da Profa. Edna Lúcia da Silva. Você foi selecionado em função de ter sido identificado como aluno ou ex-aluno do curso de mestrado em Ciência da Informação na UFSC e ter participado de programas de iniciação científica durante a graduação. Gostaríamos de esclarecer que sua participação não é obrigatória, mas muito importante para os objetivos da pesquisa. Informamos que a qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Estou tentando saber que impacto, que marcas, que resíduos a experiência como bolsista de iniciação científica deixou na sua formação profissional. Seu depoimento a esse respeito é de vital importância para a conclusão da pesquisa; sem dados não há resultados.

Esclarecemos que os dados serão tratados de forma confidencial, uma vez que os respondentes não serão identificados e que a pesquisa assume os compromissos éticos de reunir e tratar os dados de forma fidedigna, divulgando os resultados somente para os fins propostos nos objetivos da pesquisa.

Vale salientar, que ao responder a presente entrevista, você estará concordando com sua participação na pesquisa.

Grato pela colaboração!

MÓDULO 1: Caracterização do Respondente

1.1 Idade: 29 anos

1.2 Sexo: [] F [X] M

1.3 Instituição em que cursou graduação em Biblioteconomia: Universidade Estadual de Londrina

1.4 Ano em que concluiu a graduação: 2003

1.5 Em quais anos você participou de programas de iniciação científica: 2000, 2001 e 2002

1.6 Participação em programas de iniciação científica: 1 ano () 2 anos (X) 3 anos +4 ano ()

1.5 Ano de conclusão do mestrado: 2005

1.6 Exercício profissional atual: professor universitário

MÓDULO 1: Percepção a respeito do Programa de Iniciação Científica

1 Considerando que a competência referente ao conhecimento cognitivo envolve saber como lidar com a informação e saber como aprender; pensando no programa de iniciação científica, quais as competências adquiridas durante esse período? Dê seu depoimento sobre as competências adquiridas que atribui como consequência dessa experiência na sua vida estudantil.

R: A iniciação científica possibilita ao aluno ter contato com a dinâmica da pesquisa, a qual trata da leitura, da sistematização de idéias, da comunicação de resultados etc. Entre as competências adquiridas posso citar a capacidade de leitura, síntese e escrita científica. Acredito que a iniciação científica ofereceu a mim condições de trabalhar com teorias de um modo mais natural. É muito comum encontrarmos na academia pessoas que não passaram pelo programa de iniciação científica que têm dificuldades com a leitura de textos e a análise de idéias. Creio que foi o programa que me possibilitou sair com mais facilidade dos casos práticos do cotidiano do ofício de bibliotecário para pensar de maneira mais ampla e teórica.

2 - Durante o curso de graduação quais eram as vantagens competitivas que você achava que tinha em relação aos colegas que não participavam do programa de iniciação científica?

R: *Percebia que adquiri uma facilidade na compreensão de idéias e capacidade de crítica. Acho que a inserção do aluno na pesquisa o força a tratar os diversos temas, mesmo que não sejam os de pesquisa, pelo critério científico.*

3 - A participação no programa de iniciação científica interferiu de que forma no seu futuro profissional e na sua atuação profissional?

R: *Decisivamente. Conclui a pós-graduação em tempo hábil devido às competências adquiridas na iniciação científica e as ampliei. Minha prática profissional deve exclusivamente à iniciação científica, porque a leitura direcionada, a síntese de idéias e a escrita são ferramentas indispensáveis de um professor universitário.*

4 - A sua vivência como bolsista de iniciação científica aumentou sua visão crítica, sua capacidade de raciocínio e de tomada de decisão? Em que medida? Discorra sobre o assunto.

R: *De certo modo, em todo ambiente de trabalho é exigida a habilidade de tomar decisões corretas. A diferença é que a conduta científica obriga o sujeito a considerar mais variáveis e ser menos passional e prático. Creio que por ter sido bolsista de iniciação científica tenho que tomar decisões com mais segurança. Quanto a visão crítica e a capacidade de raciocínio foram, sem dúvida, ampliadas pela participação no programa.*

5 - Considere sua vivência na iniciação científica e avalie se ela preparou e estimulou você a realizar pós-graduação. Discorra sobre esse fato.

R: *Considero que a vivência na iniciação científica preparou-me adequadamente para a pós-graduação e me incentivou a docência. É, de fato, a única oportunidade que o aluno tem de perceber como é o trabalho de um pesquisador e conhecer mais uma carreira profissional.*

6 - No seu entender o que é pesquisa?

R: *Sem relacionar posições teóricas, aceito como pesquisa a ação social que leva uma comunidade de pessoas a buscar conhecimento sobre um dado tema, problema ou objeto. Essa ação é guiada por códigos de conduta que asseguram a liberdade de pensamento, a criação, a crítica e a contestação de conhecimentos. Além de envolver pessoas compromissadas, a pesquisa na atualidade conta com instituições que gerenciam pessoas e a dinâmica da ciência, por isso, não é livre de ideologias e objetivos organizacionais. O programa de iniciação científica é um exemplo do planejamento científico que rege a reprodução de recursos humanos para a pesquisa.*